



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS- UFAM
INSTITUTO DE FILOSOFIA CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA-PPGEOG

DALILA NAIARA COSTA HENRIQUE DA SILVA

MIGRAÇÃO, MÚSICA E LUGAR: IDENTIDADE TERRITORIAL
REPRESENTADA PELA CULTURA MUSICAL DO MIGRANTE INTERESTADUAL
EM MANAUS.

MANAUS-AM
2018

DALILA NAIARA COSTA HENRIQUE DA SILVA

**MIGRAÇÃO, MÚSICA E LUGAR: IDENTIDADE TERRITORIAL
REPRESENTADA PELA CULTURA MUSICAL DO MIGRANTE INTERESTADUAL
EM MANAUS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia - PGEOG da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, nível de Mestrado, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Geografia. Área de concentração: Território, Espaço e Cultura na Amazônia.

Orientadora: Dr^a. AMÉLIA REGINA BATISTA NOGUEIRA

**MANAUS/AM
2018**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S586m Silva, Dalila Naiara Costa Henrique da
Migração, Música e Lugar: : Identidade territorial representada
pela cultura musical do migrante interestadual em Manaus. / Dalila
Naiara Costa Henrique da Silva. 2018
136 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Amélia Regina Batista Nogueira
Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do
Amazonas.

1. Lugar. 2. Identidade. 3. Migrantes. 4. Música. 5.
Representação. I. Nogueira, Amélia Regina Batista II. Universidade
Federal do Amazonas III. Título



Poder Executivo

Ministério da Educação

Universidade Federal do Amazonas

IFCHS/DEGEO/Programa de Pós-Graduação em Geografia

Mestrado Conceito 4 - Aprovado pela Resolução nº 030 - CONSUNI de

17/08/95 Credenciado pela CAPES em 02/2000

Reconhecido através de Portaria Nº 1.077 - MEC, de 31 de agosto de 2012



PORTARIA Nº 009/ 2018

O COORDENADOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, usando de suas atribuições estatutárias, e

CONSIDERANDO o documento oficializado junto à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Geografia, no que concerne à composição de Banca Examinadora de Defesa Pública de Mestrado,

CONSIDERANDO o que dispõe o Artigo 10 Resolução Nº 033/2014-CONSEPE, de 30 de setembro de 2014,

RESOLVE:

CONSTITUIR com os(as) doutores(as) abaixo nominados(as), a Banca Examinadora de Defesa Pública de Dissertação de Mestrado do discente **DALILA NAIARA COSTA HENRIQUE DA SILVA**, do Programa de Pós-Graduação em Geografia, a qual ocorrerá no dia **04 de Junho de 2018**, às **14h00**, na Sala de Audiovisual do Departamento de Geografia:

Presidente:

- Professora Doutora **AMÉLIA REGINA BATISTA NOGUEIRA**
PPGEOG/UFAM

Membros Titulares:

- Prof. Dr. **JOÃO BAPTISTA FERREIRA DE MELLO**
PPGEO/UERJ
- Prof. Dr. **MARCOS CASTRO DE LIMA**
PPGEOG/UFAM

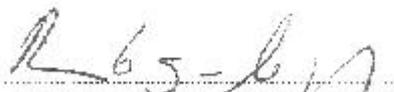
Membros Suplentes:

- Profa. Dra. **MIRCIÁ RIBEIRO FORTES**
PPGEOG/UFAM
- Profa. Dra. **ROSEMARA STAUB DE BARROS**
FAARTES/UFAM

Dê-se ciência e cumpra-se.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, em Manaus/AM, 15 de Maio de 2018




Prof. Dr. **Ricardo José Batista Nogueira**
Coordenador

DEDICATÓRIA

Ao Walter meu companheiro de tantas lutas e conquistas por me incentivar a subir sempre um degrau a mais na longa escada do conhecimento

Ao Jorginho meu filho por me incentivar em meio as dificuldades nas produções intelectuais e sempre ressaltar: estuda mamãe para nós ficarmos ricos...

A minha amada mãe, que me acolheu desde muito pequena em seus braços e me criou com todo amor e carinho

A Dra. Amélia por toda dedicação no desenvolver acadêmico e por nos mostrar o caminho da pesquisa com tanta paciência

Aos migrantes que nos permitiram ouvir suas histórias de vida, e descrevê-las neste trabalho, sinto-me privilegiada em poder ouvir cada um de vocês

A dona Maria minha sogra e minhas cunhadas que entenderam minha ausência em algumas de nossas comemorações...

Aos meus irmãos em Cristo por nunca esquecerem de mim em suas orações

Aos amigos da Turma do Mestrado pois realmente são 10, em especial a minha amiga Eluana, por todo carinho e companheirismo

Sobretudo a Deus Todo Poderoso por me dá forças em meio a tantas incertezas.

Agradeço a Deus pela vitória de passar e concluir o Mestrado;

Ao Walter meu esposo por todo amor apoio e críticas;

Ao Jorginho, meu filho pela paciência e pelo companheirismo;

A minha mãe e minha irmã Ruth, que em minha ausência sempre cuidaram de meu filho;

A minha família por todo carinho e palavras de ânimo;

A dona Maria minha sogra, e minhas cunhadas pelo incentivo moral, e conselhos;

Aos meus irmãos de fé, que compreenderam minha ausência em muitas de nossas atividades espirituais;

A Dra. Amélia, por ter me concedido o privilégio de desenvolver esta pesquisa sob sua orientação;

A Dra. Rosemara Staub que durante a qualificação da pesquisa aconselhou-nos de uma forma tão sábia, fazendo-nos perceber a presença dos sujeitos da pesquisa próximos a nós

Aos Drs. João Baptista Ferreira de Mello da Universidade do Estado Do Rio de Janeiro, e Marcos Castro de Lima da UFAM, por nos mostrarem caminhos para melhorar nossa pesquisa.

Aos sujeitos da pesquisa por me permitirem ouvir suas histórias de vida, e me ensinarem tanto com seus relatos;

Aos amigos do Mestrado, principalmente a amiga Eluana pela amizade;

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas/FAPEAM, pelo apoio financeiro, possibilitando o desenvolvimento completo da pesquisa;

Ao Programa de Pós-Graduação pela oportunidade de cursar o Mestrado, agradeço sobretudo a secretária do Programa, dona Graça, por sempre nos auxiliar;

Aos Professores do Curso por toda dedicação.

Agradeço

Epígrafe

Minha gente eu vim de longe
Estou aqui, cansado e só
Minha gente eu vim de longe
Estou aqui, cansado e só
Tenho muito pra contar
Do que vi, por onde andei
Das estradas dos caminhos
Dos lugares que passei
Tô chegando e trouxe pouco
Porque muito eu não ganhei
Tô chegando e trouxe pouco
Porque muito eu não ganhei
Trouxe forças pra lutar
Por um bem que já se fez
Trouxe uma vontade imensa
De ficar de uma vez
Trouxe um canto e um desencanto
E um sorriso que consola
Muito amor dentro do peito
Pouca coisa na sacola
Trouxe o cansaço da vinda
De quem anda a pé e só
E uma viola sofrida
Pendurada no paletó
E uma viola sofrida
Pendurada no paletó.

(Música: Viola no Paletó

Composição: Paulo Diniz/ Roberto José Interprete: Paulo Diniz)

RESUMO

Estudar migração interna ou migração interestadual em Manaus é descrever a realidade vivida por muitas pessoas. A cidade de Manaus apresenta-se como um lugar repleto de fatores para a existência da migração interestadual sendo o Polo Industrial de Manaus o fator de atração principal para a existência da migração com isso, cria-se a perspectiva de cidade cheia de oportunidades de trabalho para as pessoas, com esta imagem de cidade ideal para se viver o sujeito se desloca de seu lugar natal transformando-se em um migrante interestadual em Manaus. No entanto, com a chegada deste novo morador será que somente os aspectos demográficos e econômicos terão impactos? E os aspectos culturais deste movimento social da migração não sofrerão modificações? O referido estudo partiu do princípio que ao migrar o sujeito traz consigo sua cultura, que serão reproduzidas no seu novo lugar de moradia, demonstrando sua identidade através da manifestação musical, isso quando o migrante se identifica como um indivíduo que veio de outro lugar, (re) significando o seu atual lugar de moradia. Ao ouvir a música que fala do seu lugar natal, o migrante expressa-se como uma pessoa que ainda está ligado com a cultura musical do seu Estado, pois as canções revelam lugares, belezas naturais, manifestações folclóricas, retratam o lugar vivido do sujeito. Valorizando as experiências e narrativas de vida, desenvolvemos a pesquisa qualitativa a partir do princípio fenomenológico dentro da perspectiva da Geografia Humanista Cultural. Para isso, buscamos identificar a territorialidade do migrante interestadual, num primeiro momento, expressa através de dois Festivais Culturais em Manaus: Festival Paraense e Festival Nordestino, dialogando com dois colaboradores, e num segundo momento desenvolvendo entrevistas semi estruturadas com dez comerciantes migrantes que expressam sua identidade territorial, a partir do nome de seus Estabelecimentos Comerciais localizados no bairro Tancredo Neves, Zona Leste de Manaus/AM. Desta forma, podemos perceber a presença do migrante através da identidade que ele desenvolve em um novo lugar, chamado Manaus.

PALAVRAS-CHAVE: Lugar, Identidade, Migrante, Representação, Cultura Musical.

ABSTRACT

To study internal migration or interstate migration in Manaus is to describe the reality lived by many human beings. The city of Manaus, presents itself as a place full of factors of attraction for the existence of interstate migration, the presence of the Industrial Pole of Manaus, creates the perspective of a city full of work opportunities for people, with this city image ideal to live, the subject moves from his native place, transforming himself into an interstate migrant in Manaus. But with the arrival of this new inhabitant will only the demographic and economic aspects have impacts? And will not the cultural aspects of this social movement of migration change? This study was based on the principle that when migrating the subject brings with it his culture, which will be reproduced in his new place of residence, and externalize his identity, through the musical manifestation, when the migrant identifies himself as an individual who came from another place , (re) meaning your current place of residence. When listening to the music that speaks of his native place, the migrant expresses himself as a person who is still connected with the musical culture of his State, because the songs reveal places, natural beauties, folk manifestations, portray the lived place of the subject. Valuing the experiences, and life narratives, we developed the qualitative research from the phenomenological principle, within the perspective of Humanist Cultural Geography. To this end, we sought to identify the territoriality of the interstate migrant, at first expressed through two Cultural Festivals in Manaus, Festival Paraense and Festival Nordestino, dialoguing with two collaborators, and in the second moment developing semi-structured interviews with ten migrant merchants that express their territorial identity, based on the name of its Commercial Establishments, located in the district Tancredo Neves, East Zone of Manaus / AM. In this way, we can perceive the presence of the migrant through the identity that he develops in a new place, called Manaus.

KEY WORDS: Place, Identity, Migrant, Representation, Music Culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Principais Categorias e Teóricos de nosso estudo do Estudo.....	19
Figura 02: Percebendo a presença do migrante através dos estabelecimentos comerciais.....	28
Figura 03: Estabelecimento Comercial do migrante paraense.....	32
Figura 04: Identidade na Perspectiva Teórica	34
Figura 05: Cantor Pinduca durante show no Festival Paraense.....	52
Figura 06: Folder com propaganda do Festival Paraense.....	55
Figura 07: Palco Festival Paraense.....	56
Figura 08: Palco Festival Nordestino.....	57
Figura 09: Barraca de comida típica no Festival Nordestino.....	62
Figura 10: Oficina Paulista.....	64
Figura 11: Panificadora e Confeitaria Copacabana.....	65
Figura 12: Drogaria Tocantins.....	65
Figura 13: Propaganda do Baile Paraense 2017.....	71
Figura 14: Verdurão Obidense.....	73
Figura 15: Estabelecimento Comercial do Entrevistado.....	79
Figura 16: Entrevistado no ambiente de trabalho.....	85
Figura 17: Oficina Tapajós.....	86
Figura 18: Frente do Lanche Regional Canto do Pará.....	88
Figura 19: Área externa do Comércio Casa Maranhão.....	95
Figura 20: Aparelhagem de som no bar do Maranhão.....	96
Figura 21: Área externa do Estabelecimento Comercial.....	98
Figura 22: Bar Paraense.....	101
Figura 23: Bar localizado na rua do estabelecimento comercial do migrante cearense.....	101
Figura 24: Registro fotográfico do comércio do migrante cearense.....	105
Figura 25: Distribuidora Guanabara.....	110
Figura 26: Estabelecimento comercial do entrevistado.....	112
Figura 27: Lanche e Pizzaria O Gauchão.....	116

LISTA DE MAPAS/QUADRO

Mapa 1: Localização do bairro Tancredo Neves.....	15
Mapa 2: Localização dos bairros de Manaus com maior quantidade de migrantes.....	63
Quadro 1: Conhecendo os migrantes e seus estabelecimentos comerciais.....	66
Mapa 3: Localização do lugar de estudo.....	66

SUMÁRIO

Introdução	11
1. CAPÍTULO I: GEOGRAFIA HUMANISTA CULTURAL, E O ESTUDO DO MUNDO VIVIDO: MIGRAÇÃO E IDENTIDADE	19
1.1. Geografia Humanista Cultural: Uma abordagem possível.....	20
1.2. Lugar, Identidade, Territorialidade, Cultura: Contribuições da Geografia Humanista Cultural.....	27
1.2.1. O Migrante e a (re) significação do lugar.....	27
1.2.2. Identidade: Expressão do Ser.....	33
1.2.3. Territorialidade: Representação do Lugar.....	38
1.2.4. Música e Cultura: Identidade musical do migrante.....	39
2. CAPÍTULO II: MÚSICA E IDENTIDADE: GÊNEROS MUSICAIS COMO MEMÓRIA DE UM LUGAR	44
2.1 Música e lugar: Teorizando o tema.....	44
2.2 Música e lugar: Vivenciando o tema.....	48
2.3 O lugar do outro: As influências das migrações nos gêneros musicais ouvidos em Manaus/Am.....	49
2.4 Festival Paraense.....	50
2.5 Festival Nordeste.....	57
2.6 Para além dos Festivais: bairro Tancredo Neves, um lugar de migração.....	63
3. CAPÍTULO III: IDENTIDADE MUSICAL E EXPRESSÃO TERRITORIAL: A TERRITORIALIDADE DA MIGRAÇÃO, NO BAIRRO TANCREDO NEVES, ZONA LESTE DE MANAUS/AM	68
3.1 Migrantes Paraenses: o Pará não é só “brega”.....	68
3.1.1 Migrante Paraense I.....	69
3.1.2 Migrante Paraense II.....	76
3.1.3 Migrante Paraense III.....	81
3.1.4 Migrante Paraense IV.....	86
3.2 Migrantes Maranhenses: O reggae e o arroz com cuxá.....	89
3.2.1. Migrante Maranhense II.....	96
3.3 Migrante Cearense: “Em todo canto do mundo”.....	100

3.4 Migrante Carioca: “Identidade construída”	106
3.5 Migrante Goiano: “O sertanejo revela o Goiás”	111
3.6 Migrante Gaúcho: “Territorialidade dada pelo chimarrão”	115
Considerações e Possibilidades	121
Anexo: Entrevista	125
Referências	129

INTRODUÇÃO

A pesquisa se propôs a refletir e compreender as migrações interestaduais em Manaus a partir dos aspectos culturais. Ao migrar para Manaus o sujeito traz consigo sua cultura que pode ser expressa através do sotaque, da culinária, da religiosidade, da maneira de se vestir, da dança, e também da música e devidos gêneros musicais.

No cotidiano são desenvolvidas as difusões culturais sendo representada pelas relações sociais entre os migrantes e as pessoas nascidas em Manaus. Estas relações sociais, tem suas próprias especificidades e complexidades, se o sujeito migrante é bem visto por seus vizinhos, sua cultura será aceita, mas se o migrante não é estimado no bairro sua cultura também não o será. Diante desta situação, nos perguntamos: Até que ponto este migrante pode alterar o comportamento cultural, e mais particularmente musical do bairro?

Buscando compreender as manifestações musicais dos migrantes em Manaus, partimos de alguns princípios como: Migração, Música e Lugar, mas como refletir estes temas a partir do mundo vivido do migrante, e como desenvolvê-los de maneira unificada relacionando-os com a cultura musical presente em Manaus? Primeiramente, migração é um tema recorrente em diversas ciências: geográfica, histórica, sociológica e antropológica.

Qual nossa contribuição para a diferenciação do tema? Será que com o movimento social da migração, o aspecto que irá sofrer modificações na cidade para onde este migrante se desloca, são apenas os aspectos econômicos e populacionais? E a cultura deste migrante interno ou interestadual, compreendido na pesquisa como as pessoas que não nasceram em Manaus, ou no Estado do Amazonas, e por alguma razão escolhem esta cidade para viver, tem alguma importância no cotidiano deste novo morador da cidade?

De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Manaus é uma cidade com mais de dois milhões de habitantes (IBGE 2010), e muitos destes habitantes não são amazonenses de nascença, as diversas regionalidades que trazem consigo irradiam pela cidade acrescentando cores que destacam-se através da difusão cultural, do intercambio proporcionado pelo sujeito migrante, na cultura existente em Manaus podemos perceber uma relação dinâmica que proporciona uma interação positiva de onde surgem e afirmam diversas identidades culturais a capital do Amazonas.

Manaus, assim como o Brasil, não é representada por um único gênero musical. Com a migração interestadual, a cidade ganhou muitos adeptos de outros gêneros musicais, para além das toadas de boi bumbá, ouve-se no cotidiano da cidade, gêneros musicais como brega, tecnobrega, carimbó, sertanejo, forró, bolero, funk, samba, frevo, pagode. A popularidade

destes diversos gêneros musicais, característicos de outros Estados do Brasil, demonstra-nos que há uma pluralidade musical em Manaus, a qual pode ter sido disseminada pela presença de migrantes interestaduais.

Nosso estudo atribui esta heterogeneidade musical a presença do migrante, Sacramento (2010), ao estudar a migração a partir do trajeto feito pelos migrantes interestaduais, até chegarem ao interior do Estado do Amazonas, afirma: “o migrante traz à lembrança dos lugares por onde passaram [...]. O migrante não migra sozinho [...], a migração sempre deixará marcas impressas na memória de cada indivíduo (p.12)”.

Através da pesquisa, percebemos que as canções são uma forma do migrante reviver o lugar de onde veio, suas memórias pretéritas estão intrinsicamente ligadas as letras das músicas, que falam de sua cidade, de seu Estado, de sua cultura deixada para trás, mas que é revivida através da valorização de sua identidade territorial.

Marandola (2009), em seu artigo a respeito do ser migrante, baseado numa perspectiva fenomenológica, nos diz, que o migrante procura recriar sua identidade territorial no seu atual lugar de moradia: “ele recria seus lugares para poder preservar a sua forma de ser, bem como, para reafirmar a sua identidade territorial” (Marandola, 2009). Quando o migrante se identifica com o lugar de onde veio, ele demonstra sua identidade territorial, valorizando sua cultura, seja no aspecto musical, alimentar ou religioso.

Partimos da concepção destes sujeitos, desenvolvendo nosso estudo na perspectiva fenomenológica que busca valorizar o mundo vivido dos indivíduos da pesquisa, descrevendo suas experiências de vida, atribuindo a este sujeito protagonismo a pesquisa científica, para além de uma pessoa que responda a questionários e conceda informações para a elaboração de dados quantitativos. Nossa perspectiva parte do princípio de aproximar o pesquisador das pessoas, compreendendo-as como essenciais para a realização de estudos científicos.

Nogueira (2014, p.52) descomplexifica esta perspectiva metodológica como: “*aquela que vai valorizar as experiências vividas. Onde a descrição deste mundo, por quem a vive, vai ser a fundamentação e a compreensão da realidade*”. Na pesquisa temos algumas palavras chaves, como: experiências/descrição/compreensão/realidade. Estes termos foram norteadores para a compreensão do mundo vivido do sujeito, guiando-nos pela subjetividade narrada pelos migrantes interestaduais.

Como desenvolvemos nosso estudo a partir da subjetividade o sujeito da pesquisa torna-se um centralizador das informações, pois ele a descreverá, e nosso papel é transcrever e interpretar como se configura a vida de um migrante.

Mas o que o migrante almeja ao chegar em Manaus? Objetiva apenas conseguir se firmar economicamente e voltar para sua terra natal? sua profissionalização, através de cursos técnicos ou cursar o Ensino Superior, ou será que ele veio por um tratamento de saúde? Quais são os motivos que os levaram a trocar seu lugar natal por Manaus?

Os motivos da migração para Manaus são diversos, muitos vieram na esperança de “melhorar de vida”, estudar, tratamento médico, emprego, vieram com a ilusão de que Manaus seria uma terra próspera, onde conseguiriam concretizar seus sonhos.

Ao migrar este sujeito pode trazer uma imagem formada de Manaus como lugar perfeito, onde sua convivência será fácil e harmônica com os amazonenses. A respeito das imagens formadas, Lowenthal (1985, p. 141), considera: *“cada imagem e ideia sobre o mundo é composta, então de experiência pessoal, aprendizado, imaginação e memória.”*

Esta romantização, que alimenta sua imaginação e memória, da cidade de Manaus como um lugar próspero, pode ter sido constituída de diferentes maneiras, talvez pela veiculação na mídia da importância do Polo Industrial de Manaus, pela vasta quantidade de trabalhadores existentes nestas empresas, histórias de familiares que migraram e conseguiram estabilidade econômica, existência de cursos de capacitação profissional ofertadas pelo governo para profissionalizar os futuros trabalhadores da Zona Franca, ambiente hospitalar favorável para tratamento médico no serviço de saúde público. Podemos citar várias situações que reforçam a imagem de Manaus, como um lugar de muitas possibilidades, todavia, é no cotidiano que este migrante obterá a real experiência de morar num espaço, que não é o seu lugar natal.

Ao experienciar Manaus, alguns migrantes nos relataram que sofreram discriminação sendo vítimas de xenofobia, quando isso acontece, o sujeito migrante reage de duas formas: evitando dizer de onde veio, escondendo sua identidade territorial, ou orgulhando-se do seu lugar natal demonstrando esta (re) afirmação através da expressão cultural.

Esta valorização da identidade, surge em meio a conflitos, questionamentos e situações que por vezes buscam ridicularizar o outro, diante desta realidade, o migrante muitas vezes é visto como um intruso, alguém não desejado neste lugar.

Woodward (2009 p.14), em seu estudo a respeito da Identidade e Diferença considera que: “a identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida pela marcação simbólica”. A autora nos diz que este comportamento de marcação simbólica, proveniente da diferença das identidades elegem quem é: *“excluído e quem é incluindo [...], as relações sociais são organizadas e divididas [...] entre: Nós e Eles”*. (2009, p.14)”.

Com estas relações sociais cotidianas, podemos perceber que o migrante é sempre o Outro, e os habitantes que nasceram no lugar identificam-se como Nós daqui, percebemos isto também no lugar ao observar a situação do migrante em Manaus.

Por existir esta divisão ideológica, ouvimos de muitos migrantes durante as entrevistas de campo, relatos de experiências vivenciadas neste sentido, alguns mencionaram situações de constrangimento mesmo diante desta situação, quando este migrante tem laços hereditários, emocionais, ligação afetiva com sua terra natal, ele continua “demonstrando uma topofilia” por seu lugar.

Para o desenvolvimento desta pesquisa nos centralizamos no migrante que (re) afirma sua identidade territorial a partir da cultura musical que o faz recordar de seu lugar, desta forma, buscamos identificar a presença do migrante a partir de sua identidade musical.

No entanto, numa cidade com mais de dois milhões de habitantes como Manaus, como identificar os sujeitos migrantes para o desenvolvimento da pesquisa? Inicialmente nos pautaríamos em casas de shows, onde são ouvidos gêneros musicais característicos de outros Estados do Brasil, como brega, forró, sertanejo localizadas no bairro Tancredo Neves, Zona Leste de Manaus, perante o exposto, ao enfatizarmos que nossa pesquisa procura compreender a vivência do migrante em seu novo lugar através da cultura musical, delimitamos o desenvolvimento da pesquisa no bairro Tancredo Neves, levando em consideração que o mesmo, é um dos bairros com o maior número de migrantes interestaduais na cidade, segundo IBGE (2015).

Todavia, durante a qualificação da pesquisa fomos orientadas a identificar a presença deste migrante a partir dos estabelecimentos comerciais, que pela toponímia nos remetia a outras cidades e Estados do Brasil, no período inicial de levantamento de campo, nos chamou atenção a realização de dois Festivais Culturais em Manaus: Festival Paraense/Festival Nordeste, o que nos levou a inclui-los como lócus e sujeitos também da pesquisa.

Desta forma constituímos dois grupos de sujeitos na pesquisa:

1- Migrantes entrevistados durante os Festivais Culturais, sendo um migrante paraense, e a outra migrante cearense;

2- Migrantes comerciantes, que territorializam-se e identificam-se no bairro Tancredo Neves, a partir dos seus estabelecimentos comerciais.

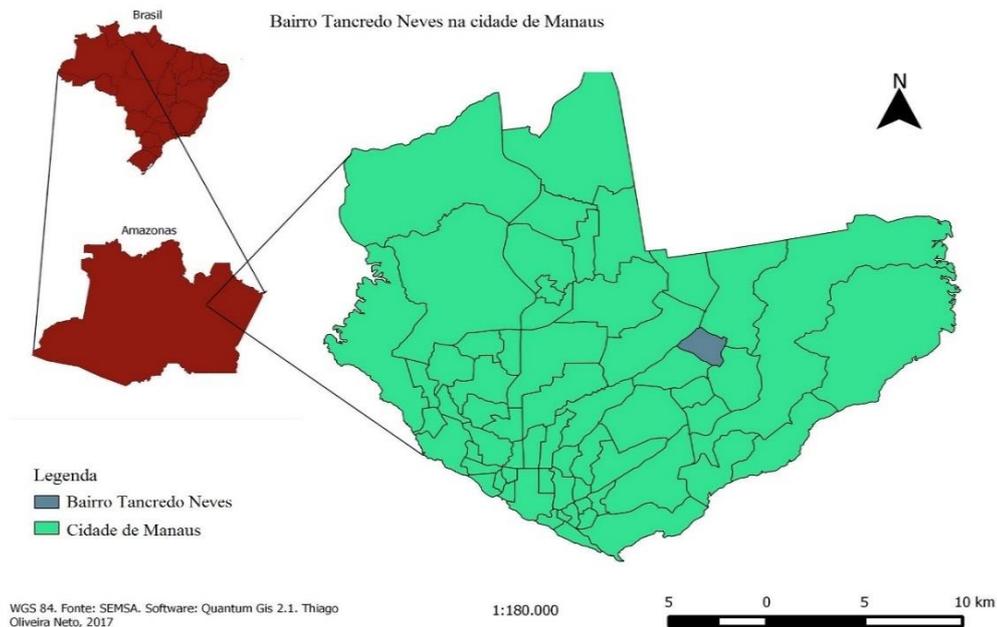
Dialogamos também com o empresário responsável pela realização destes Festivais Culturais na cidade de Manaus.

Como já salientamos, desenvolvemos a pesquisa no bairro Tancredo Neves, pois entendemos que a cidade de Manaus, por ter mais de sessenta bairros em sua dimensão

espacial constitui uma grande área de estudo, como nos preocupamos em conhecer este sujeito migrante nos centralizamos neste bairro da cidade, que foi fundado por migrantes interestaduais e migrantes do interior do Estado do Amazonas.

O bairro Tancredo Neves surgiu através da ocupação irregular das áreas localizadas na estrada que ligava dois bairros de Manaus: um localizado na Zona Leste, bairro São José Operário, e outro localizado na Zona Norte, bairro Cidade Nova, na Capital do Amazonas.

Abaixo, o mapa nos mostra a localização do bairro pesquisado (mapa 1).



Mapa 1: Localização do bairro Tancredo Neves
Fonte: SEMSA, 2017 Organizado por: Thiago O. Neto 2017.

Assim, objetivamos compreender a territorialidade da migração interestadual na cidade de Manaus, refletida nos gêneros musicais difundidos no bairro Tancredo Neves, Zona Leste de Manaus/AM. Percebendo como o migrante constrói uma identidade com o novo lugar, identificando a presença de migrantes no bairro Tancredo Neves a partir do nome dos estabelecimentos comerciais, dialogando com os proprietários destes estabelecimentos a fim de conhecer a identidade musical dos migrantes, buscando relacionar os gêneros musicais característicos de outros Estados Brasileiros, e a migração existente em Manaus. Com nossos objetivos delineados, partimos para prática de campo, a fim de conhecermos e dialogarmos de forma mais próxima com o sujeito da pesquisa: O Migrante.

As entrevistas semiestruturadas serviram de base para conhecermos a experiência do migrante em Manaus, com isso demos início ao diálogo, no decorrer destas entrevistas outras

experiências nos foram relatadas, contribuindo positivamente para a compreensão do mundo vivido do migrante.

A pesquisa de campo desenvolveu-se a partir de três momentos:

1. Reconhecimento da área de estudo: Com o intuito de conhecermos o bairro pesquisado, anotamos os comércios com nomes de outros Estados e lugares do Brasil, e seus respectivos endereços;
2. Realização das entrevistas: Neste momento nos apresentamos e falamos com os proprietários dos estabelecimentos, sobre a pesquisa, ressaltando que gostaríamos de conhecer suas histórias de vida através das entrevistas, e que isso nos ajudaria no desenvolvimento do estudo;
3. Confirmação das letras das músicas: Fizemos uma terceira visita aos estabelecimentos comerciais para confirmarmos com os colaboradores da pesquisa, se estava correta os nomes das músicas citadas por eles anteriormente.

Em alguns estabelecimentos fomos bem recebidos, outros nem tanto, em alguns tivemos que esperar os proprietários chegarem ou estarem disponíveis para nos atender, mas estes momentos de observação do dia a dia do comércio, foi significativo pois pudemos observar como os proprietários são populares com seus clientes. Observamos que nos comércios onde o dono ainda não havia ligado seu aparelho de som (a grande maioria possui caixas amplificadoras, que reproduzem em alta tonalidade a música ouvida no estabelecimento comercial), os clientes já chegavam perguntando pela música, que rotineiramente é ouvida naquele ambiente.

Participaram da pesquisa de forma integral no bairro Tancredo Neves, migrantes diversas regiões, sendo eles:

1. Maiores de idade;
2. Ambos os sexos;
3. Se identificaram como proprietários dos estabelecimentos comerciais visitados;
4. Se reconheceram como migrantes;
5. Foram receptivos ao tema da pesquisa, e dialogaram conosco, nos permitindo conhecer seu mundo vivido;
6. Concordaram com a gravação das conversas;
7. Permitiram o registro fotográfico do cotidiano de trabalho, nos seus estabelecimentos comerciais.

Durante a realização do primeiro levantamento de campo no bairro Tancredo Neves, objetivando identificar os migrantes a partir dos estabelecimentos comerciais, encontramos:

Consolo dos Cornos Casa Paraense/ Eletrônica O Ceará/ Mercadinho e Distribuidora Guanabara/ Café e Restaurante Paraense/ Bar Paraense/ Boteco do Carioca/ Açougue Ceará do Bode/ Casa Maranhão/ Verdurão Obidense (gentílico do município de Óbidos/PA)/ Bar do Maranhão/ Drogaria Tocantins/ Casa Goiás/ Oficina Tapajós/ Rondônia Refrigeração e Materiais de Construção/ Canto do Pará/ Mercadinho Marabá/ Bar Paraense/ Sobral Material de Construção/ Panificadora Copacabana/ Churrasco Paraíba/ Gauchão Lanche e Pizzaria.

Dialogamos com os proprietários dos comércios citados, mas por segurança, ou pelo medo da violência urbana, alguns não nos permitiram a documentação das entrevistas, através de fotos e gravações de áudio.

Os migrantes que participaram da pesquisa têm seus estabelecimentos comerciais localizados nas ruas:

Rua da Prata: Mercearia Ceará, Mercadinho e Distribuidora Guanabara, Consolo dos Corno Casa Paraense.

Rua Topázio: Casa Maranhão, Verdurão Obidense, Oficina Tapajós, Gauchão Lanche e Pizzaria.

Rua dos Minerais: Bar do Maranhão, Casa Goiás, Canto do Pará.

A colaboração desses sujeitos, foi essencial para conhecermos seu mundo vivido, compreendermos como a música pode fazê-los reviver o passado deixado para traz, os membros de sua família que já se foram, seu lugar, seus amigos de infância, a vontade de um dia voltar e encontrar tudo como era antigamente.

Diante da presença significativa do migrante, nos questionamos como o sujeito (re) significa este espaço e o transforma em seu lugar? Os gêneros musicais de sua cidade, têm alguma importância para o desenvolvimento deste processo? O migrante influencia seus vizinhos através do som ouvido em seus estabelecimentos comerciais? Como se desenvolve esta relação do sujeito de outro lugar, com o amazonense?

Com a colaboração ativa dos comerciantes migrantes, buscamos compreender/refletir sobre o mundo vivido, lugar, a cultura musical do migrante.

O trabalho ficou estruturado em três capítulos:

No primeiro capítulo: Desenvolvemos a dissertação de forma teórica, trazendo para a discussão a Geografia Humanista Cultural, baseada numa perspectiva fenomenológica, para entendermos como o migrante está (re) construindo seu lugar, ressaltando a importância dos gêneros musicais como expressões culturais deste ser, para a (re)significação de sua identidade territorial em Manaus. Assim desenvolvemos nosso estudo, a partir de algumas

categorias que são norteadoras na linha de pesquisa que seguimos, nos centralizamos nos seguintes conceitos e categoria: Lugar/ Identidade/ Territorialidade e Cultura.

Para desenvolvimento teórico destes temas, utilizamos as obras de: Tuan (2013), Nogueira (2014), Haesbaert (1999), Le Bossé (2004), Raffestin (1993), Sack (1986), Hall (2009), Claval (2007), Hoefle (2012), Corrêa (2012), Rosendahl (2012), Holzer (2010).

No segundo capítulo: Descrevemos os primeiros contatos com os colaboradores, reproduzimos as entrevistas realizadas no Festival Paraense, com o migrante paraense, e no Festival Nordeste, com a migrante cearense, discorremos da relação destes colaboradores com a música de seu lugar, para isso ressaltamos os estudos de Geografia e Música, através das produções teóricas de Carney (2007) e Kong (2009), e no Brasil, nos utilizamos dos estudos de Mello (1991), Pazetti (2016) e Torres (2016).

No terceiro capítulo: Apresentamos os dez migrantes entrevistados, habitantes do lugar do desenvolvimento da pesquisa, trouxemos para a Dissertação as histórias de vida que nos foi transmitida durante as entrevistas de campo, abordamos a importância da música, no cotidiano de trabalho do sujeito da pesquisa, os cantores e bandas que representam o seu lugar, e principalmente, as letras das canções que trazem o mundo vivido do migrante a sua memória.

Ao trazermos as letras das canções para a finalização da pesquisa, uma das dificuldades foi identificar o compositor das músicas citadas, o comportamento moderno da sociedade em adquirir as músicas pela internet, não dependendo da compra de Cds, traz esta realidade, as músicas estão ao acesso de todos para download, mas este comportamento, impede de certa forma, saber quem fez as canções.

Buscamos retratar a realidade vivenciada na periferia de Manaus, revelando que o migrante influencia a cultura musical da cidade, ao preferir ouvir suas músicas antigas, ao invés de se deixar envolver pelo mercado fonográfico, ouvindo somente cantores e bandas que estão na mídia.

Durante as conversas com os sujeitos, praticamente cem por cento falaram em cantores clássicos dos seus Estados, muitos destes nem estão mais vivos, ou não são mais apresentados nos meios de comunicação, não aparecem mais em programas televisivos, ainda assim, o migrante continua ouvindo seu conterrâneo, que canta seu lugar.

Conduzimos nossa pesquisa, como intuito de falar da (re) significação do lugar pelo sujeito migrante, mesmo estando longe fisicamente de sua terra, a revive através da manifestação musical.

CAPÍTULO I:
GEOGRAFIA HUMANISTA CULTURAL, E O ESTUDO DO MUNDO VIVIDO:
MIGRAÇÃO E IDENTIDADE

Neste capítulo abordaremos o desenvolvimento da Geografia Humanista Cultural e a consolidação da perspectiva fenomenológica com seus principais teóricos: Husserl, Merleau-Ponty, Buttimer, Dartigues.

Desenvolvemos uma discussão teórica a respeito das principais categorias e conceitos de nosso estudo, sendo eles: lugar, identidade, territorialidade, cultura. Pautados nestas categorias e refletindo através de leituras das obras dos estudiosos da Geografia Humanista Cultural, desenvolvemos o primeiro capítulo a partir de alguns momentos de reflexão:

No primeiro, discorreremos a respeito da *Geografia Humanista Cultural: Uma Abordagem Possível*, esta vertente geográfica é atual? Quem são seus principais teóricos? O que eles propõem estudar? Com que objetivo foi pensado a Geografia Humanista Cultural? Sabemos que a Geografia Humanista Cultural fundamentada na fenomenologia, propõe uma outra forma de perceber o mundo, valorizando a experiência do sujeito.

No segundo momento, abordamos os estudos fenomenológicos, baseando-nos nas reflexões epistemológicas, buscando entender o significado da Fenomenologia, e sua importância para a interpretação do mundo vivido do migrante.

No terceiro momento, estudaremos a categoria lugar, que de acordo com Mello (2005), é um conceito chave para os estudos na perspectiva da Geografia Humanística, e refletiremos nos conceitos identidade, territorialidade, cultura. Como estes conceitos estão sendo estudados pela Geografia? Para isso, nos utilizaremos das pesquisas de Tuan, Nogueira, Le Bossé, Haesbaert, Hall, Raffestin, Sack, Claval, Corrêa, objetivando direcionar as reflexões para o tema da **Geografia e Música**, como pode ser observado abaixo. (Fig. 2):

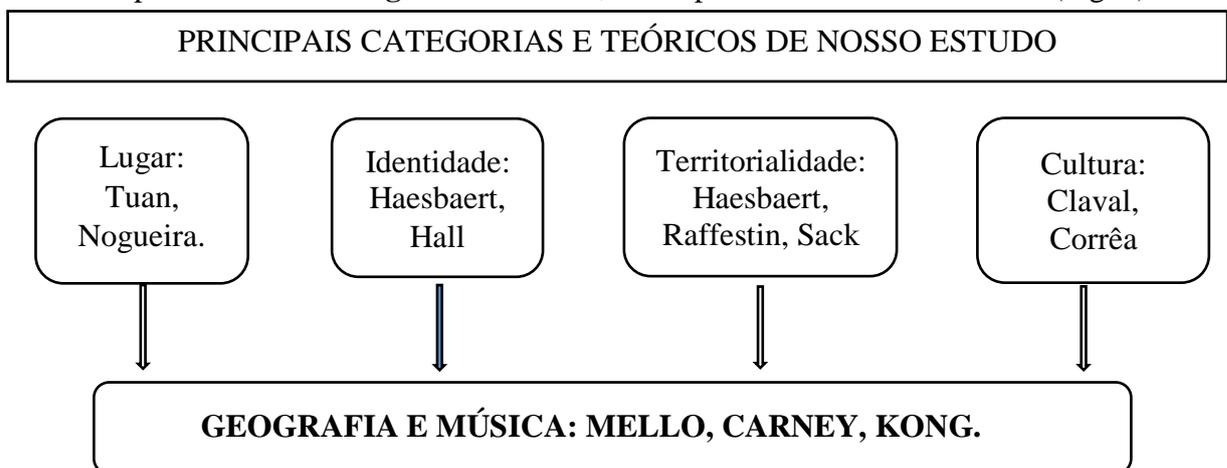


Figura 1: Principais categorias e teóricos de nossos estudos/Org. Dalila da Silva, 2017.

1.1 GEOGRAFIA HUMANISTA CULTURAL: UMA ABORDAGEM POSSÍVEL

A Geografia é a ciência que estuda a Terra, para isso ela tem vários subcampos de pesquisa: Geografia Física, que se divide em diversas áreas como Geomorfologia, Pedologia, Climatologia, Biogeografia... A Geografia Humana, tem várias áreas de estudo como: Geografia Urbana, Geografia Agrária, Geografia Econômica, Geografia Política e etc...

Temos a Geografia que estuda a sociedade através da cultura, denominada de Geografia Cultural. Claval (2007), na obra “A Geografia Cultural”, descreve como se deu a implantação da ciência geográfica, a contribuição dos primeiros filósofos em seu desenvolvimento, e como o homem a partir de suas necessidades, modificou a natureza, a importância da cultura na convivência social, o autor ressalta:

A geografia nasceu para descrever a Terra e assinalar sua diversidade. No final do século XVIII e sob a influência de um filósofo, Herder, aqueles que a praticam, procuram responder a uma nova questão: em que medida o destino dos povos está ligado ao país onde estão instalados? Há influência deste sobre os homens? Ou há harmonia entre a ordem natural e a ordem social? (CLAVAL, 2007 p. 19).

Partimos deste levantamento histórico, para ressaltar a importância da cultura nos estudos da Geografia Humanista Cultural, a qual também é conhecida como: Geografia Humanística, Geografia Cultural Humanista, Geografia Fenomenológica, Geografia da Percepção e Geografia Cultural.

Dentro destas variações etimológicas, Christofoletti (1985) destaca:

A Geografia Humanística procura valorizar a experiência do indivíduo ou do grupo, visando compreender o comportamento e as maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares. Para cada indivíduo, para cada grupo, existe uma visão do mundo, que se expressa através das suas atitudes e valores[...]. A pessoa valoriza e organiza seu espaço e o seu mundo, e nele se relaciona (CHRISTOFOLETTI 1985 p. 22).

Compreendemos que a característica ressaltada pelo autor, se relaciona diretamente ao anseio de nossa pesquisa, pois o sujeito migrante demonstra um sentimento pelo seu lugar, que pode ser expresso por sua cultura musical, quando há a (re) afirmação de sua identidade, e este migrante por sua vez, a vivencia em seu cotidiano. O autor ainda ressalta que por estudarmos as humanidades, somos chamados de geógrafos humanistas, pois estudamos os homens em diferentes aspectos: significações, valores, metas e propósitos.

Os geógrafos humanistas utilizam-se de diversas nomenclaturas para se referirem a Geografia que estuda a cultura, eis uma das dificuldades iniciais no desenvolvimento da escrita da pesquisa, pois para Tuan e Buttimer é Geografia Humanística, para Claval é Geografia Humanista Cultural, para Corrêa e Rosendahl é Geografia Cultural, utilizaremos a terminologia Geografia Humanista Cultural.

Nesta perspectiva, do estudo cultural dentro da Geografia, muitos pesquisadores questionam, qual a razão da Geografia está estudando cultura? Observando que a Antropologia, as Ciências Sociais e a História, já estudam há bastante tempo este conceito. Em que a Geografia contribuiria?

Estas ciências não desenvolvem os estudos culturais a partir das dimensões do conceito de territorialidade, e da categoria lugar, por isso percebe-se a importância da pesquisa. Claval (2007) apresenta as interpretações culturais na Geografia, a partir de três escolas:

1. Alemã: Friedrich Ratzel;
2. Francesa: Paul Vidal de La Blache;
3. Americana: Carl O. Sauer.

Um dos primeiros geógrafos a desenvolver estudos voltados para a cultura na Geografia, foi Friedrich Ratzel em 1875, a partir da defesa do seu Doutorado, no qual ele estudou a imigração chinesa nos Estados Unidos, Ratzel faz uma obra descrevendo sua experiência em solo americano, então o termo *Geografia Cultural* é inserido pela primeira vez nos estudos geográficos (Claval 2007, p.20).

Neste sentido, Claval (2007) discorre que ao criar o termo *Antropogeografia*, Ratzel estava se referindo ao estudo das relações sociedade/meio, ao qual se tornou central para a disciplina, isto aconteceu por influência das descobertas de Darwin, no entanto, nem todos os pesquisadores seguiram a linha de pesquisa darwiniana, outros foram influenciados por Lamarck, como Paul Vidal de la Blache, os pesquisadores franceses vão interpretar *Antropogeografia*, como a Geografia Humana.

Ao desenvolver o tema *Antropogeografia*, Ratzel propõe algumas linhas de estudo:

- 1- Antropogeografia descreve as áreas onde vivem os homens, e os mapeia;
- 2- Procura estabelecer as causas geográficas da repartição dos homens na superfície da Terra;

- 3- Propõem-se a definir a influência da natureza sobre os corpos e os espíritos dos homens.

Diante destes três aspectos da *Antropogeografia*, percebemos que Ratzel faz uma breve associação a respeito da influência da natureza na vida da sociedade, talvez por isso, muitos dos seus sucessores tenham dado-lhe o título de autor do determinismo geográfico, no entanto, o teórico alemão nos traz uma linha de pesquisa interessante, pois ele mesmo afirma que um grupo humano é diferente de outro, devido a cultura, o que Claval (2007), esclarece como uso dos utensílios, mas nós interpretamos esta cultura como o conhecimento passado de geração a geração.

Claval (2007), traz a concepção que a geografia da Escola Francesa vem complementar a Geografia da Escola Alemã, pois, como ressalta o autor, a partir do progresso teórico da modernização da Geografia na Alemanha, ela será estudada na França, os teóricos franceses desenvolvem seus estudos a partir de três teóricos alemães: Humboldt, Ritter e Ratzel.

Através dos estudos da Evolução do pensamento geográfico, muitas vezes é construído a imagem de que a Geografia Alemã, é adversária da Geografia Francesa, que Ratzel é inimigo intelectual de Vidal de La Blache, no entanto, na obra *A Geografia Cultural*, Claval (2007), nos demonstra a perspectiva de que os estudos de La Blache foram desenvolvidos a partir da influência dos estudos de Ratzel (p. 33).

Neste sentido, Claval (2007), menciona que Vidal de La Blache partiu de uma concepção de Ratzel, ao se propor estudar a influência dos meios sob a sociedade humana, e como o homem pode modificar a natureza para sanar as suas necessidades, teoria conhecida como *Possibilismo*.

Os estudos de La Blache buscam ressaltar a importância da cultura na sociedade, Claval (2007), afirma:

A cultura é para Vidal de La Blache e seus alunos, como para Ratzel e os geógrafos alemães, aquilo que se interpõe entre o homem e o meio e humaniza as paisagens. Mas é também uma estrutura geralmente estável de comportamentos que interessa descrever e explicar (CLAVAL, 2007 p.35).

A cultura pode modificar as relações humanas, e sua descrição é imprescindível para que sua singularidade possa ser retratada, de acordo com suas especificidades. A descrição é um dos princípios da fenomenologia.

Nogueira (2005), em seu estudo sobre a Interpretação Fenomenológica da Geografia, vai ressaltar:

A perspectiva fenomenológica da Geografia deixa de priorizar a descrição do mundo físico e humano, para descrever o mundo vivido, onde o físico/humano são elementos percebidos e interpretados pelos diversos sujeitos que os experienciam (NOGUEIRA 2005, p.4).

A descrição é uma constante nos trabalhos geográficos, no entanto, nas pesquisas embasadas na fenomenologia, a descrição ultrapassa a característica de descrever oralmente situações percebidas visualmente, o que a autora denomina de mundo físico/humano, nesta concepção, busca-se uma interpretação para esta experiência relatada pelo sujeito da pesquisa.

Posteriormente Claval (2007), reflete sobre as influências na vida de Carl O. Sauer, primeiramente na linguagem, visto que ele foi enviado para estudar alemão, na Alemanha, ao voltar aos Estados Unidos, Sauer demonstra interesse intelectual na ecologia vegetal, a partir do convívio acadêmico com outros professores universitários, se deixa influenciar pelos estudos antropológicos, voltando-se a estudar os índios do sudoeste americano, começa sua produção inserindo a cultura nos estudos geográficos, no entanto, ele enriquece estes estudos culturais por sua formação e interesse em botânica, ao estudar a cultura, Sauer resalta a importância das plantas, destacando que elas também, são um espelho da cultura de uma determinada sociedade.

Ao desenvolver trabalhos nesta concepção, Sauer começa a refletir na cultura americana, ao perceber um comportamento de *“brutalidade com relação a natureza e dos desperdícios que tolera”*, (CLAVAL, 2007 p. 31). Para Sauer, os americanos tornaram-se omissos, com as questões ambientais, sabendo que seu bem estar, seu conforto, suas necessidades são sanadas a partir da natureza, a sociedade americana, não demonstrava maior preocupação na conservação ambiental, Sauer torna-se um frequente crítico deste comportamento americano.

A partir deste segmento trazido por Carl Sauer, podemos perceber que a cultura se desdobra em várias expressões, podendo ser evidenciada também através da natureza, por exemplo, quando vemos uma planta de bonsai, pensamos logo na cultura japonesa, esta técnica já está caracterizada como pertencente ao Japão, isso pode acontecer também quando vemos uma Tulipa, nos remetemos logo a Holanda, país onde estas flores são muito comuns, estas questões simbólicas representadas a partir das plantas, são expressões culturais, embora de uma maneira mais diversificada e incomum.

Claval (2007), enfatiza que por Sauer está próximo dos ecologistas, seu trabalho ressalta que a paisagem é feita de seres vivos também, sendo transformada pelo homem a partir de suas necessidades, irá modificá-la, construindo casas, estradas, apartamentos, para a edificação de um ambiente que o proteja do tempo, do inverno, da chuva, e dos animais, utilizando-os para seu conforto, o homem age sob a natureza e os animais para demonstrar sua predominância.

Se os estudos culturais na Geografia, foram iniciados no século XIX, por que até os dias atuais, as pesquisas que envolvem essa discussão, são menosprezadas dentro da Universidade?

Corrêa (2009), atribui a pouca popularidade no desenvolvimento da Geografia Cultural Brasileira a três fatores:

- 1- Na não aceitação do subcampo, que foi percebido como novo, e com capacidade de abalar a essência do poder acadêmico. Com a difusão desta nova linha de pesquisa no Brasil, muitos cientistas temeram o que consideravam novo, e a rotularam como não sendo ciência;
- 2- A partir de 2001, a aceitação para este subcampo da Geografia foi mais rápida, até mesmo pelos teóricos que outrora a criticavam;
- 3- Qualquer comportamento da sociedade foi associado instantaneamente a um comportamento cultural, sem maiores reflexões, críticas ou estudos, Corrêa denomina esta atitude como vulgarização da Geografia Cultural.

Assim, buscamos refletir como está sendo desenvolvida a Geografia Humanista Cultural, priorizando a cultura, por isso estamos ponderando alguns conceitos e categorias norteadoras para o desenvolvimento do tema proposto. Nos aprofundando um pouco mais, percebemos que Corrêa (2012), vai perceber dois caminhos da Geografia Cultural:

- 1- Geografia Cultural Saueriana ou Escola de Berkeley: Com a publicação da obra “A morfologia da paisagem” em 1925, por Carl Ortwin Sauer, é o marco inicial aos estudos nesta temática na Geografia americana.
- 2- Nova Geografia Cultural ou Geografia Cultural Pós-80: A cultura não tem poder determinante, baseia-se numa perspectiva interpretativa.

De acordo com CORRÊA (2012), a cultura é definida na Geografia Cultural Saueriana de forma ampla, abrangendo, costumes, crenças, hábitos, habilidades, técnicas, leis, artes, linguagem, gestos e moral, mas especialmente as manifestações materiais.

Ao nos atentarmos para a definição trazida por Corrêa a respeito da geografia cultural saueriana, podemos perceber a sua abrangência, pois estuda as mais variadas formas de manifestações culturais praticadas pela sociedade, e através destes estudos muitos trabalhos foram elaborados, como livros, artigos, dissertações e teses.

O conceito cultura na Nova Geografia não é abrangente, se refere aos significados criados e recriados pelos diversos grupos sociais a respeito das diferentes esferas da vida em suas específicas espacialidades (CORRÊA, 2012).

Na Geografia Cultural Saueriana, a cultura é protagonista das transformações sociais, devido as diversas expressões culturais que se subdivide, na Geografia Cultural Pós-80, a cultura é desenvolvida através dos seus reflexos, não ocupando poder causal, característica da primeira divisibilidade dos estudos da Geografia Cultural americana.

Percebemos os diferentes meandros nos quais a Geografia Humanista Cultural está inserida, diante desta evolução tardia no Brasil, buscamos entender o porquê desta situação.

Rosendahl (2012) pontua algumas reflexões:

- ✓ Influência da corrente vidaliana na Geografia Brasileira;
- ✓ Desenvolvimento relativo da Geografia Teorética-Quantitativa;
- ✓ Desenvolvimento do materialismo histórico dialético.

A corrente vidaliana, não se ateu a cultura em suas complexidades e fragmentações, para esta escola de pesquisadores, a cultura era um componente das relações sociedade-natureza, os estudos de Vidal de La Blache influenciaram muitos pesquisadores, os quais assim como o teórico não desenvolveram trabalhos enfatizando a cultura, na Geografia.

A autora ressalta a importância que ganhou a Geografia Teorética-Quantitativa no Brasil, nas décadas de 1970-1978, e isto impossibilitou mais uma vez o fortalecimento de estudos na Geografia Humanista Cultural.

A Geografia Teorética-Quantitativa, trabalha com o auxílio das estatísticas, das fórmulas. Fundamentada no positivismo, que é caracterizado pela descrição, observação e mensuração, e pelo distanciamento entre o pesquisador (observador), e objeto estudado, objetivando a imparcialidade científica. Nesta época temos a criação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Rosendahl (2012 p. 89) destaca:

Para os adeptos desta corrente, a cultura era secundária, marginal ou residual, no melhor dos casos seria transformada numa variável que comporia uma matriz de informações (ROSENDAHL 2012 p. 89).

No desenvolvimento dos estudos na perspectiva do materialismo histórico dialético, compreendemos ser uma parte da Geografia que buscou entender a relação homem/natureza, a partir das contradições do capitalismo, e por priorizarem esta compreensão, mais uma vez a cultura foi ignorada.

E no Brasil como se dá o desenvolvimento dos estudos da Geografia Humanista Cultural? Rosendahl (2012), nos diz que isso acontece em 1989, com a publicação do artigo “Carl Sauer e a geografia cultural” do autor Roberto Lobato Corrêa.

Em 1993 Rosendahl e Corrêa criam um Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC), com sede no Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), dois anos mais tarde é criado o periódico Espaço e Cultura, e em 1996 é publicado o primeiro livro da coleção Geografia Cultural, que hoje está em seu 15º volume.

Esta vasta produção através do NEPEC, tem fortalecido a Geografia Humanista Cultural por todo o Brasil, trazendo um subcampo de estudo que:

Se de um lado, a geografia cultural teve de sobrepujar preconceitos e o temor de um subcampo novo, desafiar as estruturas estabelecidas de poder acadêmico[...] deve ser enfatizada, no entanto, a produção daqueles geógrafos que encontraram na geografia cultural, outro meio de tornar inteligível a ação humana na superfície terrestre. A produção brasileira caracteriza-se pela diversidade teórica (ROSENDAHL, 2012 p.93).

Com as reflexões do NEPEC há uma disseminação dos Estudos da Geografia Humanista Cultural, em diferentes cidades brasileiras com diversos temas, o início destes estudos dão-se de forma tímida, como Rosendahl (2012) expõem, por preconceito com um subcampo que era considerado novo, mas como a ciência não apresenta somente um caminho, uma única e absoluta forma de entender a realidade, cada pesquisador segue o caminho teórico que mais se aproxima de suas perspectivas.

A cultura se fragmenta em vários subcampos, ela necessita de outros segmentos para sobreviver ao tempo, e continuar presente na sociedade, para isso temos os estudos dessas particularidades, sendo desenvolvidos por diversos cientistas.

A cultura é como se fosse um núcleo centralizador, e estivesse envolta de outras camadas constituídas por Área Cultural, Paisagem Cultural, História da Cultura, Ecologia Cultural.

Todas essas discussões teóricas tem a cultura como essência para o desenvolvimento das pesquisas em Geografia Humanista Cultural.

1.2 LUGAR, IDENTIDADE, TERRITORIALIDADE, CULTURA: CONTRIBUIÇÕES DA GEOGRAFIA HUMANISTA CULTURAL

1.2.1 O MIGRANTE E A (RE) SIGNIFICAÇÃO DO LUGAR

Os estudos geográficos se desenvolvem a partir de cinco categorias estruturais: espaço, região, território, paisagem e lugar. Estes são os conceitos chaves da Geografia, nosso estudo se concentra nas categorias lugar enquanto território representado pelas territorialidades culturais. Nesta concepção Bonnemaïson (2012) oferece importante contribuição:

A ideia de cultura, traduzida em termos de espaço, não pode ser separada da ideia de território. É pela existência de uma cultura que se cria um território e é por ele que se fortalece e se exprime a relação simbólica existente entre a cultura e o espaço (BONNEMAISON, 2012 p. 288).

O autor (2012) evidencia a cultura a partir da categoria território, nosso trabalho se aplica a pensar na cultura evidenciada no bairro Tancredo Neves, e desenvolvida a partir da territorialidade do migrante, neste lugar.

Bonnemaïson (2012) ainda considera que as ciências humanas sofreram modificações ao longo do tempo, e uma das razões para isso, são os questionamentos feitos pela sociedade moderna as ciências humanas.

Com a Geografia também aconteceu o mesmo, antes era priorizado o conhecimento proveniente de tabelas e dados quantitativos, com o desenvolvimento progressivo, percebe-se a inserção do mundo vivido e a participação ativa do sujeito na pesquisa.

Ao ser enfatizado as categorias de nossa pesquisa, identificou-se duas categorias geográficas que parecem ter semelhanças: espaço e lugar, elas têm a mesma conotação? O que distingue uma da outra? A Geografia ainda se respalda no estudo das categorias, para o desenvolvimento científico? Tuan (2013) ressalta:

“Espaço” e “Lugar” são termos familiares que indicam experiências comuns. Vivemos no espaço [...]. O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Não há lugar como o lar. O que é o lar? É a casa velha, o velho bairro, a velha cidade ou pátria. Os geógrafos estudam os lugares[...] (TUAN, 2013 p. 11).

Percebe-se a diferença proposta nas categorias espaço e lugar, pelo geógrafo Yi-Fu Tuan, o espaço por si só não seria suficiente para o estudo dos reflexos das migrações na cidade de Manaus, a categoria lugar é fundamental para que seja entendida a representação que a cidade passa a ter na vida de muitos migrantes, frisando que Manaus já se tornou seu lugar, ou o seu lar, visto que muitos migrantes perderam o vínculo com sua terra, por não visitarem mais a cidade onde nasceram, trazendo somente na memória suas experiências pretéritas, pela falta de vivência com sua terra, fixaram-se definitivamente em Manaus.

A categoria lugar sempre esteve ligada às abordagens geográficas, indicando aspectos localizacionais, classificatórios ou determinando a presença de fenômenos.

Para Holzer (2001) os seres humanos é que dão significados aos lugares com isso, a partir de 1970, é incorporada uma concepção diferenciada das anteriores, sobre o conceito de lugar agregando valores subjetivos referenciados pelos significados, propiciando sentido aos lugares, não podendo ser entendido sob a perspectiva dos fatos, objetos ou eventos, salvo quando vinculado a compreensão de sentimentos, significados e valores a ele atribuídos.

Partindo das experiências dos entrevistados, descrevemos os fluxos migratórios a partir da perspectiva cultural, priorizando as histórias de vida dos migrantes.

Dessa forma, o lugar constitui uma identidade de cada indivíduo, é onde eles expressam o seu ser/o que são, estas relações sociais são desenvolvidas através da cultura cotidiana neste lugar. Embora nossa pesquisa esteja relacionada diretamente com a subjetividade do sujeito, ela apresenta algumas situações na dimensão objetiva. Como durante os trabalhos de campo, podemos perceber a presença do migrante se materializando no espaço através dos nomes de seus estabelecimentos comerciais (como pode ser observado na figura abaixo), através da nomenclatura podemos identificar o lugar de onde o migrante veio. Esta (re) afirmação do lugar natal do sujeito está presente em diversos estabelecimentos comerciais no bairro Tancredo Neves.



Figura 2: Percebendo a presença do migrante através dos estabelecimentos comerciais.
Fonte: Acervo Pessoal Dalila da Silva, 2017.

A respeito da transformação de uma imagem em representação, GIL FILHO (2005) afirma: *“Á medida que uma imagem transcende os limites de si mesma, transforma-se em representação que, por sua vez, se converte na encarnação da imagem, sua presença é o próprio ato de se fazer presente. Portanto, a representação é concreta”*. (p.53).

A representação se revela neste espaço, é real, ela fala do lugar do migrante, traz muitas significâncias. Nesta concepção, a música também expressa um lugar e se materializa no ambiente, quando ouvida as canções irão representar os aspectos subjetivos, podendo expressar símbolos e significações. Assim, o lugar vai sendo modificado pela presença do migrante.

Percebemos, assim como Tuan (2013), que o lugar: *“possui um espírito, uma personalidade, constituindo um sentido de lugar. Este lugar, se manifesta pela apreciação visual, estética, ou pelo mundo vivido e pela percepção a partir de uma longa experiência”* (TUAN, 2013).

Dessa forma, o lugar constitui uma identidade de cada indivíduo, a cultura fala de um lugar, representa um determinado Estado ou cidade do Brasil, o sujeito vivência um lugar, modifica um espaço para representar o seu lugar, a valorização da identidade territorial é essencial neste processo.

Nosso trabalho está voltado para estas dimensões que por vezes, podem ser menosprezadas por constituírem dimensões subjetivas do Ser. Tuan, (1985) esclarece os anseios e objetivos ressaltados pela linha de pesquisa que seguimos, e principalmente pelas características dos trabalhos na Geografia Humanista Cultural, o autor ressalta:

A contribuição da Geografia Humanística para a Ciência está na revelação de materiais dos quais o cientista, confinado em sua própria estrutura conceitual, pode não estar consciente. O material inclui a natureza e a gama da experiência e pensamentos humanos, a qualidade e a intensidade de uma emoção, a ambivalência e a ambiguidade dos valores e atitudes, a natureza e o poder do símbolo e as características dos eventos, das intenções e das aspirações humanas (TUAN, 1985, p.159-160).

Ao concedermos a música, a tarefa de descrever a intensidade da emoção do migrante quando a ouve, podemos pensar quais as histórias deixadas para trás, quais as experiências vividas por ele (a), ao relembrar da letra de uma canção que expressa seu mundo vivido?

Nas palavras de Tuan, existem materiais que expressam diversos sentimentos, nem todas as experiências vivenciadas pelo migrante na cidade natal, são totalmente positivas, as relações sociais têm esta dualidade: positividade e negatividade. O próprio cotidiano, se encarrega de desfazer a imagem de perfeição que temos do Outro, antes da convivência real.

No entanto, ao conversarmos com este sujeito, percebemos que as situações negativas foram deixadas de lado, e sua mente se prendeu nas experiências positivas do seu lugar.

Assim, para conhecermos um lugar, suas características, precisamos vivenciar este lugar, com a compreensão racional do vivido, e sua dimensão subjetiva, é que se alcança a essência dos objetos tal como eles se apresentam na consciência. Como parte do espaço, o lugar é ocupado por sociedades que ali habitam e estabelecem laços tanto no âmbito afetivo, como também nas relações de sobrevivência.

Segundo Tuan (2013): *o espaço é qualquer porção da superfície terrestre que é amplo, desconhecido, temido e rejeitado. O lugar recortado afetivamente emerge da experiência, e é um mundo ordenado e com significado.*

A discussão sobre lugar na ciência geográfica tem sido feita atualmente, por geógrafos de abordagem humanista. Na Geografia Humanista Cultural, o conceito de lugar compartilha tanto a localização, sendo um ambiente físico, quanto um espaço que se torna familiar às pessoas, tornando-se um lugar, sendo o espaço vivido fruto da experiência, de cada ser.

Tuan (1985), ressalta que a Geografia Humanística, não se propõe a estudar a terra, mas busca compreender o entendimento do homem e de sua condição. Ao refletirmos na existencialidade humana em como se desenvolve o amor do migrante pelo lugar, percebemos o quanto é recorrente a reprodução dos gêneros musicais, que falam do lugar do entrevistado, estas músicas exteriorizam sua condição vivenciada, ao diferenciar o Espaço do Lugar, na perspectiva humanista, Tuan (1985), considera:

Como um mero espaço se torna um lugar intensamente humano, é uma tarefa para o geógrafo humanista, para tanto, ele apela a interesses distintamente humanísticos como a natureza da experiência, a qualidade da ligação emocional aos objetos físicos as funções dos conceitos e símbolos na criação de identidade do lugar (TUAN, 1985 p. 149-150).

Portanto, para os geógrafos humanistas, o lugar expressa um sentimento, ele tem um significado na vida do sujeito, como nos falou Tuan (2013), o lugar é como se fosse o lar, podendo ser a casa, a rua, a cidade, ou país, nesta pesquisa o lugar é o bairro Tancredo Neves, localizado na cidade de Manaus.

Para qualquer ser humano, o espaço é transformado em lugar, nas experiências cotidianas e é carregado de valores simbólicos. É no lugar que estão às representações da vida cotidiana, os valores, as experiências pessoais, os lugares que unem e separam pessoas.

Quando dialogamos com o mundo vivido do migrante, compreendemos que o pesquisador não é um ser superior ao sujeito da pesquisa, no caso dessa pesquisa a descrição destas experiências implica no conhecimento cotidiano da realidade do migrante presente no bairro Tancredo Neves. Onde a presença do migrante, é visível em diversas pluralidades, como os nomes dos estabelecimentos comerciais, pelo sotaque ouvido nas ruas do bairro, com a venda de comidas regionais, em algumas esquinas nas bancas improvisadas ou pela diversidade musical ouvida no Tancredo Neves, expresando diferentes Estados e lugares do Brasil.

Cada migrante representa de uma forma diferente sua identidade territorial, revelando que a identidade está intimamente ligada ao seu Ser, a sua essência, isso quando o migrante se (re) afirma, demonstrando amor ao lugar de onde veio, observou-se isto através da cultura musical deste sujeito.

Se objetivamos demonstrar que o migrante, modifica a cultura musical do bairro Tancredo Neves, em Manaus, é por percebermos que a essência deste sujeito, é reviver seu lugar de origem, através das canções que ouviam em sua infância, quando ainda estavam em sua terra natal.

As letras destas músicas, nem sempre expressarão o amor pelo seu lugar, muitas das músicas citadas pelos migrantes durante as primeiras conversas, falavam de amor, das primeiras paixões, no entanto, quando indagados a respeito das músicas que representavam ou descreviam seus lugares de nascimento, muitas canções foram surgindo, canções guardadas em sua memória, imaginação, e que pela facilidade de acesso hoje, através da tecnologia com o avanço da internet, e pela popularização de celulares e plataformas de downloads de músicas, podem ser ouvidas a qualquer momento pelos entrevistados.

Esta essência é vista como identidade do migrante, pois ao desenvolvê-la ele vai dando um aspecto identitário a um determinado lugar, que pode se desenvolver em sua casa, no seu comércio. No decorrer das entrevistas um dos sujeitos da pesquisa, que nasceu no Estado do Pará, explicou o nome do seu comércio que é representado pelo gênero musical brega, e que pela toponímia, fala do lugar de migração, nos relatou:

Por brincadeira coloquei o nome de Consolo dos Corno (nome do seu estabelecimento comercial), porque todo homem morre de medo de ser corno, e também por a gente ouvir muita música brega, principalmente Reginaldo Rossi, Wanderley Andrade, Nunes Filho, eles tem muitas música que fala sobre este tema de traição, aí quando alguém falava do meu bar, sempre falava, é ali, onde só toca música de corno, aí eu entrei na brincadeira e coloquei este nome no meu estabelecimento, mas também não esqueci do meu Pará, e coloquei Casa Paraense, por que além de bar, temos mercearia (MIGRANTE PARAENSE).

Pelo relato do entrevistado, percebemos que antes dele nomear o seu bar, este já tinha uma imagem formada perante os moradores da rua no bairro. Diante das piadas com o gênero musical reproduzido no bar, o migrante incorpora o apelido ao nome do seu estabelecimento, ressaltando assim, seu lugar diante da vizinhança.

O brega paraense tem muita popularidade em Manaus, podemos perceber pela constante presença de cantores e bandas deste gênero musical na cidade, mais especificamente os frequentes shows do cantor de brega paraense Wanderley Andrade, ele é uma figura permanente no cenário musical local, tendo recebido recentemente juntamente com Pinduca, o título de cidadão Amazonense na Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas.

O gênero musical mais tocado no bar do entrevistado é o brega, sendo paraense ele se orgulha de sua música, o bar do colaborador é conhecido por reproduzir música brega, esta constante reprodução musical no lugar, age como um estímulo aos clientes do bar, pois os induz a consumir mais bebida alcoólica, em razão da música ouvida neste ambiente, que trazem a memória de desilusões amorosas, tornando-os frequentadores assíduos do bar do entrevistado.

Desta forma, com a associação identitária formada, e representada pela música ouvida neste estabelecimento, o migrante denominou o seu bar com o nome: Consolo dos Cornos (pessoas que são enganadas pelos companheiros) e Casa Paraense, como pode ser observado na foto abaixo:



Figura 3: Estabelecimento Comercial do Migrante Paraense.
Fonte: Acervo Pessoal Dalila da Silva, 2017.

Percebemos que o sujeito não se esqueceu de onde veio, e (re) significou seu atual lugar de moradia, se identificando a partir do nome do seu estabelecimento comercial. Desenvolvemos a pesquisa, a partir de reflexões nas categorias fundamentais, para a vida social do migrante, ressaltando o lugar, identidade, territorialidade e cultura. Cada um desses elementos, são construídos na vida do sujeito da pesquisa, e tem sua relação no mundo vivido do migrante, mas o cotidiano, as relações sociais, modificam a cultura musical presente no bairro Tancredo Neves? Desta forma, buscamos compreender a categoria identidade.

1.2.2 IDENTIDADE: EXPRESSÃO DO SER

Identidade, é um tema popular que ultrapassou as reflexões acadêmicas, estando presente nas discussões da sociedade em várias situações, sendo um tema debatido pelas pessoas em conversas cotidianas, pelos meios de comunicação, em especial o televisivo, a Universidade também tem dado sua contribuição a respeito do tema, mas reflitamos: “quem sou? O fato de possuir identidade bem delineada, é bom para o desenvolvimento psíquico?” Percebemos que ter sua identidade colocada diante do Outro, está se tornando uma atitude cada vez mais cobrada, pela ciência, e pela sociedade de forma geral.

Nos perguntamos, existe uma crise de identidade? Identidade é fixa? Ou ela pode sofrer modificações? O conceito de identidade fragmenta-se em vários segmentos, como: Nacional, territorial, gênero, étnico, religiosa, sexual, musical.

Como podemos perceber, o saber quem sou, o que representa minha cultura diante do outro, envolve vários segmentos da vida de uma pessoa. A respeito dos questionamentos do Ser, Hall (2009), em suas reflexões sobre o tema identidade, destaca:

Estamos observando nos últimos anos uma verdadeira explosão discursiva em torno do conceito de “identidade”. O conceito tem sido submetido, ao mesmo tempo, a uma severa crítica (HALL, 2009 p. 103).

Com a valorização da sua própria identidade, algumas pessoas podem por vezes desprezar as identidades dos outros, ao enfatizar que o estudo da identidade tem sofrido crítica, Hall (2009), nos lembra de atos de xenofobia, que muitas vezes acontecem, pelo fato do sujeito valorizar demasiadamente sua própria identidade territorial, e inferiorizar o lugar de onde o migrante veio. A História humana vem nos mostrar, o quanto pode ser perigoso a valorização demasiada da identidade de um lugar, como Adolf Hitler que defendia a

identidade ariana pura, e como consequência, o mundo testemunhou o genocídio de judeus, poloneses, ucranianos entre outros povos, além da segunda guerra mundial.

Mas o que é Identidade para os estudiosos humanistas? Para o desenvolvimento deste tema, nos pautamos em alguns teóricos, que desenvolvem o estudo de Identidade sob diferentes perspectivas:

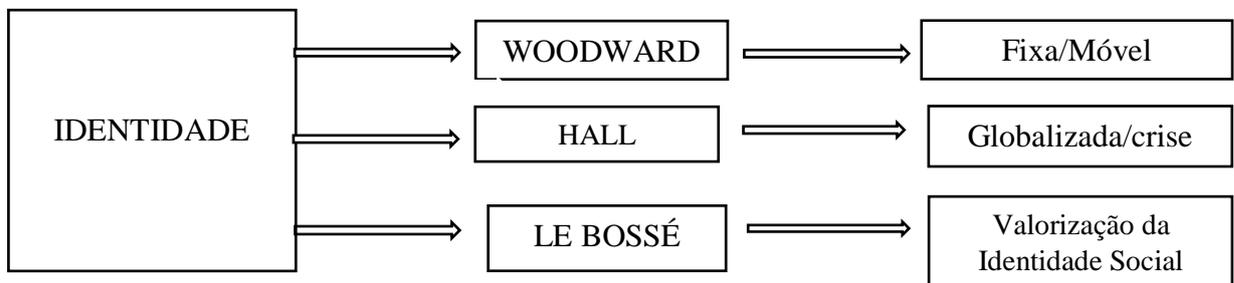


Fig. 4: Identidade na perspectiva teórica. Org. Dalila da Silva 2018.

Woodward (2009) discute o conceito de identidade a partir de princípios: fixa/móvel. Ao desenvolver o tema identidade, ela fala em perspectivas essencialistas e não essencialistas, que se manifestam por identidades fixas e móveis.

A autora divide o conceito de Identidade em diferentes dimensões para então compreendê-lo, de uma forma mais abrangente.

Para Woodward (2009) a identidade fixa, é uma identidade de perspectiva essencialista, sendo caracterizada, por indivíduos de uma mesma nacionalidade.

Nos estudos identitários um nome sempre presente, é do sociólogo e teórico cultural jamaicano Stuart Hall (2006), ele expande o conceito de identidade em vários segmentos: Identidade Globalizada, Crise da identidade na sociedade pós-moderna, Identidade Nacional. A respeito das diversas formas de complexidades identitárias, ressalta:

[...] As identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. A nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos um sistema de representação cultural. A lealdade e a identificação que numa era pré-moderna ou em sociedades mais tradicionais, eram dadas a tribo, ao povo, à religião, e a à região, foram transferidas gradualmente, nas sociedades ocidentais à cultura nacional (HALL, 2006 p. 49, 50, 51).

Neste sentido, o migrante ao demonstrar apego a sua identidade territorial em Manaus, mesmo sabendo das prováveis consequências que poderá ocorrer, a partir do momento que se

identifica como um migrante paraense, migrante cearense, ou um migrante maranhense, a provável discriminação, não o inibe de expor para a sociedade do seu bairro, o lugar de onde veio.

Esta identidade nasceu com ele, mas não era evidenciada, pois o migrante quando vivia em sua cidade não necessitava desta reafirmação territorial.

No caso de nossa pesquisa, o migrante quis se identificar, a partir do lugar de onde veio, chamando a atenção das pessoas que vivenciam o bairro pesquisado, a partir da presença do nome de seu Estado, ou cidade nas placas de seus comércios, esta (re) afirmação da identidade, também foi percebida através da cultura musical dos colaboradores do estudo.

Neste sentido, a cultura se configura na forma de representar o seu lugar, sendo uma maneira de expressar sua identidade.

Hall (2006), ainda ressalta que a identidade fixa era uma espécie de ancoragem social, sendo estática, não sofria modificações e não era questionada, no entanto, com o passar do tempo, e com as discussões a respeito da identidade, percebe-se um declínio nas antigas identidades, e posterior fragmentação das mesmas, com isso está havendo um processo de crise da identidade no mundo pós-moderno. Para Hall (2006, p. 12-13): “O *sujeito pós-moderno, não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente [...]. A identidade torna-se uma celebração móvel*”.

Ao dialogarmos com Hall, percebemos que existe uma identidade globalizada, trazendo esta afirmação do autor para o sentido musical, existem cantores famosos em todo mundo, a música destes artistas se torna um movimento global, no entanto, desenvolvemos a pesquisa a partir da identidade musical dos migrantes, conversando com pessoas mais experientes, que estão além de influências musicais globalizadas, por isso a identidade territorial destes entrevistados, nos remeteu a artistas de seu lugar, apresentando uma identidade fixa no sentido musical da palavra, ligada aos cantores que expressam seu lugar, através das letras das canções.

Ao trazermos a perspectiva teórica de vários estudiosos, a respeito do conceito de Identidade, não objetivamos sanar as possibilidades evidenciadas por eles sob o tema, mas ressaltamos que desenvolvemos o conceito, a partir da fala do sujeito migrante que demonstra possuir uma identidade ligada a seu estado natal, e representada pela sua cultura musical.

Ao avançarmos nosso estudo no conceito identidade, trazemos para discussão alguns teóricos, dentre eles o geógrafo Rogério Haesbaert (1999), ressaltamos aqui seu artigo intitulado: Identidades Territoriais, nele o autor afirma:

Partimos do pressuposto geral de que toda identidade territorial é uma identidade social, definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideais, quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social (HAESBAERT, 1999 p. 172).

Nesta perspectiva, território e identidade estão associados. A interrelação entre estes dois fenômenos buscam a criação de uma territorialidade. A territorialidade, é a identidade humana nos lugares, identidade que é diversa.

Através dos estudos de Haesbaert entende-se a importância da identidade cultural, pois quando se tem uma relação cultural, esta extrapola o território enquanto dimensão política, tendo-se a reafirmação da identidade do migrante. Assim, ao chegar em Manaus, o migrante que se identifica com a cultura de sua cidade, vai reproduzi-la no seu novo território.

O autor argumenta que a identidade pode diferenciar os membros da sociedade, pois a partir de como eu me reconheço perante o outro, tenho duas reações distintas, se eu me assemelho a esta identidade, minha atitude é aproximar-me do convívio com esta pessoa, no entanto, se não me identifico com sua identidade, eu o repulso.

Haesbaert se propõe a discutir identidade a partir de duas diferenciações:

- Identidade Social: É móvel, e mobiliza um poder simbólico, é constituída de um poder invisível, e este só pode ser exercido pela cumplicidade daqueles que lhe exercem;
- Identidade Territorial: Ela é pautada na dimensão histórica, do imaginário social, de modo que o espaço condense a memória do grupo, como por exemplo: os monumentos históricos.

Estas identidades têm diferentes conotações, a identidade social tem relação com a subjetividade, pois o sujeito a carrega consigo de acordo com Haesbaert, ela tem mais poder já a identidade territorial, é objetiva, permanecendo estática.

Assim, a identidade social é também uma identidade territorial, quando o referente simbólico central para a construção desta identidade parte ou traspassa o território. Território que pode ser percebido em suas múltiplas perspectivas. (Haesbaert 1999).

Nós percebemos o desenvolvimento desta identidade social, a partir da cultura musical que representa migrantes de vários estados do Brasil, no bairro Tancredo Neves, em Manaus.

É interessante destacarmos a forma como se dá o desenvolvimento da identidade: *A (re) construção imaginária da identidade reflete uma escolha, entre múltiplos eventos e lugares do passado, daqueles capazes de fazer sentido na atualidade.* (Haesbaert 1999, p.180).

O migrante revive o seu lugar de origem, e desenvolve sua identidade no novo lugar de moradia, através de suas lembranças, na busca de recordar o que viveu no passado, buscando se identificar com sua cultura, ele territorializa seu bairro atual que está localizado em outra cidade, mas ele o adapta como se ainda estivesse na sua cidade.

O geógrafo Mathias Le Bossé (2004, p. 158) ressalta que: “*o estudo de identidade traz riqueza conceitual, para as ciências humanas e sociais*”, e especificamente para a Geografia Humanista Cultural, os geógrafos se interessam particularmente pela identidade dos lugares e pelos papéis que eles desempenham na formação de consciências individuais e coletivas.

Le Bossé interpreta a valorização da identidade social como carregadas de poder socioculturais dotadas de focos de resistências, que são utilizadas pelas minorias como uma forma de não se extinguirem seus direitos, como os movimentos indígenas, religiosos, sexuais, das mulheres e dos negros. Essas minorias buscam unificar-se para fazerem valer os seus direitos num mundo cada vez mais moderno, onde todos parecem ter seu espaço, mas só parecem, alguns se utilizam de meios modernos para disseminar o ódio a essas identidades sociais minoritárias, como nas redes sociais, o preconceito.

Le Bossé (2004) faz duas distinções no processo de formação de identidade: A primeira consiste em um sentido lógico transitivo, nomeia qualquer coisa ou qualquer um, depois caracteriza sua singularidade, já a outra identidade consiste em ser intransitivo e por vezes reflexivo, e entende a identidade como similaridade.

Devido a abrangência do conceito de identidade, sabemos que existe uma vasta produção e definições distintas, sobre o que é identidade, no entanto, não vamos mencionar todos os teóricos que desenvolvem este tema, diante destes conceitos, direcionamos a pesquisa na perspectiva de Le Bossé (2004):

A identificação consiste em se assemelhar a qualquer coisa ou a qualquer um e se traduz, principalmente, tanto para o indivíduo como para o grupo, por um sentimento de pertencimento comum, de partilha e de coesão social (LE BOSSÉ, 2004 p.161).

Identidade territorial do migrante expressará seu lugar, lhe dará o sentimento de pertencimento, traduzindo-se pelas suas expressões culturais, fazendo-nos entender como o

migrante (re) constrói sua identidade no seu novo lugar, no caso da pesquisa, o bairro Tancredo Neves, Zona Leste de Manaus.

1.2.3 TERRITORIALIDADE: REPRESENTAÇÃO DO LUGAR

Iniciamos nossa reflexão, a respeito do conceito territorialidade, resgatando o trabalho de Raffestin (1993), o qual nos traz a diferenciação de Território e Territorialidade. Para ele, ambos revelam um poder, no entanto, o primeiro é associado ao poder constituído do Estado, a demarcações de limites de fronteiras, ou territoriais, já o segundo está voltado para poder ideológico. Estas análises da categoria território e do conceito de territorialidade nos direcionam para a definição de quais categorias trabalhamos.

Bonnemaison (2012), compreende a Territorialidade pela relação social e cultural que um grupo mantém com a trama de lugares e itinerários que constituem seu território, mais do que pela referência aos conceitos habituais de apropriação biológica e de fronteira. O referido autor, vai especificar que a territorialidade une dois aspectos: fixação e mobilidade.

Fixação se refere ao território, as fronteiras, a mobilidade se constitui da relação vivida pela etnia no interior deste espaço-território, que conseqüentemente pode tomar formas culturais múltiplas, formando a territorialidade, construído a partir da junção dos itinerários e os lugares.

Corrêa (2012), ao explicar a reflexão de Bonnemaison a respeito de territorialidade, destaca que seus estudos têm grande influência de pesquisas de campo, nos conceitos de etnia e território. Para este autor, a territorialidade emana da etnia, constituindo-se em relação cultural vivida entre dado grupo social e uma trama de lugares hierarquizados e interdependentes, originando um sistema espacial, isto é, um território este tem um núcleo e uma periferia, mas são os fixos e os itinerários aí constituídos e vivenciados que geram sua real apropriação, originando uma afetividade territorial. É pela existência de uma cultura que o território é criado, e é pelo território que uma cultura se fortalece, exprimindo a relação simbólica entre cultura e espaço.

Logicamente que o bairro onde desenvolvemos a pesquisa faz parte de um território, contudo, vamos evidenciar a territorialidade efetuada neste território pelo migrante, a qual é construída a partir da expressão do lugar.

Desta forma, vemos a adaptação do território pelo migrante, como característica de territorialidade, e esta é representada na cidade através dos aspectos culturais, que refletem a presença de migrantes das diversas partes do Brasil, nesta perspectiva entendemos

territorialidade nas palavras de Sack (1986, p.2): [...] está intimamente relacionada como as pessoas usam a terra, como organizam o espaço e como dão significado ao lugar.

Qual o significado do bairro Tancredo Neves na vida dos migrantes? Como eles estão modificando este território de Manaus? Estas territorialidades são expressões de identidade do migrante? Até que ponto os migrantes influenciam a cultura musical da cidade?

Percebemos que várias indagações vão surgindo à medida que conciliamos a teoria e a prática na pesquisa, todavia elas serão respondidas no decorrer do desenvolvimento da mesma.

Durante o prosseguimento da pesquisa, podemos perceber que a territorialidade da migração está presente nos bairros de Manaus, por possuir diversos migrantes em sua dimensão espacial, apresentando diversificadas manifestações culturais, percebidas através dos gêneros musicais, que são mesclados com os gêneros musicais existente em Manaus, conseqüentemente, o migrante é remetido a memórias passadas, experiências que ele viveu no tempo que ainda residia no seu lugar de nascimento, envolvendo-o num contexto de identidade musical, caracterizando o que Albagli (2004) denomina de relações sociais, desta forma os migrantes territorializam sua cultura no seu atual lugar de vivência.

Diante destas colocações, percebemos a relação existente entre identidade e territorialidade. Primeiramente, ao trazer a noção de identidade social, Haesbaert (1999) menciona o poder simbólico, Le Bossé (2004), também se utiliza deste sentido ao expressar a identidade social como carregadas de valor e poder socioculturais, ao discutirmos o conceito de territorialidade, é necessário que haja uma identificação com a identidade social, o poder invisível, que fará com que o migrante valorize sua cultura, e possa reafirmar sua importância, através das diversas singularidades culturais.

Com isso, vemos uma similaridade nos conceitos trazidos por estes três teóricos: Haesbaert (1999), Le Bossé (2004), Raffestin (1993), um conceito vai completando o outro, neste processo de estruturação da pesquisa.

1.2.4 MÚSICA E CULTURA: IDENTIDADE MUSICAL DO MIGRANTE

Na visão fenomenológica, a cultura é uma colcha de retalhos, “pedaços” de vários tamanhos e naturezas diversas, juntados aleatoriamente por processos históricos locais, resultando em configurações únicas no tempo e no espaço. [...] Envolve a observação participativa e a imersão por longos períodos de trabalho de campo, no qual se procura construir junto à população estudada em um texto etnográfico com base na interpretação qualitativa e intuitiva (HOEFLE, 2012 p.18).

Buscamos aqui trazer o conceito de cultura, e suas formas de estudo, dentro da Geografia Humanista Cultural, partimos do princípio de que a cultura não é homogênea, ela é praticada por diversos povos, e isto imprime em sua dimensão aspectos heterogêneos, portanto, cultura não se refere apenas a forma ocidental de hábitos e costumes, mais a formas mundiais do praticar estas tradições culturais, trazendo para a pesquisa o que Corrêa (2012), denomina de *polissemia* que é definido pelo dicionário Aurélio como: Algo com multiplicidade de significados.

O conceito de cultura é amplo, bastante complexo, cheio de interpretações, assemelhando-se com a própria cultura, por isso discutiremos várias perspectivas conceituais concebidas por vários autores.

Bonnemaison (2012), especifica que ao estudarmos cultura, é necessário levar em consideração o território no qual a cultura está sendo desenvolvida, sua concepção teórica entende os mitos simbólicos e as tradições, como o cerne da cultura:

A soma de valores religiosos e morais que fundam uma cultura se apoia, geralmente, sobre um discurso e, nas sociedades tradicionais, sobre um corpus de mitos e de tradições que, por sua vez, explica a organização simbólica dos rituais. É muitas vezes pelo rito que uma sociedade exprime seus valores profundos e revela sua organização social [...]. Assim, e tanto quanto possível os geógrafos devem procurar compreender a concepção de mundo que existe no coração do grupo ou da sociedade que estejam estudando[...]. Trata-se de encontrar os lugares que exprime a cultura, e depois, a espécie de relação secreta e emocional que liga os homens a sua terra e, no mesmo movimento funda sua identidade cultural (BONNEMAISON, 2012 p.288, 289).

A cultura integra vários aspectos: território, territorialidade, valores religiosos e morais, identidade social, identidade cultural, lugar. Entendemos que com a abrangência dos diversos temas, precisamos nos direcionar nos principais protagonistas de nossa pesquisa, buscando interpretar o significado dos lugares de onde os migrantes vieram, partindo da relação de identidade e territorialidade, desenvolvida por eles no seu atual lugar de moradia.

De acordo com Wagner (2014), cultura é a chave para compreensão sistemática de diferenças e semelhanças entre os homens, esta noção de cultura não considera o conceito de cultura isolado, mas praticado por uma determinada sociedade.

Por isso, a cultura torna-se norteadora na compreensão das tradições musicais difundidas no bairro Tancredo Neves pelo migrante, que embora more em Manaus, tem sua afetividade ainda ligada ao seu lugar de nascimento, que é expresso através de sua representação cultural.

Nos estudos de música e representação cultural, destacamos o geógrafo americano George Carney (2007) que vai relacionar vários gêneros musicais, com seus respectivos países de origem, como o reggae na Jamaica, o Blues nos Estados Unidos, a Bossa Nova no Brasil, esta cultura musical cria uma identidade musical, para cada país destacado. Carney (2007) ressalta vários fatores que contribuem para os temas nas músicas: acontecimentos históricos, críticas políticas, questões socioeconômicas e ambientais, e principalmente o tema mais popular, o amor, retratado nas canções em suas diferentes versões.

Ao desenvolver este tema, ele cria segmentos analíticos, para ser compreendido a cultura musical de um determinado lugar, e um destes segmentos são: Dimensões espaciais da música com relação a migração humana [...].

A relação do homem com a música ultrapassa o território, o homem carrega consigo sua identidade musical. A música torna-se um importante instrumento de compreensão do mundo vivido do sujeito pois ela expressa cultura, hábitos e tradições, que ficaram no seu lugar, mas que pode ser revivido quando o migrante ouve as mesmas canções que representam seu passado.

Buscando uma relação do lugar com a música Carney (2007) destaca:

Os lugares são fontes de inovação e resistência musical. A música tanto reflete, quanto influencia as imagens que as pessoas têm dos lugares[...]. Lugares passados e distantes são mantidos vivos e reais por nossa memória e muitos deles são retidos por uma melodia, a música ajuda a criar uma ligação emotiva humana a um lugar particular, seja ele o lar, a vizinhança, a cidade, o estado ou a nação. A música também funciona como um sentido de orgulho pelo lugar e um sentimento de ligação com ele (CARNEY, 2007 p. 142 e 146).

No decorrer de seu estudo, Carney (2007) cita vários gêneros musicais, fazendo analogias sobre suas representações, suas influências na sociedade americana, europeia e mundial.

Ao relacionar lugar, cultura e o sujeito migrante, Marandola (2009) nos diz: *O migrante recria seus lugares para poder preservar a sua forma de ser, bem como, para reafirmar a sua identidade territorial.*

Entendemos assim como expos o autor, que o migrante reproduz em Manaus o cotidiano experienciado em seu lugar de nascimento, seja ele de festas, ou de religiosidade.

Dentro desta perspectiva, assimilamos a relação social desenvolvida em Manaus, pelo migrante, que recria na dimensão espacial da cidade, suas experiências de vida, através de seus hábitos culturais. O migrante é entendido, enquanto um ser que está à procura de um novo lugar, e escolheu Manaus para dá a ressignificação de lar para sua vida. Esta pessoa mora em

Manaus, mas valoriza sua cultura natal como uma maneira de reafirmar sua identidade, territorializando o lugar onde mora.

Para a compreensão do migrante partimos do aspecto cultural da migração, pois entendemos que este aspecto é significativo para que haja a multiculturalidade e a interculturalidade na cidade de Manaus.

Nosso estudo se baseia na busca por resposta de outra forma, com outros significados, para nós o importante é sabermos como o migrante vai desenvolver sua cultura, ao migrar para Manaus, porque a cultura local não é valorizada por este migrante, e sim sua própria bagagem cultural se sobressai, ganha notoriedade em comparação com a cultura amazonense, a qual é bastante similar a cultura trazida pelo migrante, devido a difusão cultural já está incorporada na cultura local.

Marandola (2009), explica as fases do desenvolvimento do migrante com seu novo lugar, ele parte do princípio de desterritorialização, este processo se inicia logo pela saída deste sujeito de seu lugar natal, o migrante em princípio é caracterizado por Vainer (1999) como um *trabalhador livre*, ou seja, a pessoa que saiu livremente do seu lugar, por diversas razões, as quais quase predominantemente se dão pelo sujeito almejar melhores condições de vida.

Enfim, o migrante estabelecendo afetividade com seu novo lugar, cria vínculos, nas palavras de Marandola (2009):

Os migrantes (re) criam no local de destino o seu território perdido. Para fazê-lo, esses reproduzem os geossímbolos e a organização socioespacial de seu antigo território, procurando com isso, restabelecer a identificação territorial instigando o sentimento de pertencimento reconstituindo os elos de ligação grupo-território (MARANDOLA, 2009, p. 7).

O território torna-se uma forma de expressão dos geossímbolos do migrante, e a música a reprodução destes símbolos, como uma condição no imaginário do migrante, de voltar ao convívio familiar, ao seu cotidiano cultural regresso.

A música transforma-se numa forma de aproximação das pessoas, numa possibilidade de conhecermos uma cultura.

Bonnemaison (2012 p. 289) sintetiza nossa pesquisa ao afirmar: Trata-se de reencontrar os lugares nos quais se exprime a cultura e, depois, a espécie de relação secreta e emocional que liga os homens à sua terra e, no mesmo movimento, funda sua identidade cultural.

No segundo capítulo, discutiremos *Música e Identidade: Gêneros Musicais como Memória de um Lugar*, compreenderemos a forma como a música faz parte da memória do migrante, reportando-o para o que ele vivenciou, representando o seu lugar vivido.

CAPÍTULO II

MÚSICA E IDENTIDADE: GÊNEROS MUSICAIS COMO MEMÓRIA DE UM LUGAR

Neste capítulo, ressaltaremos a importância dos temas: Música e Lugar, para isso descrevemos a representação existente da manifestação musical na vida do migrante, narramos as relações dos indivíduos da pesquisa, com as canções de seu lugar.

Retratamos as histórias de vida, dos primeiros entrevistados da pesquisa, durante a realização dos Festivais Culturais em Manaus: Festival Paraense/ Festival Nordeste, bem como trazemos a síntese do diálogo feito com o empresário responsável por este evento cultural na cidade. Identificamos, quem são os outros entrevistados comerciantes, colaboradores direto da pesquisa na área de estudo, no bairro Tancredo Neves.

Buscando compreender a representação simbólica e cultural que a música desempenha na vida de cada migrante.

2.1 MÚSICA E LUGAR: TEORIZANDO O TEMA

Analisando o tema de nossa pesquisa, temos como ideia norteadora que a música através de suas letras irá descrever e representar um mundo vivido, repleto de experiências do sujeito.

Desta forma, a música se incorpora como uma linguagem, exteriorizando sentimentos de amor, de saudade, de ligação com a terra do sujeito, da infância. São vários temas que poderíamos pensar ao relacionar a música com a vida do migrante.

Carney (2007, p.135), afirmou que: “*A música tem um papel inicial na vida do sujeito a partir do lugar doméstico*”. É no lar, onde nos primeiros dias, meses, e anos de vida, serão cantadas para o bebê canções de ninar, serão compostas músicas para este novo ser, retratando uma infância que ele ainda vivenciará, quando estiver maior.

Neste sentido, nos recordamos da fala de um dos entrevistados, um migrante maranhense, morador do bairro Tancredo Neves, proprietário do estabelecimento comercial, “Casa Maranhão”, ao nos relatar: “*O reggae, me lembra minha mãe, da minha infância, tudo o que ela fazia, era ouvindo nossa música, se tava lavando louça, limpando a casa, a vitrola tava ligada, acho que foi ela que inventou o costume das lavadeiras de roupa, ficar lavando as roupa, cantando na beira do rio.*”

Ouvimos que por influência da mãe, o migrante esteve ligado a musicalidade de seu Estado natal, representado pela manifestação musical do *reggae*, para ele, o gênero musical ouvindo durante a infância, não representa somente o Maranhão, mais também a companhia de sua mãe, hábito musical que hoje ele continua desenvolvendo, em seu ambiente de trabalho.

A musicalidade do Brasil, é formada por vários gêneros buscando um aporte teórico encontramos em Pazetti (2016), importante contribuição com o estudo sobre a música caipira do interior do Estado de São Paulo. O autor nos fala da importância das diversas manifestações culturais exercidas pelo povo brasileiro, e como o praticar desta cultura, retrata o pertencimento do indivíduo a um determinado lugar:

As músicas, danças, festas e folguedos brasileiros extrapolam a mera função de divertimento, pois são fundamentais na consolidação identitária de sua população, tendo grande importância inclusive em outras esferas essenciais da sociedade. Ao cantar, dançar e tocar seus instrumentos, o homem não somente produz arte, mas também se firma como pertencente ao seu lugar, pois, a cultura é fundamental para que um povo se entenda como tal (PAZETTI, 2016 p.323).

A cultura tem um significado modificador no cotidiano do sujeito, ela pode modificar suas ações, evidenciar gostos, juízo de valor, a música o liga a terra em seu sentido afetivo, o lugar onde o migrante nasceu ainda tem significado em seu viver.

Estas vivências são apresentadas através da letra da canção, da poética musical, o compositor tem a missão de retratar com suas palavras os sentimentos das pessoas para com seus lugares, a este respeito, Pazetti continua a contribuir com o tema:

A música, como toda forma de arte, é fruto da relação orgânica que o homem tece com a Terra, com os lugares e as paisagens que se relaciona. A interação homem-Terra não ocorre apenas de maneira material, econômica e funcional também está permeada por sentidos, sentimentos, símbolos e emoções. E que poder arrebatador possui a música, quanta emoção pode nos provocar algumas harmonias, ritmos e acordes. Muitas vezes, parece que somos transportados de onde nos encontramos para outras paisagens e lugares, até mesmo a outras estâncias temporais. Recordamo-nos da casinha de criação, dos tempos de crianças em que correr e brincar talvez fosse a única preocupação. Outras vezes, a música nos desperta sensações distintas, sentimentos afloram veloz, ininterrupta, visceralmente... (PAZETTI, 2016 p. 325).

Afinal, o que é a música? É um sentimento? Uma linguagem? É uma arte? É cultura? A música exterioriza a vivência do ser, e reflete em multiplicidades de coisas e fatos. Não objetivamos fazer um levantamento histórico de como surgiu a música na sociedade humana, e sua importância até os dias atuais, mas procuramos salientar a importância que ela tem na

vida do sujeito da pesquisa, suas letras ao expressar os sentimentos, relações cotidianas, podem ser utilizadas para lembrar o passado, e identificar o novo lugar deste migrante.

Em suas reflexões, Carney (2007), ressalta a importância do estudo do lugar, e relaciona uma das principais categorias de nosso estudo, a Música:

Em suma os aspectos físicos e humanos constituem o caráter geográfico total de um lugar específico. Assim, os geógrafos têm especial interesse na qualidade dos lugares [...]. Os geógrafos querem saber como as pessoas implantaram suas tradições naquele local, por que o fizeram naquele lugar, o que as sustentam agora, e como interagem com outros lugares. É claro, que é impossível estudar de uma só vez todos esses aspectos; assim os geógrafos tendem a se especializar em determinadas características dos lugares, como a música (CARNEY, 2007 p.126).

Ao tentarmos compreender as tradições do migrante territorializadas em Manaus, reconhecemos que há uma variedade de manifestações culturais, desenvolvidas pelo sujeito migrante.

O sotaque do indivíduo, pode ser algo que inicialmente o denuncia como sendo de outro Estado do Brasil, seus gostos culinários, sua religiosidade, sua dança típica, expressam uma identidade territorial, diferente da amazonense, entendemos assim como sintetizou Mello (1991), que a identidade territorial expressa através da música, pode ser uma das formas mais interessantes de conhecermos *um povo, ou uma cultura*.

De acordo com o referido autor, a música como expressão cultural fala dos sentimentos, da natureza, e da relação do indivíduo com seu lugar. E é o lugar que queremos desvendar, o lugar que antes de ser medido, localizado, georeferenciado, é vivido e experienciado.

Carney (2007), afirma que são muitas as expressões culturais, por isso nos delimitamos nas manifestações musicais, como uma protagonista de nosso estudo, a respeito do mundo vivido do migrante.

Carney (2007), identificará o estudo da Música na Geografia, a partir de dez classificações (taxonomias):

- Delimitação de regiões musicais e interpretação de música regional (p.130);
- As dimensões espaciais da música com relação a migração humana como exemplo: popularidade do country no Japão (p.130);
- A organização espacial da indústria da música e de outros fenômenos musicais (p.130);

- O efeito da música na paisagem cultural (p.130);
- As relações da música com outros traços culturais em um contexto de lugar (p.130);
- A relação da música com o meio ambiente natural (p.130);
- A função da música nacionalista e antinacionalista (p.131);
- O lugar de origem e a difusão de fenômenos musicais para outros lugares (p.131);
- Os elementos psicológicos e simbólicos da música relevantes na modelagem de caráter de lugar, isto é, na imagem, no sentido e na consciência deste, percepção de lugares pelas letras de músicas (p.131);
- A evolução de um estilo, gênero ou música específica de um lugar (p.131);

A fragmentação do tema de estudo de Música relacionado ao lugar, efetuado por Carney (2007), se assemelha em alguns aspectos com nossa pesquisa, pois o autor relaciona diretamente a migração humana com a popularidade de gêneros musicais característicos de outros países.

A partir do momento que há a difusão cultural do migrante neste novo lugar, há a popularização do gênero musical trazido por este sujeito, semelhantemente, entendemos que a popularidade de gêneros musicais de outros Estados em Manaus, deve-se a este movimento social, da migração.

No item que relaciona a música com traços culturais, sabemos que as letras das músicas podem descrever diferentes situações e cotidianos do migrante, que vão desde um domingo de futebol, as belezas naturais de seu lugar, a religião por um santo de devoção, também pode ser uma mensagem passada através das letras das canções. Uma vez que esta música enaltece o amor do migrante pelo seu lugar, vemos esta narrativa musical, como um incentivo a identidade territorial, e que busca conservar no migrante o amor pelo seu lugar, mesmo este lugar proporcionando-lhe dificuldades de sobrevivência econômica. Mas a dificuldade econômica dos lugares, também são expressas pelas músicas, através do movimento do Rap, nos quais as letras relatam a vivência dos indivíduos sem perspectivas econômicas, trabalhistas ou financeiras, tendo que migrar de sua cidade, para obter um trabalho.

As músicas que falam do lugar de origem do migrante podem ser difundidas pela cidade, assim, fenômenos musicais podem surgir, a partir da influência dos habitantes

humildes da periferia, isso aconteceu recentemente com a extinta banda Calypso, a qual era desconhecida dos meios de comunicação, tornando-se famosa com as vendas de cds piratas, ou cds falsificados, nas periferias, se popularizando, transformando-se em presença constante em programas de televisão das principais emissoras do Brasil, com alcance nacional.

Analisando os segmentos musicais apresentados por Carney em sua pesquisa, este ainda nos relata que a música também pode reforçar imagens que são comumente construídas de um determinado lugar.

Trazendo para nossa realidade, é muito comum até hoje, quando um amazonense, ou alguém que mora há muitos anos em Manaus, ao viajar para outra região, como a região Sul ou Sudeste do Brasil, os moradores destes lugares indagarem se aqui, nos deparamos com animais selvagens nas ruas, como onça, jacaré, ou se andamos de canoa.

Muitos amazonenses ofendem-se com tais questionamentos, mas percebemos que o gênero musical característico do Estado do Amazonas, o boi bumbá, retrata estas experiências de proximidade e convivência harmônica com a natureza. As toadas de boi bumbá, comumente retratam o índio, o rio, o caboclo ribeirinho, vivendo em harmonia com a natureza.

2.2 MÚSICA E LUGAR: VIVENCIANDO O TEMA

Ao pensarmos no sujeito da pesquisa, fomos orientadas a identificar os migrantes presentes no bairro Tancredo Neves a partir dos comércios do lugar, vivenciando a área de estudo, notamos pela nomenclatura dos estabelecimentos comerciais, a presença destes indivíduos.

Outro momento, durante o desenvolvimento da pesquisa, foi a realização de dois Festivais Culturais, que relacionavam a culinária de outros Estados do Brasil, com a música destes lugares, através de shows de cantores conhecidos como Pinduca, Wanderley Andrade representantes musicais do Estado do Pará, e bandas nordestinas como: Mastruz com Leite, e Magníficos, este evento também nos chamou atenção, pois traduzia o tema de nossa pesquisa na cidade de Manaus.

Direcionados pela valorização da experiência dos sujeitos da pesquisa, encontramos em Alberti (2003), colaboração que ressalta a importância das histórias vivenciadas pelos entrevistados:

Uma entrevista de história oral, tem uma vivacidade especial. É da experiência de um sujeito que se trata, sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro: aquele que faz do homem um indivíduo único e singular, um sujeito que efetivamente viveu- e por isso dá a vida- as conjunturas e estruturas que de outro modo parece tão distantes [...]. Temos a sensação de que as descontinuidades são abolidas e recheadas com ingredientes pessoais: emoções, reações, observações (ALBERTI, 2003, p.1).

A história oral deste sujeito trará riqueza da experiência para a pesquisa, nos mostrará os caminhos percorridos por eles, até se estabelecerem em Manaus, suas experiências são boas? São ruins? Como foram os primeiros anos em uma cidade grande? As imagens que formaram de Manaus, eram reais? Seus familiares apoiaram sua mudança para cá? Quais eram suas expectativas? O que o fez mudar-se de seu lugar?

Todos estes questionamentos nos impulsionaram para conhecermos os entrevistados, e ouvir suas histórias de vida, para percebermos como o migrante está construindo sua identidade com este novo lugar, relacionando a cultura musical deste sujeito com as músicas e canções características de seu Estado.

2.3. O LUGAR DO OUTRO: AS INFLUÊNCIAS DAS MIGRAÇÕES NOS GÊNEROS MUSICAIS OUVIDOS EM MANAUS/AM

Reproduziremos no decorrer do estudo, treze entrevistas que efetuamos, durante o desenvolvimento da pesquisa, em dois diferentes ambientes: 1- Nos dois Festivais Culturais em que foram entrevistados um migrante paraense, uma migrante cearense, e o empresário responsável pelos Festivais em Manaus; 2- Dez sujeitos migrantes comerciantes e moradores do bairro Tancredo Neves.

O Festival Paraense ocorreu durante três dias no Estádio de Futebol mais importante de Manaus, local dos jogos da Copa do Mundo em 2014, e dos jogos durante as Olimpíadas Rio 2016, a Arena da Amazônia, antigo Estádio Vivaldo Lima.

Arena da Amazônia é utilizada para diversos eventos em Manaus, não somente para campeonatos futebolísticos, neste espaço também se tem shows de cantores famosos de todo o Brasil, ainda são realizados esses Festivais Culturais, por uma empresa privada. Maia (1999), argumenta a respeito da transformação de diversos espaços, para o desenvolvimento de festividades:

As festas populares consistem em manifestações culturais que se caracterizam, dentre outros aspectos, por serem eventos efêmeros e transitórios, perdurando por algumas horas, dias ou semanas. Grande parte das festas, no seu momento de

ocorrência, simplesmente fornecem nova função às formas espaciais prévias que dispõe para a sua realização[...]: ruas, praças, terrenos baldios, estádios de futebol, transforma-se em palcos para o evento. Mas, tão logo cesse o período ou o momento extraordinário, tais formas retornam a sua função habitual (MAIA, 1999 p. 204).

Portanto, a Arena da Amazônia, se apresenta como um espaço multifuncional, sendo um lugar de jogos futebolísticos tanto de times locais ou nacionais, treinos da Seleção Brasileira Feminina e Masculina de Futebol, shows, competições de atletismo, eventos religiosos, com apresentações de cantores evangélicos, configurando-se em um lugar de festividades, tanto profano, como sagrado para a população moradora de Manaus.

2.4 FESTIVAL PARAENSE

Conversamos com os migrantes durante os dois Festivais. Os eventos organizam-se a partir da cultura paraense e da cultura nordestina, na Zona Centro-Oeste de Manaus.

Fomos ao Festival Paraense, com a intenção de identificarmos alguns sujeitos da pesquisa, a primeira pessoa com quem falamos, foi um Coronel reformado do Exército Brasileiro.

O Coronel reformado, concordou em falar conosco, nosso interesse de pesquisa nos conduziu a questionar sobre o lugar onde ele nasceu, prontamente nos relatou: *“Nasci em Belém do Pará, mas ainda jovem, fui servir o Exército, e não saí mais”*.

O indagamos se ele estava a passeio por Manaus, ou se morava na capital do Amazonas, ele menciona: *“Moramos em Manaus (insere, a esposa na entrevista), desde que me reformei. Nossa vida sempre foi nos mudando de cidade, conhecemos muitos lugares pelo Brasil, mais como minha esposa é amazonense, sabia da vontade dela em voltar para sua terra natal, por isso optei por nos fixarmos aqui. Nós moramos no bairro de Aparecida, pois acho esta parte de Manaus, bem parecida com Belém, na cultura, do Carnaval e do Futebol, pois bem próximo a nós temos o Clube do Atlético Rio Negro, como já estamos com uma certa idade, sempre vamos aos bailes nos distrair um pouco, e durante o Carnaval, gosto de ir para os ensaios na quadra da Aparecida, sem falar que toda terça-feira estamos na novena de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, e Nossa Senhora da Aparecida, então me identifico muito com esta parte da cidade de Manaus”*.

Em sua narrativa, percebemos que o migrante escolheu morar em um bairro de Manaus, o qual, segundo o entrevistado o lembra Belém, a sua afetividade o liga a sua cidade e o faz vivenciar a cultura do bairro Aparecida, em suas diversas modalidades, através da

música com os ensaios na quadra da Escola de Samba, os bailes da Melhor Idade, ou as músicas religiosas vivenciando uma cultura sagrada pelo ato de frequentar as missas no bairro de sua atual moradia.

A identidade paraense domina em seu cotidiano, ele procura desenvolver atividades culturais que ainda o direcionam a seu lugar natal, desenvolvendo sua territorialidade neste novo lugar. Quanto a este ato de (re) construir a identidade, Sacramento (2010) afirma:

É interessante destacarmos que a identidade de um indivíduo e do próprio lugar, não é estática. Ela se (re) constrói constantemente, possuindo uma dinamicidade. O que nos conduz a pensar no processo e não no resultado [...]. Nesse sentido, esse processo em que se desdobra a realidade vivenciada, pode ser compreendido como a identificação que se manifesta e conduz à relação de identidade entre os sujeitos e destes com o lugar (SACRAMENTA, 2010 p.33).

Neste sentido o migrante trouxe consigo sua identidade territorial, representada por sua cultura. Direcionado pela identidade territorial o entrevistado escolheu um bairro semelhante ao lugar onde nasceu, para morar em Manaus.

Durante a entrevista o migrante está sempre mencionando o Estado do Pará, fala da religião, do Futebol, da música e artistas paraenses, ao mencionar a cultura musical paraense, ele considera: *“A música paraense, tem muito destaque em Manaus, veja os cantores do Pará, estão constantemente fazendo shows aqui, é muito comum, vemos propaganda de shows de bandas que fizeram muito sucesso, como banda Pinta Cuia, a ex banda Calypso, Beto Barbosa, e Pinduca, que pra mim, é o Rei da música do Pará. Mas o cantor que mais se apresenta em Manaus, sem dúvida é o Wanderley Andrade, eu costumo andar muito por Manaus, onde eu passo, seja na Zona Leste, Zona Norte ou Zona Oeste nestas ruas de grande movimento, sempre vemos um cartaz, uma faixa, um banner com propaganda de shows do Wanderley Andrade, até mesmo em local onde só toca Rock and Roll, já teve show do Wanderley, mas muitos destes artistas paraenses, assim que fazem sucesso no Brasil, vão embora de Belém, só são paraenses na hora de ganhar dinheiro”*.

O entrevistado, cita a presença de cantores e artistas de sua terra, a partir da propaganda visual veiculada pela cidade de Manaus, ele menciona muitos artistas de seu Estado, que cantam a cultura paraense, mas de acordo com ele, esses artistas se distanciaram de certa forma da identidade paraense.

Ao perceber a constante apresentação musical do cantor de brega Wanderley Andrade, o colaborador chama atenção para algo vivenciado em Manaus as apresentações musicais constantemente do cantor citado, mesmo em ambiente voltado especificamente para um

gênero musical totalmente diferente do brega, como o show feito em uma casa noturna onde tocava-se exclusivamente Rock and Roll.

O entrevistado continua falando do cantor Pinduca, que estava no Festival Paraense no dia de nossa conversa:

Mais o Pinduca, no meu ponto de vista, é o maior representante da música paraense, ele é o Rei do Carimbó, e me lembro que a primeira vez que ouvi o termo lambada foi num LP (Disco de vinil) do Pinduca, na década de 70, por isso considero ele o fundador deste ritmo que também tem muita influência de países latinos.

O colaborador menciona outro gênero musical, bastante comum no Estado do Pará, *Lambada*, gênero musical que se popularizou na década de 1990 pelo Brasil, incorporado na cultura musical paraense através das rádios, surgindo artistas como o cantor Beto Barbosa, conhecido como Rei da Lambada.

Na noite da entrevista, o cantor Pinduca era a atração musical mais aguardada do Evento, ele é carinhosamente chamado de Rei do Carimbó, e canta desde a década de 1970. Hoje Pinduca tem 80 anos, e continua fazendo shows por todo o Brasil, abaixo temos uma fotografia do cantor, durante sua apresentação musical no Festival Paraense.



Figura 5: Cantor Pinduca durante o show no Festival Paraense
Fonte: Página facebook da empresa Mode On Eventos 2018.

Pela roupa do artista é perceptível o orgulho da identidade territorial carregada por ele, sua camisa estampada com a bandeira do Estado do Pará, se repetia também no vestuário de outros migrantes que vimos no lugar, a musicalidade do Carimbó, revela uma maneira peculiar de se vestir, observamos no local do show por exemplo, muitas senhoras de idade,

vestidas como carimboleiras, que são as mulheres dançarinas de carimbó, normalmente usando saias floridas e longas, blusas amarradas na barriga, andam descalças, e com grandes arranjos de flores na cabeça.

O entrevistado continua sua fala: *“Na questão da música paraense, me identifico mais com o carimbó, as músicas dele (Pinduca) traz muitas recordações da minha infância, ouvíamos muito os LPs dele, como já te falei, a música um pouquinho de café (Tia Luzia, Tio José), é muito legal. Mais como você já percebeu eu respiro futebol, acho que dentro de nossa cultura, o futebol, é a parte mais importante, a música do nosso Rei Pinduca, que eu mais gosto é o Frevo do Paysandu”*.

O migrante ressalta a cultura paraense, e destaca a importância do futebol para o sentimento de pertencimento, diante do seu apego ao esporte futebolístico, cita uma canção do Pinduca, na qual exalta o time que ele torce no Pará, Paysandu.

Durante a conversa, ele cita a música Tia Luzia, Tio José, como uma música importante que o faz lembrar de seu lugar.

O carimbó é um gênero musical representativo da cultura paraense, Fuscaldo (2014), nos apresenta o Carimbó, como uma importante manifestação cultural dos habitantes do Pará, e também como um patrimônio imaterial do Brasil, em seu artigo a respeito da relação da cultura paraense com o carimbó, considera: *“Reunindo elementos, da cultura indígena, africana e ibéricas, o Carimbó expressa em suas letras, o modo de vida característico das populações ribeirinhas, desta região do Brasil”*.

A canção citada pelo entrevistado, descreve um cotidiano comum, vivenciado principalmente por pessoas que cresceram no interior do Estado do Pará, a letra da canção *Tia Luzia, Tio José*, conhecida popularmente como, *Um pouquinho de café*, fala de situações corriqueiras do dia a dia, analisemos:

Tia Luzia, Tio José
Pinduca
(Composição: Pinduca/João)

Abença tia Luzia
Abença tio José
Minha mãe mandou buscar
Um pouquinho de café

Abença tia Luzia
Abença tio José
Minha mãe mandou buscar
Um pouquinho de café

A coruja cantou
 No galho da laranjeira
 Quem quiser tomar café
 Vá falar com a cozinheira

A coruja cantou
 No galho da laranjeira
 Quem quiser tomar café
 Vá falar com a cozinheira.

Fonte: <https://www.lettras.mus.br/pinduca/551415/>

No início da letra, podemos perceber que o garoto está chegando a casa de seus tios, devido ao fato dele pedir a bênção. Este comportamento pode parecer arcaico para algumas pessoas, mas para muitos nortistas é uma realidade vivenciada, é um comportamento que expressa respeito pelo mais velho; com esta atitude o sujeito cumprimenta alguém por quem manifesta respeito.

Esta ação identifica os cristãos, que pedem palavras de bênçãos dos mais velhos, sendo um costume passado de pai para filho, que vai se perpetuando no convívio social familiar, visto que a primeira coisa que a maioria dos interioranos fazem, ao chegar na casa de algum parente, é pedir a bênção/abença/ ou dá a bênção, são diversas formas que se denomina este costume, como cantado na música, retratando o convívio cotidiano do sujeito.

Carimbó, como uma manifestação musical paraense, expressa em suas letras diversas características como: nomes de cidades paraenses, conhecidas pela cultural musical do Carimbó, como Marapanim (município no litoral paraense conhecido como terra do Carimbó), Canapijó (comunidade rural próximo ao município de Barcarena no Pará), cantadas na canção *Pout Pourri* (trechos de músicas unificadas em uma só canção) *do Carimbó*, da extinta banda Calypso, no entanto, a maioria das letras do gênero musical Carimbó, exaltam Belém como maior representante desta manifestação musical.

Nas letras de Carimbó, podemos perceber:

- Nomes das cidades do Estado do Pará;
- Nome de vários rios do Pará;
- Diversos tipos de comidas regionais como: açaí, tacacá, tapioca, tucupi;
- Religiosidade: Na canção *Chegou dona Mariana* do Pinduca;
- Afeição pela carimboleira (mulher que dança o Carimbó).

A admiração, o gingado e a beleza da carimboleira, são descritos constantemente nas letras de Carimbó, independente do gênero do interprete da canção, como na música: *Ai Menina*, interpretada pela cantora paraense, Lia Sophia.

O migrante continua sua fala, afirmando: *“Nós paraenses somos assim, alegres, musicais, dançantes, gostamos de preservar nossa cultura, não poderia agir diferente, mas o Pará, não é só brega, possuímos outros ritmos musicais, como o Carimbó, o qual o principal fundador deste ritmo e também da Lambada, estará se apresentado hoje, o Pinduca. Às vezes nos esquecemos destes outros sons que o Pará tem, por se lembrar muito só do brega. Na verdade no meu dia a dia eu não ouço muito brega, nem tecnobrega, e muito menos aparelhagem, estes tipos de música parece mais com o funk, que não tem letra só um ritmo dançante. Eu me identifico mesmo com o carimbó porque veja as letras tem uma história, que não são só de amor, já o brega, só fala de amor, de traição, de sentimentos de desilusão. O carimbó é mais eclético, por isso me identifico mais com este ritmo do meu Pará.”*

Costa (2005), ao discorrer sobre o gênero musical brega, vai nos dizer que as letras das canções deste gênero, são representadas pelas relações amorosas que se desenvolvem a partir de diferentes sentimentos: alegria, tristeza, medo, angústia, melancolia, sofrimento, perdas, esperanças, desejos.

Portanto, em seu cotidiano o migrante entrevistado, valoriza o gênero musical Carimbó, pois as letras trazem a sua memória a infância, o contato com a natureza, sua convivência com os parentes mais velhos, enfim o Carimbó representa seu lugar.

Diante da valorização da identidade territorial paraense e nordestina, buscamos dialogar com o empresário responsável pelos Festivais, para sabermos, se ele também é um migrante, e como surgiu esta ideia de desenvolver um Evento, a partir da música e da culinária de outros Estados do Brasil, em Manaus. Observando o ambiente onde foi realizado o Festival Paraense, podemos identificar que existia uma valorização visual da cultura. Abaixo, temos uma fotografia onde é valorizado o migrante paraense e sua cultura.



Figura 6: Folder com propaganda do Festival Paraense.

Fonte: Página facebook da empresa Mode On Eventos 2018.

O orgulho paraense estava inserido no decorrer do Festival, seria isto uma comercialização cultural? Ou o empresário também faz parte do grupo de migrantes?

A topofilia pelo lugar é ressaltada durante o Festival, como representada pelo cartaz com a propaganda do Festival, a bandeira do Estado do Pará, a culinária representada pelo camarão, a música, a cultura do outro transforma-se em um palco de exaltação e lembranças, para isso a música é um instrumento para reviver a memória musical dos migrantes.

Observou-se a estrutura do palco do Festival, constituído por placas com os nomes de cidades paraenses: Oriximiná, Paragominas, Bragança, Juriti, Óbidos, Salinópolis, Itaituba, Santarém, Altamira, Marabá, Belém, Ananindeua, Parauapebas, Castanhal, através dos nomes estes lugares, o palco deixa de ser somente o lugar do espetáculo musical, para se tornar o espaço da lembrança. Como pode ser observado na foto abaixo:



Figura 7: Palco do Festival Paraense
Fonte: Acervo Pessoal Dalila da Silva, 2017.

As cidades do Pará em destaque no palco, são as que mais tem migrantes em Manaus, de acordo com os organizadores do Evento. Durante o Festival existem os shows musicais de cantores e bandas do Pará, nas duas noites de Evento, ainda houve shows de cantores famosos do Estado, como: Pinduca e Wanderley Andrade.

No decorrer do Evento, existem várias bancas de culinária típica regional, comercializando açaí de Belém, vatapá, tacacá, maniçoba, risoto, estrogonofe de camarão, arroz paraense (arroz cozido em tucupí, jambu, e camarão), vários tipos de comida que nos fazem lembrar o Estado do Pará, tinha-se uma sala a parte para cursos de culinária paraense, com um chef de cozinha do Pará, o qual ensinava receitas rápidas tipicamente nortista para os

interessados. As torcidas rivais do Pará Re x Pa (Remo/Paysandu), também estavam presentes, os torcedores devidamente caracterizados vestindo as camisas de futebol dos times.

Podemos perceber que o Festival Paraense exaltava a identidade territorial do Estado vizinho, em suas diversas expressões culturais, embora esta valorização parta de princípios capitalistas, a presença do migrante paraense no local do Evento, nos fez refletir sobre as formas de territorialidade que este sujeito expressa na cidade de Manaus, a cultura torna-se uma forma de perceber a presença deste indivíduo no espaço.

2.5 FESTIVAL NORDESTINO

O Festival Nordestino, aconteceu seguindo o mesmo princípio que o Festival Paraense, durante dois dias na Arena da Amazônia, porém no mês de setembro de 2017. No palco havia os nomes dos nove Estados do Nordeste brasileiro: Alagoas, Bahia, Ceará, Sergipe, Maranhão, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Piauí. Como pode ser observado na foto abaixo:



Fig. 8: Palco do Festival Nordestino
Fonte: Acervo pessoal Dalila da Silva, 2017.

Durante o evento tinha-se apresentações musicais de bandas de Manaus, que tocam forró, podemos perceber que há uma valorização do gênero musical Forró em Manaus, pois muitas bandas conhecidas do público amazonense se expressam através deste segmento musical, como a banda Rabo de Vaca, que é de Manaus, mais durante suas apresentações musicais tocam forró.

As bandas mais aguardadas da noite, eram duas atrações nacionais: Banda Magníficos, e Banda Mastruz com Leite, que se consagraram no Brasil na década de 1990.

Nestes eventos, podemos perceber a popularidade de gêneros musicais de outros Estados do Brasil na cidade, como o forró, embora Manaus seja caracterizada pelo ritmo do boi-bumbá, o forró, tem uma grande aceitação com o público amazonense.

Havia também outros tipos de apresentações, como: declamações de literatura em cordel, shows de humor, conjuntos de danças de forró, campeonato de capoeira, concurso de repentistas ou cantada.

Destacamos a cantada ou repentismo, como uma expressão musical do migrante nordestino que se utiliza da poesia, desenvolve rimas de diferentes situações a partir de sua criatividade, Ramalho (2001) em sua Tese sobre este tipo de comunicação artística e cultural declara:

A cantoria nordestina- também cognominada repente, desafio, improviso, cantado, cantoria da viola- significa arte poético-musical, considerada como cristalização de sobrevivências das tradições que se imbricaram no processo de miscigenação racial, forjando uma arte que se configura como tipicamente regional. Como uma das formas populares de manifestação artística poético-musical do Brasil, circunscreve-se, principalmente, à zona sertaneja da região nordestina (RAMALHO, 2001 p. 3).

O nordestino parte de suas experiências de vida para criar e declamar as cantorias repentistas, muitos falam das secas no nordeste, outras letras podem relatar a esperteza do nordestino, buscando sua sobrevivência em meio as dificuldades vivenciadas por ele, algumas descrevem o amor por uma mulher que está longe do alcance do declamante, por esta mulher ser filha de um rico dono de terras, ou por ser comprometida, inviabilizando o romance sonhado pelo cantador, enfim, o contexto das estórias declamadas pelo repentista são diversificados.

Neste evento, conversamos com uma migrante cearense que nos relatou a importância do evento para ela, como nordestina: *“Para mim, é importante um evento como esse, acessível para nós revivermos nossa cultura nordestina, a música tem um poder muito grande na vida do nordestino, nós temos muitos cantores bons, que esta juventude não conhece, e nem quer conhecer.”*

A entrevistada era professora de Literatura, mas agora está aposentada, ela nos afirma que o Festival é importante para que seus netos conheçam um pouco da cultura nordestina, em sua fala inicial, ela expressa uma valorização pelas canções antigas de sua terra, pois de

acordo com ela, os Forrós atuais tem uma letra muito indecente, os antigos traziam a realidade vivenciada pelo nordestino, da escassez de água, de alimentos, de oportunidades de trabalho, muitos descrevem a migração de suas cidades para a capital, em busca de um trabalho.

Sendo as músicas de bandas e cantores de Forró antigos valorizados pela entrevistada, e as canções atuais desprezadas.

A cultura nordestina é vivenciada pela entrevistada, e o Festival Nordestino se dimensiona como uma expressão de sua relação existencial com o seu lugar, ela nos fala: *“Eu venho de uma terra cheia de cultura, na culinária, na literatura, na religião. Mas a música, é onde mais eu me recordo da minha cidade natalícia, ela me transporta para minha infância, principalmente as músicas de Luiz Gonzaga, são muito significativas para mim, pois meu pai tinha uma sanfona, e tocava baião e forró, o grande sonho da vida dele, era ser cantor, e fazer muito sucesso, mas como tinha que trabalhar, ele desistiu da carreira de cantor”*.

A entrevistada recorda de sua vida, a música tem um papel fundamental para isso, principalmente as canções de Luiz Gonzaga, que em suas composições narra a vida do sertanejo, da religiosidade através das rezas aos Santos por chuva.

De maneira poética, a entrevistada nos fala que migrou com sua família ainda criança para o Estado do Pará: *“Papai, ouviu falar de um lugar onde tinha muito ouro, então migramos para o Pará, e meu pai foi em busca de ouro em Serra Pelada. Ouro meu pai nunca achou, o que ele achou foi muita malária, morte, pois infelizmente esta é a realidade do garimpo[...]. Depois de tanta luta, meu pai decidiu que o ouro dele estava em Manaus, mas especificamente na Zona Franca, então, novamente nos mudamos e não saímos mais daqui”*.

Pela admiração e afinidade que a entrevistada tinha com seu pai, passou a ouvir a música que ele tocava: *“Sabe quando você tem muita afinidade com uma pessoa, e quer gostar das mesmas coisas que ela gosta? Assim aconteceu comigo, meu pai era muito musical, por isso escuto Luiz Gonzaga até hoje, as músicas dele representam o lugar de onde vim”*.

A partir do convívio familiar da entrevistada, podemos compreender a relevância da cultura nordestina em sua vida. Dentre estas vivências, destacamos a música, quando ela diz que começou a gostar da sanfona, do som transmitido por este instrumento musical, e principalmente, as músicas do cantor Luiz Gonzaga, eram de grande inspiração para seu pai, sentimos a emoção em sua voz ao recordar-se de um passado guardado em sua memória, a influência transmitida pela letra da canção a sensibiliza até hoje, ao falar dos trechos da

música, sua voz chega a embargar, parece que a música tem o poder de trazer o cotidiano musical vivenciado com o pai.

Resgatando a letra da canção *Asa Branca*, podemos relacioná-la diretamente com a pesquisa, como pode ser percebido na letra, a seguir:

Asa Branca

Luiz Gonzaga

(Compositores: Luiz Gonzaga/ Humberto Teixeira)

Quando olhei a terra ardendo
Igual fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação

Que braseiro, que fornalha
Nem um pé de plantação
Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão

Até mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
Depois eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração
Hoje longe, muitas léguas

Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Pra mim voltar pro meu sertão

Quando o verde dos teus olhos
Se espalhar na plantação
Eu te asseguro não chore não, viu

Que eu voltarei, viu
Meu coração

Fonte: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/47081/>

A canção descreve o sentimento do sertanejo, ao ver sua terra durante a seca, ardendo pelos raios solares, como uma grande fogueira de São João, como consequência o sertanejo perde a criação bovina, as plantações, vivendo na seca, sua terra é extremamente quente, até a ave, decide ir embora deste lugar, o sujeito também migra de sua terra, mas leva consigo o amor pela moça de sua juventude, prometendo que um dia voltará para seu lugar.

Carney (2007), nos fala que a música é uma linguagem que pode reforçar as experiências cotidianas, consideradas verdadeiras; relacionando o mundo vivido da migrante, com a música citada por ela, esta letra nos ajuda a compreender as dificuldades vivenciadas

pelo pai da entrevistada, a falta de trabalho e de terra fértil o impulsionou a migrar, foi um motivo significativo para ir embora de seu lugar, deixando suas raízes familiares, econômicas e culturais para trás.

Em seu estudo sobre a identidade dos lugares, representado pelas canções Kong (2009) revela:

A música também pode servir como proveitosa fonte primária para se compreender o caráter e a identidade dos lugares [...]. A música também é um meio para as pessoas comunicarem suas experiências ambientais – tanto as cotidianas aceitas como verdadeiras, discutidas teórica [...] mediante noções como “sentido de lugar”, “espaço” e “lugar” (KONG, 2009, p. 133).

Partindo da imagem que temos do Nordeste, representada pela letra da canção *Asa Branca*, formamos nossa percepção, designando uma identidade a este lugar, com isso como ressaltou Kong (2009), a partir das músicas podemos perceber as experiências vividas pelos habitantes desta região brasileira, esta experiência mencionada pela migrante cearense pode impulsionar a migração dos habitantes, assim como o pai da entrevistada, que um dia migrou do Ceará, procurando terras com ouro e riquezas, muitos também deixam seu lugar de nascimento, para concretizar sonhos.

No diálogo com o empresário, responsável pelos Festivais Culturais, ficamos sabendo como originou-se estes Eventos, ele nos afirmou: *“Realizávamos festivais gastronômicos na Praia da Ponta Negra, percebemos que o local ficou pequeno, começamos a notar a presença da comunidade paraense e nordestina, que identificamos pelo sotaque e pelo uso de camisas de times de futebol do Nordeste como Sampaio Corrêa do Maranhão, e do Paysandu do Pará. Então, comecei a amadurecer a ideia, de unificar em um único evento, a comida destes Estados e a música destes lugares”*.

O aspecto visual, em um primeiro momento, demonstrou a identidade dos frequentadores do Evento gastronômico para o empresário manauara e sua equipe, pela forma de se vestir o migrante falou, mesmo em silêncio, revelou seu lugar natal, e o sotaque também foi uma ferramenta de identificação destes sujeitos de outros lugares, no Evento inicial.

Podemos perceber como a cultura do migrante pode identifica-lo, o visual está ligado a imagens que formamos a respeito das pessoas e dos lugares, constituindo parte da percepção do ser. Com ampla divulgação dos Festivais Culturais, a Praia da Ponta Negra tornou-se um espaço pequeno, passando a ser realizado no Estádio da Arena da Amazônia, o empresário nos esclarece: *“O primeiro festival que fizemos foi o Paraense, com barracas para a comercialização de comidas típicas do Pará, e presença de cantores mais consagrados pelo público paraense. Sempre optamos por cantores e bandas mais antigos, como Pinduca,*

Wanderley Andrade, Banda Pinta Cuia, nós só não trazemos Roberto Villar (pois agora ele é crente, e não canta mais brega), a música destes artistas mais antigos os lembra do tempo que essas pessoas viviam no Pará, aliás algumas pessoas já vieram me agradecer pela presença destes cantores consagrados no evento, pois se fossem artistas mais atuais, talvez não chamaria a atenção do público paraense”. Na fala do entrevistado, podemos compreender a importância da música na vida dos migrantes, o empresário cita cantores e bandas que ganharam fama nacional até a década de 1990, os dois migrantes entrevistados, citaram cantores clássicos de seu Estado, valorizando a musicalidade antiga, da época quando ainda moravam no seu lugar, demonstrando desapego por artistas mais atuais. Diante desta negativa em aceitar o novo, o empresário percebe que os cantores representativos destes Estados, é que atraem mais público, portanto, são estes cantores que se apresentam durante os Festivais.

Os Festivais Culturais tem se fortalecido na cidade de Manaus, e como podemos perceber pela fala do responsável pelo Evento, a presença do migrante na capital do Amazonas, é notada não só pelo governo, pelo IBGE, pela Academia com os artigos e estudos científicos, mas também pelo empresariado de Manaus, pois com a presença do migrante, é possível que haja um Evento como este, direcionado a este sujeito, existindo um consumo e uma venda da cultura do outro.

Tudo no evento busca ressaltar a cultura, a comida, as roupas vendidas, as atrações musicais, quando conversamos com os vendedores das bancas de comidas, que estão caracterizados, como se fossem das cidades dos migrantes (mas na verdade são amazonenses), o migrante é levado a se sentir em seu lugar. Podemos observar a caracterização desenvolvida nas barracas dos Festivais os nomes dos pratos culinários, são utilizados para reportar o frequentador do ambiente para o Nordeste, na foto a seguir por exemplo, o migrante pode encontrar três variedades de comidas nordestinas como maranhense, baiano e cearense:



Fig. 9: Barraca de comida no Festival Nordestino
Fonte: Acervo Pessoal Dalila da Silva, 2017.

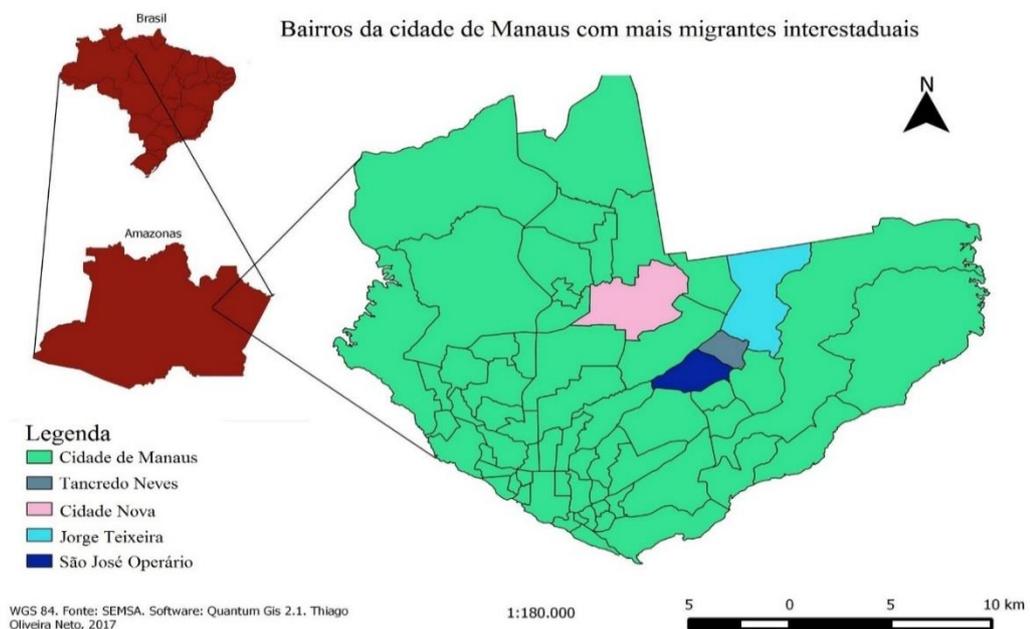
Durante os dois Festivais Culturais podemos conhecer alguns migrantes e colaboradores da pesquisa, mas no cotidiano da área de pesquisa, como identificar os migrantes no bairro Tancredo Neves? A cultura musical dos outros colaboradores, evidenciarão a presença de diferentes gêneros musicais? Refletimos então especificamente para nossa área de estudo, a fim de conhecermos o outro grupo de sujeitos da pesquisa.

2.6 PARA ALÉM DOS FESTIVAIS: BAIRRO TANCREDO NEVES, UM LUGAR DE MIGRAÇÃO

Manaus é uma importante metrópole da região Norte e devido a seu desenvolvimento econômico, houve um aumento considerável de sua população, passando de 1.800.000 (um milhão e oitocentos mil) habitantes, para 2.057.011 (dois milhões, cinquenta e sete mil e onze) habitantes, no ano de 2015 (IBGE). A pesquisa foi desenvolvida no bairro Tancredo Neves, na Zona Leste de Manaus.

O nome é uma homenagem ao Presidente eleito de forma indireta no Brasil, depois da ditadura militar.

De acordo com o IBGE (2015), os bairros de Manaus onde se encontra a maior quantidade de migrantes, são: Tancredo Neves, Jorge Teixeira, São José Operário, localizados na Zona Leste e Cidade Nova, localizado na Zona Norte de Manaus, como pode ser observado no mapa abaixo:



Mapa 2: Localização dos bairros de Manaus com maior quantidade de migrantes interestaduais
Fonte: SEMSA, 2017. Organizado por: Thiago O. Neto, 2017.

O bairro Tancredo Neves, é caracterizado por possuir vasta área comercial com Shopping recém-inaugurado na Av. Autaz Mirim, conhecida popularmente como Av. Grande Circular, o bairro possui diversas Escolas Municipais, sendo mais de dez instituições de Ensino do Município de Manaus, e uma Escola de Ensino Estadual, dois postos de saúde e uma Delegacia na principal avenida.

Por possuir diversificada área comercial, existe a descentralização de consumidores do Centro Comercial de Manaus, pois a população não precisa necessariamente deslocar-se do bairro para fins comerciais, portanto o bairro Tancredo Neves possui a mesma rede de comércios e serviços existente no Centro Comercial de Manaus.

Nos chamou atenção também a toponímia das ruas do bairro pesquisado nos fazendo lembrar sempre de outros lugares: Rua Maranhão, Rua Pará, Rua Paraná, Rua Londrina, Rua Macapá, Rua Salvador, Rua Fortaleza, são nomes que nos remetem a outras cidades e Estados do Brasil. Em outro momento da pesquisa passamos a identificar a presença dos migrantes no bairro como já descrevemos anteriormente, a partir da nomenclatura dos Estabelecimentos Comerciais espalhados no local da pesquisa, os quais nos remetiam a presença dos migrantes, como: Oficina Paulista, Panificadora e Confeitaria Copacabana, Drogaria Tocantins (como pode ser observado nas figuras abaixo), em diálogo com os proprietários destes estabelecimentos, eles relataram que colocaram o nome de seus respectivos comércios, em homenagem a cidade de onde migraram, demonstrando afetivamente com seu lugar.



Figura 10: Oficina Paulista
Fonte: Acervo Pessoal Dalila da Silva, 2017.



Figura 11: Panificadora e Confeitaria Copacabana.
Fonte: Acervo Pessoal Dalila da Silva, 2017.



Figura 12: Drogaria Tocantins.
Fonte: Acervo pessoal Dalila da Silva, 2017.

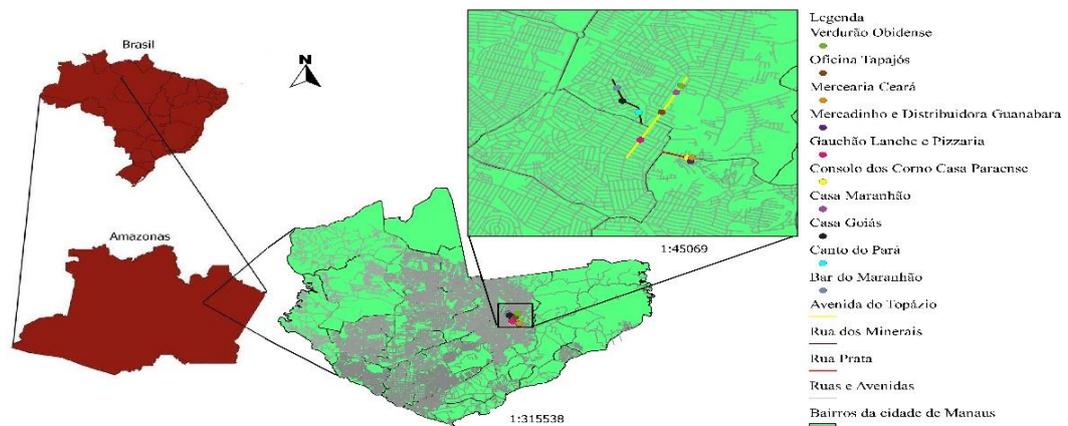
Após identificarmos o segundo grupo de sujeitos da pesquisa, iniciamos as práticas de campo nas ruas do bairro Tancredo Neves. Desenvolvemos a pesquisa com dez comerciantes do bairro, o quadro abaixo sintetiza de onde vem os migrantes entrevistados, o nome dos

estabelecimentos comerciais dos quais são donos, revelando uma ligação direta do sujeito com seu lugar:

MIGRANTE	ESTADO NATAL	ESTABELECIMENTO COMERCIAL
01	MA	Casa Maranhão
02	CE	Mercearia Ceará
03	PA	Verdurão Obidense
04	RJ	Mercadinho e Distribuidora Guanabara
05	PA	Consolo dos Corno Casa Paraense
06	MA	Bar do Maranhão
07	GO	Casa Goiás
08	PA	Oficina Tapajós
09	PA	Canto do Pará
10	RS	Gauchão Lanche e Pizzaria

Quadro1: Conhecendo os migrantes e seus estabelecimentos comerciais
Fonte: Práticas de Campo: Julho/2017- Agosto/2017-Setembro/2017.

A seguir, temos um mapa representando a localização dos estabelecimentos comerciais onde desenvolvemos esta parte da pesquisa:



Fonte: Google Maps Organizado por: Thiago O. Neto, 2018.

Mapa 3: Localização do lugar de estudo

Fonte: Google Maps Organizado por: Thiago O. Neto, 2018.

Em um primeiro momento, nossa curiosidade se associa ao motivo da migração destes sujeitos para Manaus.

Alguns migraram para resolver situações de desemprego, alguns já tinham proposta de emprego como o Migrante 7, que migrou para a Vila do Pitanga em Presidente Figueiredo, no interior do Estado do Amazonas, e o migrante 1 também já possuía uma vaga de ajudante de pedreiro para trabalhar em Manaus, juntamente com seus irmãos.

A migração dos colaboradores 5, 9, e 10 se deu por motivos familiares e tratamento médico, o migrante 5, veio para se tratar da Malária na Fundação de Medicina Tropical, o migrante 9 migrou ainda criança, acompanhando a mãe e os irmãos, o migrante 10, veio acompanhar a esposa durante o resguardo, no período pós-parto.

Muitos dos filhos dos migrantes entrevistados já nasceram em Manaus, alguns não conhecem a terra de seus pais, seria a música dos pais uma forma de conhecer o lugar deles?

Através da música em suas vidas cotidianas, a vontade dos pais é repassar para os filhos, a descrição do seu lugar, revelando a cultura de sua cidade.

Um dos filhos de um entrevistado, nos afirmou: *“Papai, só ouve música de velho, só ouve essas músicas antigas, da terra dele”*.

Talvez, um dia esse jovem ouvirá a música da terra do seu pai, tentando lembrar-se dos momentos que ouviram aquelas canções, a música o trará a sua memória, trará para ele a presença do pai, que agora ele não valoriza, mas futuramente, talvez irá valorizar tudo que seu pai tentou lhe ensinar, mesmo estando vinculado a cultura musical de outro Estado do Brasil.

Kong (2009), vai nos falar que a música constitui uma forma de identidade e principalmente, é uma ferramenta que representa lugares, traz a percepção do sujeito sua cidade. Talvez, agora o jovem não entenda a atitude do pai em ouvir a música sertaneja de raiz, mais antiga de Goiás, para o jovem, não há razão do pai desprezar os cantores do gênero sertanejo atual, e ouvir somente os cantores antigos, porém para o migrante entrevistado as interpretações dos jovens cantores do movimento musical chamado sertanejo universitário, não simboliza nada em sua vida, por isso o rapaz ressalta: *“Papai, só gosta de música de velho”*.

A partir da colaboração dos migrantes entrevistados, procuramos compreender sobre o mundo vivido dos colaboradores da pesquisa, identificando a cultura musical dos entrevistados como a alma do lugar, demonstraremos no capítulo seguinte, como o lugar se apresenta na música, demarcando territórios da migração.

CAPÍTULO III

IDENTIDADE MUSICAL E EXPRESSÃO TERRITORIAL: A TERRITORIALIDADE DA MIGRAÇÃO, NO BAIRRO TANCREDO NEVES, ZONA LESTE DE MANAUS/AM

A música indica um lugar, vivifica um lugar. O migrante ao ouvi-la está lá no seu lugar natal, e está aqui, a música é um dos recursos do estar no lugar (NOGUEIRA, 2018- trecho de áudio de orientação).

Neste momento partimos especificamente para o lugar da pesquisa, e também para o segundo grupo de sujeitos: os migrantes moradores do bairro Tancredo Neves, Zona Leste de Manaus, buscando conhecer o lugar dos sujeitos entrevistados, a partir das canções.

As músicas representam seus lugares? Falam de seu mundo vivido? Têm alguma importância na sua vida? Como se dá a relação e a reprodução desses sons no cotidiano dessas pessoas?

A fim de melhor sistematizarmos a colaboração dos entrevistados, os agrupamos de acordo com o seu lugar de nascimento, desta forma os migrantes paraenses e os migrantes maranhenses encontram-se em um grupo, visto que entrevistamos quatro migrantes paraenses e dois migrantes maranhenses.

Assim, apresentamos os migrantes, e as letras das músicas que representam seu lugar, ou de identidade territorial, e expomos o simbolismo que essas canções tem em seu viver. Suas histórias de vida serão apresentadas neste momento, as canções citadas por eles, estarão transcritas no decorrer deste capítulo, traremos músicas que falam de um lugar, de hábitos culturais, lendas, situações amorosas, manifestações culturais expressas pela dança de seu lugar de nascimento, pelas roupas ou pela admiração a natureza presente em suas cidades, sobretudo, resgataremos as canções que marcaram a vida dos migrantes, fazendo-os descrever seu mundo vivido.

3.1 MIGRANTES PARAENSES: O PARÁ NÃO É SÓ “BREGA”

Conversamos com vários migrantes paraenses no decorrer das práticas de campo, todavia, falaremos de apenas quatro sujeitos.

O IBGE nos mostra entre os migrantes interestaduais em Manaus, a maior quantidade consiste nos migrantes paraenses, talvez devido à proximidade geográfica dos dois Estados Nortistas, muitos migrantes entrevistados vieram de barco para Manaus, devido o preço das passagens ser mais acessíveis.

3.1.1 MIGRANTE PARAENSE I

O migrante paraense nasceu na cidade de Óbidos, interior do Estado do Pará, migrou para Manaus em 1989, migrou em busca de melhores condições de vida. Oliveira e Jannuzzi (2004), ressaltam que o motivo principal para a migração no Brasil, é o motivo econômico, no qual o sujeito desloca-se de seu lugar, atraído por ofertas de trabalho com melhores oportunidade de salário, sendo este um motivo clássico para o movimento social da migração. Esta foi a razão da migração do entrevistado.

Ele nos relata que sua profissão sempre foi comerciante, com o passar dos anos conseguiu comprar seu terreno e construiu sua casa, o nome do seu estabelecimento comercial é: Verdurão Obidense, a respeito do início da comercialização no bairro Tancredo Neves, ele nos fala:

Sempre trabalhei como comerciante, no começo, só vendia frutas e verduras, mais não era aqui na rua principal, era na rua paralela, onde também tenho casa, o que fazia muito sucesso era o açaí, que meus primos mandavam no barco pra mim, eu ia lá no porto pegar, como o açaí paraense, é puro, bem forte, grosso, começou a fazer sucesso pelo bairro. Vinha gente do Jorge Teixeira comprar meu açaí, às vezes pessoas até do São José, com o açaí comecei a vender a farinha também, bem torrada, bem gostosa, e meu empreendimento foi crescendo.

Com a expansão das vendas de açaí e farinha vindas do Pará, o migrante precisou de alguém para ajudá-lo a continuar trabalhando em seu estabelecimento comercial, assim ele trouxe sua irmã do Pará, para trabalhar em Manaus.

É muito comum esta situação na vida familiar dos migrantes, às vezes migra primeiro o pai da família, e deixa a mãe e os filhos no lugar natal, quando este consegue um trabalho, manda o dinheiro da passagem, que normalmente é de barco, no caso do Estado do Amazonas e do Pará, para sua família vir para a nova cidade de moradia da família.

Assim, sua irmã veio trabalhar com ele em seu comércio, que tem este nome por se referir a pessoas que nascem no município de Óbidos, no Estado do Pará, em seu relato observamos a qualificação que ele concede as comidas típicas amazônicas, como o açaí e a farinha de mandioca, embora o consumo destes produtos sejam comuns no Norte do Brasil,

ele qualifica o açaí e a farinha vindos do interior do Pará, com uma qualidade superior ao açaí e a farinha produzidos no Estado do Amazonas, desta forma o alimento comercializado vai ganhando proporções que se ampliam para além do seu bairro de moradia, como o entrevistado afirmou, vinham pessoas dos bairros próximos para comprar o açaí e a farinha.

As manifestações culturais continuam presentes na narrativa do migrante paraense, ele nos fala ser um jogador de futebol do bairro, e fazer parte de um time denominado: TORCIDA OBIDENSE FUTEBOL CLUBE:

Como gosto muito de futebol, comecei a jogar pelas quadras do bairro, e os amazonenses, começaram a me apelidar, de ladrão, brincadeira que eles fazem muito com quem é paraense, então comecei a ir só com minhas camisas do Círio de Nazaré, com a bandeira do Pará, ou com o Uniforme do Remo, só ia para as partidas de futebol usando uma camisa que fizesse eles lembrar do Pará, pois como a minha esposa diz *tenho muito orgulho de ser paraense*, hoje em dia até ela usa minhas camisas, alguns vizinhos pensa até que ela é paraense, por conviver tanto comigo, ela conhece muito da cultura paraense [...].

Percebendo a situação de hostilidade no seu momento de lazer, o migrante se utiliza de símbolos para se identificar perante o outro, como uma pessoa que não é nascida em Manaus. A respeito da identidade na sociedade pós-moderna, Hall (2006), considera:

A identidade é formada ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não é algo inato, existente na consciência, no momento do nascimento [...]. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2006 p. 38, 39).

O migrante paraense expressou sua identidade territorial em meio a situações cotidianas, demonstrando para sua esposa que ele tem orgulho de sua identidade paraense, exteriorizando seu amor por sua terra, através dos símbolos, as camisas de seu time de futebol do Pará, ou pelo uso da camisa do Círio de Nazaré, como uma manifestação de sua religiosidade e devoção pela padroeira de Belém, Nossa Senhora de Nazaré.

Ao ressaltar “**Tenho orgulho de ser paraense**”, o entrevistado fortalece sua identidade territorial, expressando este sentimento, para além do modo de se vestir, ao denominar seu estabelecimento comercial de *Verdurão Obidense*, ele faz com que as pessoas que transitam pela rua do seu estabelecimento, lembrem da cidade de Óbidos.

O migrante cria um time de Futebol, denominado Obidense F. C. (Obidense Futebol Clube) no bairro Tancredo Neves, existe uma interação social entre os comerciantes paraenses residentes em Manaus, como nos explicou o entrevistado:

Nós comerciante paraenses em Manaus, temos uma Associação de Divulgação da cultura paraense aqui em Manaus, só que ela fica no bairro do Alvorada, e nós fazemos uma vez ao ano o baile Paraense, patrocinamos este evento, neste ano será em setembro, em um clube na Torquato Tapajós, é muito legal, lá ouvimos e cantamos brega, tecnobrega, carimbó, e vários ritmos paraense, por que as pessoas acham que no Pará só existe brega, mas nós temos muitos ritmos bem diferente, e neste dia fazemos uma confraternização, é como se fosse o nosso Natal, só que antecipado, lá também temos nossas comidas típicas, como a maniçoba que as pessoas não gostam muito, o tacacá, o açaí, pato no tucupi, vatapá, com camarões bem grandes vindos de Belém, enfim, várias comidas gostosas que nos lembram do nosso Pará.

O migrante entrevistado, divulga a cultura paraense patrocinando estes eventos musicais, que objetivam a integração dos comerciantes paraenses residentes em Manaus, antes desses eventos ele convida os moradores do bairro Tancredo Neves para participar do evento. Além da comida, eles contratam vários cantores e bandas de música, principalmente de Belém, para se apresentar na festa.

A cultura surge como uma resposta ao preconceito que muitos migrantes paraenses sentem em Manaus, como relatado pelo entrevistado, abaixo temos a foto de um banner com a propaganda do evento mencionado por ele, Baile Paraense 2017.



Figura 13: Propaganda do Baile Paraense, 2017
Fonte: Acervo Pessoal Dalila da Silva, 2017.

Haesbaert (1999, p. 171), afirma: “*Os grupos sociais podem forjar territórios, em que a dimensão simbólica, se sobrepõe a dimensão mais concreta*”. Entendemos este forjar de territórios mencionado pelo autor, como a territorialidade praticada pelo sujeito migrante, independente do lugar que ele esteja morando, na confraternização dos comerciantes paraenses mencionada pelo entrevistado por exemplo, a cultura tem uma simbologia

importante para o exercer do sentido de pertencimento, em ser paraense, e este sentimento será revivido através das músicas dos cantores vindos do Pará, da dança, e também da comida.

Estas manifestações culturais, fazem de Manaus um território no qual há um fortalecimento cultural do ser paraense, pois o migrante se utiliza da dimensão simbólica da cultura para representar seu lugar.

Quando menciona os cantores que representam sua terra natal, o migrante cita vários artistas conhecidos como: Pinduca, Wanderley Andrade, Roberto Villar, a extinta banda Calypso, Gaby Amarantos, banda Pinta Cuia, banda Sayonara, Waldo César. Este último cantor citado interpreta o gênero do bolero, mora há muitos anos em Manaus, sendo muito conhecido pelos moradores da cidade. Mas, na hora de falar de uma música representativa para ele, o migrante cita a música: **Aventureiro Garimpeiro**, de Roberto Villar, conhecido como Papudinho, hoje este cantor faz parte de uma igreja evangélica, e não canta mais o gênero musical brega somente música cristã, abaixo transcrevemos a letra da canção mais representativa para o migrante paraense:

Aventureiro Garimpeiro

Interprete: Roberto Villar

(Compositores: Roberto Villar / Pompílio)

Oh São Francisco, oh São Francisco vou pra São Francisco
Oh São Francisco, oh São Francisco morar em São Francisco

Eu vou levar você pros Estados Unidos
Eu sonhei com você num lugar tão bonito

Eu sou brasileiro, eu sou nortista
Soy latino americano, da boca do Amazonas

Aqui é só tristeza mando te dizer paixão
Sou um aventureiro garimpeiro do sertão

Eu sou garimpeiro, eu sou nortista
Soy latino americano da boca do Amazonas
Aqui é só tristeza mando te dizer paixão

Sou um aventureiro garimpeiro do sertão
Sou um aventureiro garimpeiro do sertão

Oh São Francisco, oh São Francisco vou pra São Francisco
Oh São Francisco, oh São Francisco morar em São Francisco...

Fonte: www.youtube.com.br

Por que esta canção é representativa para o migrante paraense? Será que ele foi garimpeiro?

Ele esclarece que quando esta música fazia sucesso, por meados dos anos 1995, ele conheceu a esposa, então, ela representa o início de seu relacionamento amoroso, na letra da música o interprete fala em ir morar nos Estados Unidos, que era um sonho do migrante paraense na década de 1990.

Analisando minuciosamente a letra da canção citada, percebemos a influência da cultura americana repassada para as pessoas, através dos meios de comunicação como os filmes, séries ou até mesmo pelas canções, ao mencionarem os Estados Unidos como um lugar onde os sonhos são concretizados.... Despertando nas pessoas a vontade de querer morar, conhecer, ou passear neste país.

A imagem que nos é repassada, é que lá, tudo é perfeito, o próprio cantor diz: *“Eu sonhei com você, num lugar tão bonito”*, referindo-se ao país que ele queria estar juntamente com a sua amada, e ressalta: *“Aqui é só tristeza”*, referindo-se ao seu atual local de moradia.

Assim a música também pode expressar a imagem comumente retratada pelo cinema, formando na percepção das pessoas, que os Estados Unidos, são um país receptivo ao imigrante, estando abertos a novos moradores, esses podem ir instalarem-se lá. Abaixo, o comércio do entrevistado.



Fig. 14: Verdurão Obidense

Fonte: Acervo Pessoal Dalila da Silva, 2017.

A canção citada pelo entrevistado faz parte do gênero brega, o qual é o maior representante musical do Estado do Pará. Costa (2005), em seu estudo sobre o gênero musical brega, nos fala da identidade territorial paraense a partir da valorização deste segmento musical, e a cultura popular do sujeito:

Os grupos populares constroem uma identidade em torno de alguns elementos, o chamado “estilo” expressando no gosto musical, nas gírias, nas formas de se vestir, e de comportar, nas letras das músicas, que cantam ou que vários deles produzem, uma compreensão ou posicionamento frente ao mundo, bem como as questões de cunho sentimental com as quais debatem. Esses agrupamentos constituem uma forma alternativa de ação coletiva que chamamos aqui de cultura popular. Mesmo fazendo dos seus hábitos individuais um referencial que norteia a cultura popular nacional[...] (COSTA, 2005, p. 72).

O brega traz em suas letras muitas estórias de amor, muitas tristes repletas de desilusões amorosas, quando interpretada por um cantor fala de uma mulher que partiu e o deixou na saudade, o cantor descreve seus sentimentos pela mulher amada, ou pode exaltar a beleza da mulher por quem o cantor se apaixona, comparando esta beleza a natureza, como na letra da canção *Morena Sereia*, interpretada pelo cantor Wanderley Andrade, na qual ele fala do poder da beleza da mulher amada, ao ponto dela entrar no mar e águas marinhas tornarem-se doces. Quando interpretada por uma cantora, também podem retratar as paixões mal sucedidas, ao narrar o esposo que a troca por outra mulher, amores acabados, a moça que deixou-se seduzir por um homem comprometido, como na canção *Como uma Virgem* da banda Calypso, na qual a jovem liga para o amante e diz da importância do momento íntimo que tiveram, e o questiona porque ele não a procura mais, situações vividas por muitas jovens no início de suas vidas amorosas.

O amor impera nas letras de brega, comumente ouvidas em bares, ambiente noturnos, casas de shows, e nas residências familiares.

Brega também tem variações rítmicas, como o tecnobrega paraense, que se caracteriza pelo uso de aparelhos eletrônicos na reprodução musical, sendo músicas mixadas feitas a partir de versões de músicas internacionais, que são traduzidas para a língua portuguesa, e ouvidas de forma estridente em Belém e na região metropolitana, o antropólogo Hermano Vianna (2003), em seu artigo sobre o surgimento do gênero musical brega, salienta:

Há muito tempo, o estilo de consumo musical das periferias brasileiras vem se comportando de maneira totalmente diferente do padrão que as gravadoras aprenderam a controlar e do qual sabem tirar seus lucros[...]. O tecnobrega é a nova evolução de um dos estilos mais populares que a música popular brasileira já produziu. Sua origem mais remota, se não quisermos ir muito longe entre

antepassados seculares da tradição romântica nacional, é a jovem-guarda dos anos 60, rock básico e escandalosamente ingênuo, tocado com uma guitarra “chacum dum”, um baixo e bateria. Quando Roberto Carlos quis virar cantor adulto, acompanhado por orquestras, a jovem-guarda migrou para o interior, mas manteve público fiel entre as camadas mais pobres de nossa população, passando a ser chamada pejorativamente de brega.

O brega floresceu primeiro no Goiás de Amado Batista, depois foi passear no Pernambuco de Reginaldo Rossi, e acabou montando seu mais recente quartel-general no Pará. Na Belém pós-lambada, a cada ano são lançados mais de 2.000 discos diferentes de brega, em muitas gravadoras independentes. (VIANNA, 2003 Tecnobrega: A música paralela)

O gênero musical Brega, teve seu início relacionado a camadas populares, que insistiram em reproduzir as canções consideradas piègas, por apelar excessivamente a emotividade do sujeito ouvinte da canção, através das letras ao descrever sentimentos intensos. O gênero musical que foi desprezado pelos grandes centros urbanos e chamado de forma discriminatória de brega, ganhou popularidade em Belém e no Pará.

Mas, retratar as histórias de amor das pessoas, ter uma ligação real com o ouvinte da canção, caracteriza alguma desqualificação musical? Para muitos especialistas em Música sim, se o cantor ou cantora vem da periferia, em especial do Norte do Brasil, sua música não tem uma aceitação rápida pelos habitantes do Sudeste e Sul do Brasil, para vermos este cantor (a), ou banda nortista se apresentando em programas de televisão nacional é muito difícil, neste sentido alguns artistas paraenses já conseguiram quebrar estas barreiras, como Pinduca, Beto Barbosa, Wanderley Andrade, a extinta banda Calypso, mais recentemente Gaby Amarantos, e Lia Sophia. Quando fazem sucesso, o brega mesmo sendo considerado proveniente da periferia do Brasil, os cantores podem se fazer conhecidos em todo o Brasil, como foi ressaltado por Costa (2005), norteando a cultura popular nacional, fazendo-se presente na grande mídia brasileira.

O migrante paraense entrevistado, encerra sua fala reafirmando sua identidade territorial, diante do preconceito enfrentado em Manaus, por ser paraense:

Então tudo isso é muito importante para mim, sei que ganhei a vida em Manaus, mais eu não posso negar de onde eu vim, por mais que tenha essas “brincadeiras” sem graça, eu não posso negar quem eu sou, minha identidade é mais forte que qualquer preconceito, e se eu tivesse tido um filho, ele teria nascido no Pará, não que eu despreze o Amazonas, mais por que o amor que eu sinto por minha terra, é bem maior que tudo, se compara ao amor que sinto por minha esposa, que sempre me acompanha, e se nós tivesse tido nosso filho, se compararia a este amor que agente carregaria no peito para o resto da vida.

Neste relato final do colaborador, podemos ouvir como é importante que haja a identificação territorial na sua vida, mesmo diante do preconceito enfrentado em ser “paraense” como o entrevistado relata o seu lugar, a sua identidade, sua cultura expressa pela territorialidade é mais forte, neste sentido Woodward (2009) afirma: “*A migração produz identidades plurais*”. A autora ainda destaca, que pela presença de imigrantes muitas cidades européias ganharam características de comunidades asiáticas, mulçumanas, demonstrando sua presença através da cultura, como uma forma de resistência e valorização de suas tradições.

3.1.2 MIGRANTE PARAENSE II

O motivo da migração deste entrevistado para Manaus, foi para fazer um tratamento de saúde, veio em 1982 tratar-se de malária, doença adquirida no garimpo onde ele trabalhava em Itaituba, oeste do Estado do Pará:

Moro em Manaus há 35 anos, vim pra cá pra fazer um tratamento médico, porque na minha cidade, era muito difícil se tratar, e Belém é muito longe de Itaituba minha cidade natal. Então vim pra cá, me tratei, fiquei bom e fiquei morando aqui por um tempo, depois voltei pra Itaituba. Lá em Itaituba é terra de garimpo, eu era um garimpeiro, peguei malária de novo, voltei pra fazer outro tratamento no Tropical (Hospital especializado em tratamento de doenças tropicais), depois que fiquei bom, resolvi ficar de vez em Manaus.

O migrante paraense, relata que inicialmente residia no bairro São José, mas depois mudou-se para o bairro vizinho, Tancredo Neves:

Vendi minha casa do São José, veio eu minha mulher e nossas duas filha, este bairro aqui estava na formação ainda, aqui tudo era mata, ao entrar pela Grande Circular não tinha mais nada, só floresta e alguns igarapés limpos que a gente tomava banho.

O entrevistado ao fixar moradia em Manaus muda de profissão, de garimpeiro para dono de bar, ele nos fala que enquanto estava no garimpo, sempre pensava que um dia se conseguisse juntar uma boa quantia em dinheiro, montaria um bar para si, este seria seu emprego dos sonhos.

Ele nos relata que a vida no garimpo é muito difícil, eles vivem em constante insegurança, quando acham alguma quantidade de ouro não sabe se ficam felizes, ou tristes, pois normalmente quando encontram ouro, tem que dividir com o dono do garimpo, tem que pagar as despesas, quando os donos do garimpo, descobrem que eles estão com muita

quantidade de ouro escondido, pretendendo voltar para a cidade, são roubados, enganados ou assassinados.

Essas experiências vivenciadas pelo entrevistado, geraram a sensação de insegurança, o migrante nos relata que a morte é uma companhia constante, a única coisa que ameniza esta triste realidade são as bebidas alcoólicas, as moças da currutela (prostíbulo), e a música, principalmente o brega:

Na música da minha cidade eu vivi diferentes situações, no garimpo a gente ouvia muito brega, mas não era o paraense era Reginaldo Rossi, Amado Batista, Julio Nascimento, cantores que não são paraense, porque de artista de lá famoso mesmo, naquela época era só o Pinduca, que canta carimbó. Pois é, mas na cidade mesmo de Itaituba, a gente ouvia muito sertanejo, aquelas duplas antigas Mato Grosso e Matias, Milionário e José Rico [...] mas a música que mais me marcou, foi este brega mais antigo, me faz lembrar o garimpo. Porque as letras destas músicas falam muito de corno, de ser traído pela mulher, esse era meu maior medo, quando estava trabalhando lá.

Ao falar da cultura musical, dois gêneros são citados pelo entrevistado: um ouvido nos garimpos o brega, e outro ouvido nas lojas, nas ruas, nas caixas de sons instalados no poste de luz de sua cidade, o sertanejo.

Na época em que trabalhou no garimpo, os cantores paraenses não eram conhecidos nacionalmente como hoje, somente alguns eram famosos como Pinduca com carimbó e Beto Barbosa com lambada, no entanto, a realidade musical do entrevistado vivencia cantores de brega de outros Estados do Brasil, como Amado Batista de Goiás, Reginaldo Rossi de Pernambuco, e Julio Nascimento do Maranhão. O que estes três cantores têm em comum? Principalmente, Reginaldo Rossi e Julio Nascimento? Com exceção do gênero musical, que eles cantam, estes cantores em quase todas as letras de suas canções, trazem histórias de traição, particularmente o cantor maranhense Julio Nascimento.

Desta forma, a música ouvida pelos garimpeiros demonstravam a sua maior preocupação, pois eles passavam muitos meses longe de casa, em busca do ouro, o entrevistado comenta que já ficou nove meses sem voltar para casa, trabalhando dia e noite para conseguir retornar a sede da cidade de Itaituba: *“Muitas vezes, acontecia do garimpeiro demorar tanto pra voltar, que a mulher logo arranjava outro homem, pensando que o marido havia sido morto. As músicas de Julio Nascimento falam disso, do medo constante que todo homem tem, por isso elas me toca, eu posso citar ele? Mesmo ele sendo maranhense?”* Questiona o entrevistado.

A pesquisa busca ressaltar as músicas significativas para os migrantes em Manaus, as canções que os remete a sua terra, sejam elas interpretadas por cantores conterrâneos dos entrevistados ou não, desta maneira transcrevemos a música citada pelo migrante.

Lembranças de um garimpo

Júlio Nascimento

(Compositor: Júlio Nascimento)

Eu relembro que eu fui para o garimpo
E deixei a minha esposa em casa

Trabalhei dia e noite sem parar
Pra em nossa casa
Não deixar nada faltar

Certo dia um amigo me escreveu
Me falando o que estava acontecendo
A minha esposa tinha saído pra rua

Estava com outro homem bebendo
Mas um dia quando eu voltei
Eu bebi foi pra valer
Hoje eu não quero mais
Esta mulher para comigo viver

Mas o que ela me fez
Na verdade não merece ter perdão
Porque eu sei que você já tinha outro
Que morava dentro do seu coração.
Fonte: www.lettras.com.br/julionascimento

Por interpretar a insegurança masculina, quanto a fidelidade conjugal no tempo de ausência do marido de seu lar, o cantor Julio Nascimento além de ser muito popular nos garimpos, é chamado de “Cantor dos Garimpeiros”.

Como mencionado pelo sujeito da pesquisa, as letras do referido cantor comumente falam de traição, este cantor tem outras canções, nas quais sempre apresentam este tema, a mulher que o enganou com seu irmão como na canção *Dinalva*, na letra da canção *A Mãe da Leidiane*, o cantor diz ser sustentado pela esposa que trabalha como prostituta, esses temas estão sempre associados ao cantor Júlio Nascimento. No gênero brega, a traição conjugal, é um tema recorrente segundo Costa (2005 p. 48): *A traição é tratada, ora com ironia, ora com*

sentimentalidade, ora incentivada, ora reprimida[...] o machão e o homem sentimental estão presentes inseparadamente, numa luta constante onde ora um sobressai, ora outro.

Neste sentido o cantor acima citado, na canção **Dinalva** age violentamente, ao flagrar a esposa traindo-o: “*Aí eu fiquei agitado, de armas nas mãos!*”. Reagindo bruscamente em resposta a infidelidade conjugal.

São diversas situações que tem um tema comum: *Traição*, aliás o nome do bar do migrante paraense é: *Consolo dos Corno Casa Paraense*.

Ao explicar a toponímia curiosa do seu estabelecimento comercial, o migrante ressalta que muitos vizinhos se referiam ao seu bar, como *o lugar onde só toca música brega, música de corno, música de traição*, então, ao invés de ficar irritado com os vizinhos, o migrante aderiu a brincadeira e colocou o nome do seu bar *Consolo dos Corno Casa Paraense*, sem esquecer do lugar de onde migrou, como pode ser observado na foto abaixo:



Figura 15: Estabelecimento comercial do entrevistado

Fonte: Acervo Pessoal Dalila da Silva, 2017.

O migrante continua falando do seu lugar nos diz que sempre vai visitar sua cidade, ele nos relata:

De vez em quando vou lá em Itaituba, ano passado fui lá, matar a saudade dos meus pais, irmãos, minha esposa sempre vai comigo, minhas filha nunca quiseram ir lá, conhecer, porque quando viemos pra cá, elas eram bebê não lembra de nada de lá, nós que falamos pra elas, que nossa terra é bonita, nosso rio é verde parece o mar, nossa terra tem muito ouro, tem a Transamazônica, a gente tenta criar na mente delas como nosso lugar é bonito, mas acho que elas se consideram amazonenses, e nem querem papo com o Pará. Nossa cultura é bem parecida com a do Amazonas, mais as frutas da minha cidade tem sabor, o açaí, a carne, é muito gostosa. Em

Itaituba devido a Transamazônica, foram muito gaúchos pra lá, então nós ficamos parecido com eles no hábito de comer carne, aliás agente quase nem come peixe lá, também devido o uso de mercúrio nos rios do garimpo, evitamos ao máximo comer peixe, então comemos muita carne, lá tem muitas fazendas, acho que sinto muito mais falta destas coisas que tem a ver com a comida do que com a música, porque a música eu coloco aqui direto, é uma forma de me lembrar de lá, mais eu tenho convívio direto com as músicas de lá, então o que me faz falta são as comidas com sabor de lá.

O entrevistado descreve as características físicas de sua cidade, o rio verde, que parece o mar, a riqueza aurífera presente no lugar, a ligação da cidade com rodovias federais, ocasionando comércios nacionais e internacionais, como o da soja que é escoada pela Transamazônica até Santarém, e de lá segue em exportação para vários países do mundo.

Ele tenta repassar para as filhas como a terra deles é bonita, embora elas tenham migrado pequenas para Manaus, na opinião do entrevistado elas deveriam sentir-se pertencentes a Itaituba, e não se identificarem como manauaras, a cultura paraense e amazonense para o migrante são semelhantes, no entanto, a culinária as frutas, carnes, verduras do seu lugar tem sabor são doces, apetitosas, esta fala do entrevistado nos fez recordar, o poema *Canção do Exílio* de Gonçalves Dias: “*Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá, as aves que aqui gorjeiam, não gorjeiam como as de lá[...]*”. A ligação emotiva do sujeito migrante com seu lugar, faz com os alimentos de sua terra tenham um sabor mais agradável, neste sentido trabalhando com a percepção, Tuan (2013) diz que a percepção, se desenvolve a partir dos sentidos: paladar, olfato, visão, audição e tato. Sentindo-se pertencente a sua cidade, o migrante através de seu paladar, diz saber diferenciar as frutas, e carnes de sua cidade através da qualidade que estas apresentam.

A ligação que o migrante sente com a sua terra reflete no paladar, modifica o sabor da comida consumida em Manaus, o faz qualificar o gosto das frutas de lá, como melhores que as consumidas aqui.

Chama-nos a atenção a referência que o migrante faz a respeito de nossa pesquisa em sua fala, mesmo de forma despretensiosa, ao afirmar que com a criação da Transamazônica, muitos gaúchos migraram para Itaituba, e isso refletiu diretamente na cultura alimentar do paraense, assemelhando-se ao gaúcho, no consumo de carne, evidentemente que existe a questão ambiental e salutar da utilização do mercúrio no rio Tapajós, e isso inviabiliza o consumo de peixe pelos habitantes de Itaituba, mas a carne torna-se a proteína principal de consumo nas refeições itaitubenses, assim como o arroz devido a migração de maranhenses, para aquela cidade. Nós também acreditamos que ao migrar, a cidade que receberá este migrante, sofrerá reflexos que modificarão a cultura musical, alimentar e religiosa.

A música é uma forma de recordação para o migrante, mais ele a ouve todos os dias no período de funcionamento do seu bar, em suas palavras: “*A música é uma forma de me lembrar de lá, mais eu tenho convívio direto com as músicas de lá*”.

A música faz parte de suas histórias de vida, seja no garimpo, seja na sede da cidade, por vezes a música traz de volta seus medos internos, valorização do seu lugar, o rio, as lendas amazônicas, tudo pode estar sendo narrado por uma canção, e através da música o migrante vai se territorializando.

3.1.3 MIGRANTE PARAENSE III

O terceiro migrante paraense nasceu em Santarém, oeste do Estado do Pará, cidade turística conhecida pela presença das praias de Alter do Chão, chamadas de Caribe brasileiro. Nas primeiras conversas, o migrante destaca sua ligação com as belezas naturais de seu lugar, diz que sempre retorna a Santarém para visitar a mãe, e prefere viajar de barco, pois de acordo com o entrevistado:

A viagem de barco é mais agradável, sentimos o vento no rosto, podemos ver as águas do Rio Negro, depois o Encontro das Águas, e a coisa mais linda é quando vejo a orla de Santarém, quando não vejo mais as águas barrentas do Rio Amazonas, quando estou chegando em Santarém, e sinto o cheiro das Águas cristalinas do Rio Tapajós, é emocionante.

Há uma forte ligação do migrante com o rio, o entrevistado menciona que foi criado nadando nas águas esverdeadas do rio Tapajós, ele nos mostra várias fotos das praias de Alter do Chão, e diz que sempre convida os funcionários amazonenses para conhecer as praias.

Sempre o sujeito volta a mencionar a beleza do rio que banha a sua cidade, de águas esverdeadas, e como se assemelham com a beleza do mar, por isso ele denominou sua Oficina de *Tapajós*, pois este é o nome do rio que passa por sua cidade natal.

O migrante continua ressaltando o rio de sua cidade, “*as águas verdes do rio Tapajós é algo muito bonito de se ver*”, o migrante então nos fala do tempo que reside em Manaus, e do cotidiano de trabalho na oficina:

Faz 14 anos que tenho esta oficina aqui, moro há dezessete anos em Manaus. Aqui na oficina, trabalho com carros, parte mecânica, lanternagem e ainda tenho borracharia, coloquei este nome no meu estabelecimento, para chamar a atenção dos paraenses que moram no bairro. Acho que além de paraense tem muitos maranhense também aqui no bairro. Há uma rivalidade muito grande e chata entre paraense e amazonense, aqui na Oficina mesmo, eu canso de brigar com os meninos para ver se eles param com esta arrumação de ficar chamando paraense de ladrão, de esperto, como se a gente tivesse aqui, só para roubar o emprego dos amazonenses, olha moça

pra mim ter esta oficina aqui, eu batalhei e batalho até hoje, nada veio de graça, trabalho da melhor maneira possível, que é pro meu cliente ficar satisfeito e voltar sempre, além do mais, assim, ele mesmo vai fazendo propaganda do meu trabalho boca a boca, e isto é o que mais vale pra mim, não engano ninguém, seja homem ou mulher, porque tem muito mecânicos que quando ver que é mulher solteira que vem ajeitar o carro, bota pra enganar as menina, pede um monte de peça que não é preciso, compra tudo nas lojas mais cara, eu não, então eu trabalho assim, na honestidade e peço para meus funcionários tratar todo mundo com respeito, por que hoje se você assobia ou diz que uma mulher é bonita, é assédio, então para evitar esta situação eu dou ordem para os meninos respeitar nossa clientes.

O migrante paraense, nos relata que na Oficina, às vezes surgem brincadeiras de mal gosto entre os funcionários amazonenses e paraenses, ressalta a importância de ser honesto, e dizer para o cliente, o real problema do automóvel trazido a oficina sobretudo, destaca que a maioria de seus clientes são mulheres, pois em sua Oficina elas são tratadas com respeito, e sempre direciona seus funcionários a fazer o mesmo, a não assediar as clientes do estabelecimento.

Quando falamos das manifestações culturais, o migrante destaca haver similaridade entre a cultura amazonense e paraense, desde o aspecto alimentar com o consumo de farinha, peixe, açaí, frutas regionais, até os Festivais Folclóricos, pois no Amazonas é o Boi Bumbá, em Santarém, é o Sairé (Çairé), ele destaca só mudar o símbolo do Festival, pois o homenageado em Santarém, é o Boto.

O sujeito nos fala que na cultura musical, Manaus não tem muita diferença de Santarém, pois ele sempre ouve os mesmos artistas ouvidos em sua terra, nas ruas do bairro, nas festas frequentadas por ele, o sujeito fala de algumas bandas antigas de brega paraense:

Eu ainda ouço, banda Sayonara da Música *Quem não te quer sou*, fez sucesso no Brasil todo, tem a banda Xeiro Verde da Música *Beijo Bom*, Fruto Sensual da música *Príncipe Negro*, e claro a que mais fez sucesso, a banda Calypso, enfim esses artistas paraense levam o orgulho de ser paraense para todo o Brasil, através das letras das músicas deles, que pode parecer que só fala de amor, desilusão amorosa, paixão, mais entre uma música de dor de cotovelo, e outra, sempre tem uma música que fala do Pará, das comidas paraense, como o açaí, o tacacá, de como o Pará é bonito, eu não ouço muito aqui na Oficina, só dia de sexta feira agente já começa agitar aqui mesmo, depois do expediente, aí a gente desce pra a Grande Circular, pro Kafuner e vamos curtir o fim de semana.

Importante notarmos que na narrativa do migrante paraense ao vivenciar as noites de festas de música e shows em Manaus, o sujeito destaca que a cultura musical da capital do Amazonas, não é diferente da cultura musical do seu Estado, a constante veiculação sonora de bandas de brega paraense em Manaus é muito comum, algumas das quais nem existem mais, isso seria uma influência musical da significativa quantidade de paraenses na cidade? Essas

canções são ouvidas no cotidiano do bairro, nas ruas, nos outros comércios presentes na dimensão espacial da área estudada, o cotidiano do migrante é experienciado pelo ouvir os gêneros musicais do seu Estado.

O entrevistado define o gênero musical *brega*, para além de letras que falam unicamente de amor, ou das decepções amorosas, ele ressalta que essas bandas mesmo cantando o amor, trazem o Pará em suas letras, descrevem o seu lugar através das belezas naturais. Costa (2005), vai caracterizar o brega, a partir das letras dos compositores:

Os compositores paraenses, denotam nas canções um Pará idílico, um lugar cheio de mulheres lindas, praias maravilhosas, noites de amor, aventuras regadas a cerveja, comidas típicas, quase como uma imagem caribenha, cheia de exotismo, é como se o Caribe mostrado pelos catálogos de turismo, fosse no Pará (COSTA, 2005 p. 38).

O compositor paraense ao criar as letras das canções, idealiza os lugares narrados, através de suas perspectivas de vida, de alegria, e de entretenimento, desta forma são criadas imagens de um paraíso carnal, repleto de belas mulheres, boas comidas, e a presença exuberante da natureza, com seus rios de verdes águas transparentes, assemelhando-se ao mar.

O sujeito cita uma música que representa o seu amor pelo seu Estado, denominada de *Cheiro do Pará*, esta canção é emblemática, sendo interpretada por diversas bandas paraenses, como banda Xeiro Verde, banda Calypso, banda Companhia do Calypso, é uma canção que traz o Pará para perto do migrante:

Cheiro do Pará

Banda Calypso

(Compositores: Kim Marques/Edilson Moreno)

Taca cá um beijo em minha boca
Louca como eu fico louca amor
(Louca para te beijar)

Taca cá um beijo em minha boca
Louca como eu fico louca amor
(Louca para te beijar)

Eu quero que você me tome
Em teus braços pra não mais sair
Porque tudo o que eu quero
É ficar aqui
Nesse vai e vem da vida
Não posso parar
Porque eu quero nessa vida

É com você ficar.
Sentido o cheiro teu

Não quero mais parar
Meu dengo o teu cheiro
Tem o cheiro do Pará.

Fonte: <https://www.letras.mus.br/banda-calypto/86313/>

A canção citada pelo entrevistado, ressalta a paixão da interprete pelo sujeito, o qual a lembra do cheiro de sua terra, desta forma é uma música que fala de amor, da paixão característica das canções de brega.

No trecho: *Nesse vai e vem da vida*, o entrevistado argumenta que esta parte da música se assemelha a sua vida, pelo fato de ir a sua terra, e voltar para Manaus com frequência, havendo uma relação entre a música e seu modo de vida.

Esta canção tem um simbolismo na vida do entrevistado, pois o cheiro do rio Tapajós o faz identificar o seu lugar, como ele nos relata ao viajar para sua cidade de barco, ele pode estar dormindo mais pelo cheiro, sente/percebe que não está mais no Rio Amazonas, sente que está no Rio Tapajós.

Interessante é a adaptação que o migrante faz na letra da canção; em nossa terceira ida a campo percebemos que com a letra na mão, ele troca algumas palavras da música nos trechos:

Taca cá, um beijo em minha boca

Ele modifica o início da canção pela palavra tacacá:

Tacacá, um beijo em minha boca

O migrante paraense modifica o início da canção ao fazer menção ao tacacá, bebida consumida constantemente no Pará, e no Amazonas, a base de goma de tapioca e tucupi extraídos da mandioca. O migrante também troca outra parte da canção:

Eu quero que você me tome em seus braços,
Pra não mais sair.

O entrevistado canta:

Eu quero que você me tome em seus braços,
Pra tomar **Açaí**

Talvez, o migrante nem tenha percebido as modificações que ele fez na letra da canção, ao ouvi-la em sua Oficina na sexta-feira, ou nas casas noturnas que frequenta.

Atualmente, a forma que os consumidores adquirem as músicas mudaram, pois se antes estes consumidores deslocavam-se até uma loja física onde vendiam os Cds dos artistas, as pessoas compravam estes cds, podiam ler as letras das canções, aprender da forma correta, através do encarte que acompanhava o trabalho fonográfico.

Buscando relacionar o consumo de músicas desde a sociedade do século XX até a sociedade moderna do século XXI, Vieira e Paixão (2016), fazem um levantamento histórico do consumo musical ao longo do tempo, desde a apresentação musical de artistas nos teatros no início do século XX, ressaltando a individualização musical das pessoas atualmente, através do uso de mp3:

A partir do ano 2000, a criação de redes facilitou o compartilhamento de arquivos via internet de maneira simples, incluindo os formatos de áudio compactados, como o MP3. A grande popularização dessas redes faz com que as principais empresas fonográficas dos Estados Unidos da América, iniciem um processo judicial litigioso em busca de impedir a pirataria via internet[...]. A partir de 2006, com a queda das vendas de mídias como CD, um novo mercado musical começou a ser empregado: o eletrônico. (VIEIRA e PAIXÃO, 2016 p.146).

De um hábito social a reprodução musical torna-se um hábito individual, com o uso de aparelhos celulares e fones de ouvido, procurando adaptar-se a esta nova realidade de consumo musical, hoje existe a venda de músicas através das plataformas digitais, disponíveis na internet.

Com estas formas de consumo musical atual as letras das canções nem sempre são aprendidas da maneira como o compositor as escreveu, como no caso do colaborador da pesquisa, que substituiu algumas palavras da letra assimilando outras em seu lugar, assim, algumas letras podem ter modificações na boca dos seus ouvintes. O migrante surpreende-se ao perceber o erro na troca de palavras que ele cometia. A seguir, temos duas fotos, do ambiente de trabalho do entrevistado.



Fig. 16: Oficina Tapajós
Fonte: Acervo Pessoal Dalila da Silva, 2017.



Fig. 17: Área externa da Oficina Tapajós
Fonte: Acervo Pessoal Dalila da Silva, 2017.

3.1.4 MIGRANTE PARAENSE IV

Neste estabelecimento comercial, o visual não o deixa passar despercebido, o migrante representa o amor pelo seu lugar em vários aspectos, há uma enorme bandeira do Estado do Pará pintada na parede, a música ouvida é brega e tecnobrega, mesmo a banda não sendo paraense, como a banda Djavú composta por integrantes baianos, ouvida no local no momento da entrevista, mas cantam o gênero paraense tecnobrega.

Os outros comerciantes entrevistados durante as práticas de campo, nos indicaram que deveríamos ir ao Canto do Pará, que é um lanche regional.

O proprietário comercializa tacacá, vatapá, bolinhos de piracuí (farinha feita a partir da trituração do peixe), salgados, refrigerantes, cervejas, existe uma variedade gastronômica no cardápio, tacacá é vendido todos os dias, os demais pratos regionais como vatapá e o bolinho de piracuí, apenas nos fins de semana.

O migrante nos fala que veio morar em Manaus, há dezesseis anos, migrou com a mãe e os irmãos, sua mãe veio trabalhar vendendo tacacá no Centro, depois de serem abandonados pelo pai. O sujeito sempre menciona a mãe, sua dedicação em criar os filhos, em trabalhar e acordar de madrugada para o preparo das comidas regionais, as receitas que hoje são comercializados no seu lanche, foram aprendidas com a mãe, principalmente o tacacá, ele declara:

Aprendi a fazer o tacacá com minha mãe, ensinei minha esposa a fazer, até pouco tempo trabalhava no Distrito, deram minha conta na empresa, e com o dinheiro comprei este ponto aqui, pois já tenho casa própria e uma moto, então investi aqui. Eu que decorei o lanche, pensei no maior símbolo do lugar de onde nasci, e desenhei a bandeira do Pará. Aqui no estabelecimento não tenho do que reclamar, todos os

dias que viemos trabalhar, vendemos tudo, às vezes sobra mais é muito difícil, dia de sexta e sábado são os dias que mais vendemos e fechamos mais tarde o lanche. Na verdade, o segredo do meu tacacá está no tucupi, porque esses daqui de Manaus, são todo adocicados, e o nosso do Pará é diferente, é azedo, por isso encomendo tucupi dos meus primos lá de Santarém, eles mandam uma vez por semana pra mim, aí vou lá no Centro pegar o tucupi.

Como mencionado, a mãe do entrevistado tem um importante papel em sua vida, pois além de cria-lo com toda dificuldade, ensinou-lhe um ofício, através da cultura culinária amazônica, que desperta o interesse dos moradores do bairro que ele reside, e também de desconhecidos que passam pelas ruas do Tancredo Neves.

Em meio à crise econômica do Polo Industrial de Manaus, o migrante paraense foi dispensado de seu trabalho, assim ele investe sua indenização na compra do estabelecimento comercial, para trabalhar juntamente com sua esposa, no lanche.

Ele nos relata o seu cotidiano de trabalho, fala sobre a dinâmica e a produção dos alimentos para a comercialização no lanche, demonstra manter contato com os familiares que ainda moram na cidade onde nasceu, Santarém.

Para o migrante, o que faz o seu tacacá ser diferente dos demais vendidos no bairro, é o tucupi, que vem direto de sua terra, este não é adocicado como todo tucupi comercializado em Manaus. Isto, na percepção do entrevistado, faz uma grande diferença ao paladar do cliente, que valoriza mais o produto consumindo toda a quantidade feita para venda naquele dia.

Seu mundo vivido é constituído pela cultura paraense principalmente alimentar, que ele especifica ser específica do seu Estado, mas na verdade é de toda Amazônia Brasileira, há uma valorização da identidade territorial em seu estabelecimento comercial, representado pela bandeira desenhada por ele na parede do lanche, na placa de denominação do comércio, na música reproduzida amplamente na caixa de som, pela roupa que veste, uma camisa de futebol do clube paraense, Paysandu Sport Clube, e também pelo diálogo que desenvolve conosco.

No dia a dia na vizinhança, ele nos diz que uma vez ao ano, junta-se com os vizinhos de sua rua, e fazem o Festival Paraense, é como se fosse uma grande festa de aniversário, onde tem uma grande variedade de comida, ouve-se brega, mas principalmente tecnobrega, por ser um tipo de música mais animada, no entanto, este ano eles não vão realizar este evento: *“Mas como os meus vizinhos só esperam por mim, não foram lá na Semmas (Secretaria Municipal de Sustentabilidade e Meio Ambiente) pedir autorização da Prefeitura para fechar a rua para fazer nosso festival esse ano, eu tava muito ocupado pintando e*

comprando as coisas aqui pro lanche, além da crise também porque nem todo mundo ia poder dar dinheiro para cooperação do banquete, por que a gente faz assim, muita comida a vontade, sem miséria nem pena”. Ele nos fala dos empecilhos para a realização do Festival Paraense este ano de 2017, a música está presente em sua vida, menciona os cantores que representam sua terra, além de citar alguns artistas do Amazonas, que são ouvidos no seu estabelecimento comercial:

Agora música eu entendo bastante, pois passo o dia aqui, ouvindo de tudo, principalmente brega, tecnobrega, forró, coloco alguns cantores amazonenses também como o Berg Guerra e Guto Lima, do bolero, mas o que mais pede para colocar aí no som é o brega mesmo, principalmente os antigos. Eu até gosto mais de colocar essas músicas antigas, porque eu viajo no tempo, e volto para quando eu era criança e vivia feliz à beira do rio Tapajós. Tem muitas músicas que me faz lembrar do Pará, como os carimbós antigos do Pinduca, os bregas do Roberto Villar, também são bons. Uma música que fala do Pará, tem da banda Calypso Cheiro do Pará, as músicas paraenses são assim, sempre falam do que o Pará tem de bom, do carimbó, do açaí, do tacacá, é uma declaração de amor ao meu Estado.

É interessante notarmos, que embora o migrante paraense IV não conheça o migrante paraense III, ele cita a mesma música que seu conterrâneo falou anteriormente, ao citar a canção *Cheiro do Pará* da banda Calypso, ele ressalta que o cheiro é algo muito importante para seu novo ofício, pois através dele pode saber se o tacacá e as comidas comercializadas estão bom, o alimento vendido tem que despertar além do aspecto visual o aspecto olfativo agradável aos clientes, que também os reportem a sua infância, abaixo temos uma foto do ambiente de trabalho do entrevistado.



Fig.18: Frente do Lanche Regional Canto do Pará.
Fonte: Acervo Pessoal Dalila da Silva, 2017.

Analisando o ambiente de trabalho do entrevistado, percebemos a frase *Nossa Terra Tem que ter Respeito...* escrita sob a bandeira do Estado do Pará, esta frase nos chamou atenção durante as práticas de campo, o que levou o sujeito a expressar-se desta forma sob o maior símbolo do seu Estado? Seria a convivência do migrante paraense com outros comerciantes harmônica? Estaria o proprietário do Canto do Pará sendo discriminado por ser um migrante?

Ao refletir sobre as construções identitárias do sujeito, Hall (2009, p.110), em seu artigo, “Quem precisa de identidade?” declara: *“Acima de tudo, e de forma diretamente contrária àquela pela qual elas são constantemente invocadas, as identidades são construídas por meio da diferença”*.

Ao posicionar-se diante do Outro como um migrante, o entrevistado construiu sua identidade, através das manifestações musicais de seu Estado, reproduzindo na caixa amplificadora de seu lanche, artistas que o fazem recordar de sua terra natal.

A música está presente no trabalho do migrante, ao citar os cantores importantes para a sua vivência musical, ele inclui os cantores de Manaus, a terra que ele vive, mas sempre ressalta que a música do Pará, é uma declaração de amor as mulheres paraenses, a cultura, as praias, a comida, isto tudo pode ser dito através das letras das canções. As músicas antigas marcaram sua infância, pois a época da efervescência musical destes artistas citados por ele, o sujeito ainda vivia em Santarém, nadando no rio Tapajós.

3.2 MIGRANTES MARANHENSES: “O REGGAE E O ARROZ COM CUXÁ”

O migrante maranhense nasceu em Vitorino Freire, um município do Estado do Maranhão, migrou para Manaus em 1996 em busca de melhores condições de vida, veio a convite dos irmãos que já moravam na capital amazonense. Ele nos fala que dois irmãos já moravam na cidade, e depois da chegada dele, os outros dois que haviam ficado no Maranhão, também migraram para cá, no entanto, com a convivência, os desentendimentos começaram:

Éramos cinco morando todos juntos, no começo eu trabalhava na construção civil, como ajudante de pedreiro, na verdade meu irmão trabalhava muito bem como pedreiro e eu sempre trabalhava ajudando eles, mais depois de um tempo, começamos a brigar, a nos desentender por causa das diária que eles não me pagava direito, às vezes quando eles ia receber, já iam direto pro bar, eu ficava esperando eles chegar com minha parte em casa, quando chegava já tinha gastado a deles e a minha também, então resolvi me mudar, mas continuei morando na mesma rua que eles, aqui mesmo no bairro Tancredo Neves.

Diante das desordens financeiras, o sujeito decide morar sozinho, mas continua próximo aos seus irmãos, depois de algum tempo sua mãe falece no Maranhão, e dois de seus irmãos voltam para lá, mas ele permanece em Manaus, casa-se com uma amazonense, assim como seus irmãos que ficaram em Manaus, no entanto, ele ressalta que sua cultura musical sofreu algumas modificações, pois assim que casou-se queria agradar sua esposa, e começou a frequentar a mesma igreja que ela, com uma doutrina bastante rígida, na qual ele não podia dançar ou cantar reggae, sendo este gênero musical que ele cresceu ouvindo no Maranhão, a respeito desta manifestação musical ele considera:

O reggae me faz recordar da nossa infância no Maranhão, mamãe fazendo arroz com cuxá (hortaliça típica do Maranhão, azeda, conhecida como vinagreira), galinha caipira, minha mãe era muito ligada a música, quando a vitrola não estava tocando lá em casa, a gente já sabia que ela tava doente, todo mundo estranhava. Com a prática da minha nova religião, eu percebi que eu tava ficando muito diferente, muitas vezes eu até deixava de ir no almoço de domingo na casa dos meus irmão, depois de um tempo percebi que eu tava envelhecendo e ficando obcecado com minha religião, cada um dos meus irmão inclusive eu também, se casou com uma amazonense, mas dia de domingo, quando nos reunia para o almoço, ao ouvir a nossa música nosso reggae, eu ficava me segurando pra não dançar e muito menos cantar, aquilo era um sofrimento muito grande pra mim, porque através destas reunião eu podia conversar com meus irmão, e recordar de nossa infância, do lugar onde nascemos, muitas vezes eu deixava de ir pra esses almoço com meus irmão e suas família, para eu não cair em tentação.

O reggae o recorda de sua infância, da convivência com sua mãe, e seus irmãos no Maranhão, este gênero musical o lembra de seu lugar de infância, refletindo a este respeito, Carney (2007, p.132) diz: “*A música contribui para recordações de experiências do lugar doméstico*”.

Ao falar sobre suas experiências musicais, o entrevistado fala de uma realidade vivida por muitas pessoas, algumas igrejas protestantes associam a música que fala de amor, de problemas sociais, da alegria de um povo, ou de um lugar específico como é o reggae, como uma música “pecaminosa”, sugerindo para os seguidores, que a única música que eles podem ouvir e cantar, são as músicas que exaltam o nome de Deus, seus poderes e milagres.

Em seu estudo a respeito das músicas religiosas Torres (2016), vai descrever as letras das músicas religiosas protestantes, o autor nos fala que estas canções são resultado da cultura, e principalmente as letras vão invocar um lugar, que é perfeito, e pela presença de Cristo neste lugar não haverá nada de errado ou pecaminoso, não haverá morte, nem dor, mas para o cristão entrar neste lugar é necessário que ele resista as “tentações terrenas”, as músicas seculares, as danças, ao Carnaval, ao Santos Católicos, e a sua cultura natal. A partir deste

princípio, podemos imaginar a tensão emocional ocasionada no seguidor destas doutrinas, como no entrevistado, que depois menciona ter deixado de frequentar a igreja evangélica, pois certo dia ao chegar em sua residência um de seus filhos estava dançando, e ele repreendeu rudemente a criança, com isso o migrante percebeu o quanto estava sendo radical, no praticar de sua fé protestante, assim resolveu não mais renegar seu passado, nem evitar o convívio com seus irmãos, para fugir da tentação musical, em sua vida.

O reggae é um gênero musical conhecido particularmente como jamaicano, todavia, no Brasil, é uma cultural musical bastante presente no cotidiano dos habitantes do Estado do Maranhão.

Luchesi (2015) em seu trabalho de conclusão de curso, desenvolve o tema a respeito da importância do reggae no Maranhão, diferenças e semelhanças no reggae ouvido no Estado Brasileiro e na Jamaica, considera:

[...] O reggae é uma construção histórica que funde música, filosofia e religião, representando o modo de vida do povo africano, escravizado na Jamaica na década de 1960, que utilizava a música como crítica social para abordar a repressão que sofria dos espanhóis e principalmente dos ingleses, colonizadores do país. [...]. No Brasil o estilo assumiu uma identidade própria, já que há forte influência da música popular brasileira. Dessa forma, o reggae brasileiro é mais acelerado musicalmente. Apenas no Maranhão, considerado a Jamaica brasileira é mais forte e faz parte da rotina dos maranhenses, de todas as faixas etárias e classes sociais (LUCHESEI 2015, p. 3 e 5).

Pelo fato do migrante maranhense ter crescido ouvindo reggae, podemos entender um pouco da amargura que ele sentia, quando não podia vivenciar a canção que estava ouvindo, por frequentar a igreja evangélica da qual nos falou.

O reggae caracteriza a alegria do Maranhão, traz em suas letras várias declarações de amor, principalmente em inglês, algumas das canções que tivemos contato, são versões de músicas que foram cantados em língua portuguesa por cantores brasileiros, mas quando transformadas em reggae são cantadas em inglês, as festas também estão presentes nas letras do reggae, existe uma linguagem poética nas canções, ao declarar-se para a mulher admirada pelo cantor, muitas vezes eles relacionam a importância deste amor para sua vida continuar a ser feliz, outras vezes fazem versões em reggae, traduzindo para a língua portuguesa músicas de cantores internacionais famosos, como a música *Same Mistake* do cantor britânico, *James Blunt*.

A língua inglesa é constante no reggae, talvez seja preservada para se assemelhar a musicalidade proveniente da Jamaica, havendo assim uma associação auditiva entre a música

do Maranhão e do País insular da América Central, reportando os ouvintes da música ao seu lugar de origem.

A batida rítmica permite que a dança seja desenvolvida por casais, ou por grupos de pessoas, ao efetua-las podem ter suas vidas embaladas por canções de reggae.

A música é um instrumento importante para o entrevistado, pois como ressaltou Kong (2009 p. 132): *“a música de um determinado local pode trazer imagens dele. A música também pode servir como proveitosa fonte primária para se compreender o caráter e a identidade dos lugares”*.

As imagens, a identidade, a paisagem, o próprio lugar do migrante pode estar sendo descrito através de uma canção com suas letras poéticas. O reggae, em muitos casos são cantados na língua inglesa, nem por isso perde a popularidade no Maranhão, todavia o entrevistado nos relata que também existem reggae em língua portuguesa que narram o amor, como tema principal, e também exalta a cultura maranhense, seja por descrever a cultura alimentar, o extrativismo do coco babaçu, os encantos naturais de São Luiz, falam das histórias de um povo resiliente que mesmo vivendo em duras condições trabalhista, não perdeu a alegria, o sorriso, nem o encanto pela vida, em muitas ocasiões a única alegria proporcionada ao humilde trabalhador maranhense, está no fato de dançar e cantar *reggae*.

Carney (2007), em seus estudos sobre Geografia e Música, nos diz que somos naturalmente musicais: *“a música está presente em nossa vida desde muito cedo, iniciando-se no lar”*.

O migrante maranhense nos relatou que sua relação com a música se desenvolveu muito pela influência de sua mãe, por sua musicalidade o cotidiano dele, estava envolvido com música, ele declarou: *“Tudo o que minha mãe fazia, tinha que ter uma música, se lavava louça, limpava casa, arrumava a gente pra ir pra escola, absolutamente tudo ela estava ouvindo e cantando músicas, acho que foi ela que inventou o costume das lavadeiras de roupas ficar trabalhando, lavando roupa na beira do rio, cantando”*.

Assim, percebemos que as experiências de vida do entrevistado estão ligadas a música, pois cresceu ouvindo o reggae, suas imagens do lugar o transporta para o passado, através da música de seu Estado natal.

Quando indagamos sobre uma música que representa seu lugar de nascimento, ele nos fala: *“Eu ouço vários cantores, a grande maioria é em inglês, mas tem uma música muito especial para todo maranhense, ela foi cantada por Alcione, e também pelo grande Humberto do Maracanã, o nome da música é: Maranhão, Meu Tesouro, Meu Torrão”*.

Embora o migrante maranhense tenha falado constantemente do reggae, da importância desta manifestação musical em sua vida, ao citar uma canção que representa seu Estado, ele nos fala de uma toada de bumba meu boi, e não de uma música de reggae.

A canção citada pelo migrante maranhense é bastante significativa, foi interpretada por dois cantores conhecidos como o Humberto de Maracanã, e a cantora famosa nacionalmente Alcione, a letra retrata as multiplicidades culturais maranhenses, por isso talvez ela tenha permanecido em sua memória, como uma canção representativa de seu lugar, vejamos:

Maranhão, meu tesouro, meu torrão
 Interprete: Humberto Maracanã/Alcione
 (Compositor: Mano Borges)

Maranhão, meu tesouro, meu torrão
 Fiz esta toada pra ti, Maranhão
 Maranhão, meu tesouro, meu torrão
 Fiz esta toada pra ti, Maranhão

Terra do babaçu
 Que a natureza cultiva
 Esta palmeira nativa
 É que me dá inspiração

Na praia dos lençóis
 Tem um touro encantado
 E o reinado
 Do rei Sebastião

Sereia canta na proa
 Na mata o guriatã
 Terra da pirunga doce
 E tem a gostosa pitombotã
 E todo ano, a grande festa da Juçara
 No mês de Outubro no Maracanã
 No mês de Junho tem o bumba-meu-boi
 Que é festejado em louvor a São João
 O amo canta e balança o maracá
 A matraca e pandeiro é que faz tremer o chão

Esta herança foi deixada por nossos avós...
 Hoje cultivada por nós
 Pra compor tua história, Maranhão!

Fonte: <https://www.vagalume.com.br> ›

O Estado do Maranhão representa uma diversidade de manifestações musicais, para além do reggae, Ferreira (2013), analisa a diversidade musical existente no Estado do

Maranhão, e ressalta a importância de cada um desses gêneros musicais, na construção da identidade cultural dos maranhenses:

O Maranhão é um dos Estados brasileiros com maior diversidade de sons e ritmos. Sua música é materializada principalmente nas manifestações folclóricas, que vivificam-se no meio do povo durante todo o ano, seja no carnaval, no período junino onde o bumba meu boi, o tambor de crioula, o lelê e o cacuriá embalam corpos frenéticos, seja em homenagens aos santos católicos ou apenas como folguedos populares, herança dos antepassados maranhenses (FERREIRA, 2013 p. 78).

Por possuir diversas formas de manifestações musicais, o cotidiano da população maranhense mescla-se com sons rítmicos, que muitas vezes caracterizam os gêneros musicais provenientes da África, nos quais há uma constante utilização do tambor.

Com suas pluralidades musicais, os habitantes maranhenses perpetuam e demonstram valorizar as culturas musicais do Estado, mesmo não vivendo mais nele.

A música mencionada pelo migrante, faz uma narrativa detalhada da cultura maranhense, das lendas, como a sereia que com seu canto enfeitiça o pescador podendo levar o barco ao naufrágio, as festas populares como o São João e com ela o bumba meu boi, o narrador exalta as belezas naturais do lugar, com o trecho: *“Na praia dos lençóis, tem touro encantado”*, unificando um aspecto físico natural e real que são os lençóis maranhenses, com a lenda do touro encantado que habita neste lugar. Sem esquecer-se das frutas típicas e da culinária regional como as pirunga doce, pitomba e babaçu.

Pela letra da música, observamos que ela unifica vários aspectos reais, como a cultura do bumba meu boi, com seus cantores e amos do boi, as frutas do Estado natal do migrante com as festas populares e lendas folclóricas que são baseadas nas credices populares, talvez por reunir tantos aspectos da vida do sujeito maranhense em uma só narrativa musical, esta música seja importante para o entrevistado.

O Maranhão muitas vezes é associada apenas ao reggae, mas como destaca o migrante: *“Pra mim falar das músicas do Maranhão é muito importante pois como já falei, me lembra da minha infância, muitos só lembra do reggae, ao se falar do Maranhão, mais temos o bumba-meu-boi, que foi importante até para o Amazonas, pois o boi bumbá de Parintins é muito parecido com ele. O tambor de crioula também é importante pra música maranhense. Mas entre o bumba meu boi, o tambor de crioula e o reggae, eu prefiro o reggae, pois ele fala de várias coisas, fala de amor, de saudade, de amizade, das belezas naturais do Maranhão, e valoriza nossa cultura de forma mais completa”*. Percebemos a atenção do sujeito, em destacar que o Maranhão não tem somente um gênero musical

característico, ele nos apresenta outros gêneros musicais, como o bumba meu boi como ele ressaltou, houve adaptações no Amazonas, transformando-se no gênero musical próprio do Estado.

Tambor de crioula se assemelha com o Carimbó do Estado do Pará, nas vestimentas da dançarina, com suas saias longas e rodadas e também pela presença do tambor, que é base para a reprodução musical, da dança e da música.

A música com seus sons, ritmos, danças, letras, melodia, envolvem os sujeitos num compasso repleto de vida, alegria, e vivência cultural.

Quando saem de seu lugar, os migrantes levam consigo esses hábitos musicais, muitos incorporam o nome de seus Estados ao seu próprio nome, o entrevistado afirma não ser conhecido no bairro pelo seu nome, mas sim pelo apelido de Maranhão:

Eu me orgulho tanto de ser maranhense, que meus vizinhos, amigos e clientes, e até pessoas da minha família, só me chama de Maranhão. O nome do meu comércio foi pensado pra homenagear o lugar de onde eu vim, mas aí as pessoas começaram a me chamar de Maranhão também, aí o apelido pegou.

Desta forma, a toponímia evoca o lugar do migrante, seja pelo nome do seu comércio, ou pelo seu apelido de Maranhão, que nos remete ao Estado do qual ele veio, neste sentido podemos perceber a representatividade da cultura presente no cotidiano do sujeito. Abaixo, temos uma foto do estabelecimento comercial do entrevistado.



Fig.19: Área externa do comércio Casa Maranhão
Fonte: Acervo Pessoal Dalila da Silva, 2017.

3.2.1. MIGRANTE MARANHENSE II

Nascido na capital São Luís, este outro migrante maranhense, enfatiza morar há muito tempo em Manaus desde 1987, ele se caracteriza como um aventureiro, que objetiva conhecer novas cidades, Estados e lugares do Brasil, o importante para o sujeito migrante é andar, viajar:

Moro aqui no bairro há 15 anos, mais estou há 30 anos em Manaus, já morei em outros bairros da cidade, como Ouro Verde, São Jorge, Compensa, Cidade de Deus, Jorge Teixeira, e agora aqui no Tancredo Neves. Mas antes de chegar em Manaus, já morei no Pará, no Tocantins, no Goiás. Sou um andarilho, não gosto de ficar muito tempo numa mesma cidade, nem num mesmo bairro, gosto de conhecer novos lugares, conhecer pessoas, desde quando criei meus filhos, me desprendi de minha cidade natal, do meu Maranhão, sou de São Luís mesmo, minha esposa morreu quando ainda era muito jovem, e me deixou a missão de criar nossas crianças, depois que cumpri minha missão com ela resolvi viver a vida, conhecendo novas cidades. Trouxe apenas uma filha comigo, os outros estão lá no Maranhão, sempre vou lá visitar.

O migrante enfatiza o andar, conhecer novos lugares, novas pessoas, fazer amizades, ouvir histórias em seus bares, ele é um indivíduo que não se fixa muito tempo em uma mesma cidade, ele ressalta que já está muito tempo em Manaus, e se as vendas não melhorarem, irá embora. O único lugar que ele sempre volta, é sua cidade natal São Luís, mas afirma ficar pouco tempo, regressa para rever os filhos que por lá ficaram, e para cuidar do túmulo da esposa. Tuan (1985, p. 149) vai dizer que os seres humanos dão uma grande significância aos lugares de nascimento e morte: *“santuários são dedicados ao nascimento e à morte”*. Assim, o migrante que se considera um andarilho do mundo, sempre volta a São Luís, pelo cuidado paternal em ver pessoalmente como estão seus filhos, e para zelar do jazigo da família. Abaixo, temos uma foto da aparelhagem de som do bar do entrevistado:



Fig. 20: Aparelhagem de som do bar Maranhão/ Fonte: Acervo Pessoal Dalila da Silva, 2017.

Como podemos observar, o bar apresenta uma significativa estrutura de som, quanto a música reproduzida no ambiente, o entrevistado nos diz tocar todos os gêneros musicais:

Aqui no meu bar toca de tudo, mas principalmente reggae nos fins de semana, que é quando o movimento aumenta mais, os cliente gosta muito de brega, tecnobrega, forró, e claro as sofrências, aquelas músicas que falam de amor, de dor de cotovelo, de traição, o reggae tem umas letras assim também, mas devido a dificuldade da língua, porque a grande maioria dos reggae é em inglês, tem também em espanhol, ai o povo não entende a letra, e aí pede mais esses ritmo que estão em português, eu gosto mais de ouvir os reggaes em inglês, mais o povo gosta mais dos que tem letras em português.

O entrevistado compara a popularidade do reggae, com outros gêneros musicais como brega e forró, e percebe que diante destes dois gêneros, o reggae não tem tanta popularidade para os clientes do seu bar, ele explica esta situação, apontando a língua da música, como uma barreira para a compreensão do que está sendo cantado pelo interprete do reggae.

A língua é um grande obstáculo para a popularização do gênero musical do reggae em Manaus de acordo com o entrevistado, reggae é um gênero musical jamaicano importado, por isso é difícil ouvirmos um reggae que esteja na língua portuguesa, para não se descaracterizar como um gênero musical da Jamaica, o reggae continua a ser reproduzido em língua inglesa, a este respeito Freire (2008), vai nos dizer:

Por ser um ritmo que veio da Jamaica, o reggae é muitas vezes visto simplesmente como “invasão cultural”, ou “cultura importada” ou “estrangeirismo”. De fato, as décadas de 1970 e 1980 (época em que o ritmo jamaicano foi se instalando em São Luís) coincidem com os anos de expansão da língua inglesa, impulsionada pela indústria cinematográfica, fonográfica, enfim, indústria de produtos culturais dos Estados Unidos, que exportava para o resto do mundo [...]. Assim, quando o reggae começou a tocar nos salões de São Luís, era mais uma “música estrangeira lenta” que fazia sucesso na época (FREIRE, 2008 p. 406).

A autora vai caracterizar o reggae como um fenômeno de massa em São Luís, primeiramente ao ser importado para a Ilha Nordestina, houve uma identificação cultural do lugar de onde o gênero musical veio, depois antes de se tornar conhecido da mídia maranhense, o reggae já tinha ganhado as ruas e ladeiras da capital do Estado, com este movimento identitário, foi se consolidando como um gênero musical no decorrer da década de 1970, no Maranhão.

O migrante caracteriza o reggae para além de um gênero musical, nas palavras do sujeito: “*ele clama um estilo de vida, uma filosofia, através do reggae temos o ensinamento de Bob Marley*”, que utilizou-se do ritmo cadenciado para fazer crítica a sociedade que diz haver uma igualdade entre as pessoas. Mas: “*sabemos que a cor da pele muita das vezes*

determina a forma como seremos tratados, o preconceito existe, o maior legado que Bob Marley nos deixou, é que devemos lutar pela igualdade, mesmo sendo morenos, o sol nasce para todos, e a justiça principalmente a divina, também”.

O entrevistado continua explanando as falas do maior representante do reggae no mundo, Bob Marley, ele nos diz por ter ouvido muito o rei do reggae, suas palavras o encorajaram a não temer a nada a enfrentar todas as situações, por mais difíceis que possam parecer, sempre de cabeça erguida, por isso também não teme vender suas propriedades e migrar para uma cidade totalmente desconhecida mediante a situação, ressalta:

O que devo esperar do mundo? Se não me guiasse pelo legado do reggae, até hoje eu estaria lá em São Luís, só vivendo o meu luto, não teria conhecido tantas cidades bonitas, tantas pessoas legais, temos que nos desprender sempre, o importante é não se achar uma planta, não fixar raiz numa terra, e ali apenas esperar a morte chegar, como diz Raul Seixas. O que importa no mundo, é viver, buscar as aventuras de novos lugares.

Assim, o entrevistado vai caracterizando seu modo de vida, baseado nos fundamentos do reggae de liberdade, aventuras e pensamento positivo. Abaixo, temos uma foto do estabelecimento comercial, do migrante maranhense.



Fig. 21: Área externa do estabelecimento comercial.
Fonte: Acervo Pessoal Dalila da Silva, 2017.

Como podemos observar, o reggae na vida do migrante, configura-se como uma filosofia de vida para além de um simples gênero musical, ouvido para recorda-se do seu lugar, depois de nos falarmos dos princípios da sua cultura musical, o entrevistado cita um reggae significativo para ele, em língua portuguesa:

Melo da Ladeira
Banda Yeman Jah Roots

Sexta feira eu desço a ladeira
E vou curtir, curtir uma regueira

Com bons amigos, dançar me divertir
A vibração é positiva é verdadeira

Sexta feira eu desço a ladeira
E vou curtir, curtir uma regueira

Com bons amigos, dançar me divertir
A vibração é positiva é verdadeira

Ei dj toque o nosso som
Gladiators, Erick Donald's

Yeman Jah, Pete Touch ou Jacob
Mas não se esqueça de rolar o som de Bob...
Mas não se esqueça de rolar o som de Bob...

Que nos deixou seus ideais, suas idéias
Mensagens de paz

Que nos mostrou toda verdade
Que o reggae prega a paz e a igualdade

Sexta feira eu desço a ladeira
E vou curtir uma regueira

Com bons amigos dançar me divertir
A vibração é positiva é verdadeira.

Fonte: www.youtube.com.br

A canção nos fala do cotidiano das festas nas ladeiras de São Luís no início do fim de semana, onde as pessoas deslocam-se para as casas de músicas, onde muitos jovens e adultos reúnem-se para dançar, ouvir, conversar, desenvolvendo várias atividades, dialogando com o reggae.

Na letra da música, temos uma invocação as ideologias de Bob Marley, constantemente lembrado pela comunidade regueira, seus ensinamentos que também direcionam a vida do entrevistado, assemelhando-se a ideologias religiosas, ressaltando que o reggae fala em paz, e principalmente igualdade entre as pessoas.

A socialização está presente no reggae, nas músicas, nas comunidades maranhenses, o migrante nos relata que é importante conhecer outras pessoas, e perceber que o mundo é uma imensidão repleta de maravilhas para ser conquistada pelo homem, e através das andanças, ele pode viver um pouco este mundo.

3.3 MIGRANTE CEARENSE: “EM TODO CANTO DO MUNDO”

Cearense de Maranguape, faz vinte anos que mora em Manaus, migrou buscando melhores condições de vida, ao chegar à capital do Amazonas, residiu na Zona Oeste da cidade, no bairro Nova Esperança, é um dos quinze filhos, sua mãe era terminantemente contra sua mudança para Manaus, pois não tinham nenhum parente, ou amigo da família, para lhe auxiliar no novo lugar, no entanto, o sujeito migra mesmo sem a aprovação materna.

Em conversas com vizinhos, fica sabendo da venda de terrenos, na Zona Leste de Manaus, com preços acessíveis: *“Então ouvi falar que tavam vendendo lotes bem baratos aqui na Zona Leste, vim conheci e comprei um terreno no Tancredo Neves, meu terreno era bem maior, eu dividi ele, construí e vendi uma parte, fiquei nesta parte aqui da frente”*.

Logo, o migrante cearense faz amizade com moradores de uma rua conhecida no bairro como Rua dos Cearenses, pois são várias famílias que migram do Ceará, e se estabelecem nesta rua específica do bairro Tancredo Neves. No domingo é muito comum, os migrantes cearenses desta rua bloquearem com seus carrinhos de vender objetos para o lar, pois eles são prestamistas, (pessoas que vendem panelas, redes, tapetes, cadeiras de embalo, e vários objetos para casa à prazo, batendo de casa em casa oferecendo os produtos pelo bairro), reúnem-se e fazem churrasco, colocam caixas amplificadoras em frente de suas casas, e dão início as festas no fim de semana, desse modo, o entrevistado faz amizade com seus conterrâneos desta rua, e começa a trabalhar para eles, a respeito dos primeiros anos de trabalho em Manaus, considera:

Em Manaus, comecei a trabalhar com vendas de produtos de casa em casa, fiz amizade com outros cearenses aqui do bairro, e como não tinha preguiça de andar, eles me deram esta oportunidade, era prestamista. Eu andava muito no sol quente, todos os dias com estas coisas pra vender durante muito tempo, por isso envelheci muito, veja, tenho só quarenta anos, e meu rosto parece de um velho, então guardei um dinheirinho, terminei de construir minha casa, e montei um bar, aqui na minha casa.

Enfatiza que foi graças a esta oportunidade de trabalho, dada por seus conterrâneos, que ele pode terminar a construção de sua casa, depois desvincula-se deste trabalho, e monta seu bar na frente de sua residência. Mas hoje o bar vende produtos variados:

Vi que a saída de bebida estava muito pouca, então comecei a vender outros produtos de comer, como arroz, macarrão, linguiça, ovos, sardinha, aí meu estabelecimento deixou de ser um bar, pois não vendo somente cervejas e cachaça, então coloquei o nome de Mercearia Ceará, que é de onde eu vim, e foi uma forma de homenagear o lugar onde nasci, e fui criado. No momento estou enfrentando muitas dificuldades na venda de bebidas, acho que é porque aqui perto tem muito bares, e é só de paraense, nesta rua mesmo tem uns quatro, eles tocam muito brega, e como o povo daqui é mais paraense, vão tudo pra lá, mais aqui no meu bar, eu toco brega também, mais acho que eles vão pra lá pra conversar sobre o Estado deles também. Essa é uma razão pra mim não tá vendendo muita cerveja.

O aspecto que nos chama atenção na fala do entrevistado, é ele ter observado e concluído que a falta de frequentadores no seu bar, se deve pelo bairro ter muitos moradores paraenses, e pela quantidade de concorrência com outros bares na rua onde mora, ele registra a existência de quatro bares somente em sua rua, e todos com o nome Bar Paraense, registramos a presença de dois dos bares citados nas fotos abaixo:



Fig. 22: Bar Paraense/ Fonte: Acervo Pessoal Dalila da Silva, 2017.



Fig. 23: Bar localizado na rua do migrante cearense
Fonte: Acervo pessoal Dalila da Silva, 2017.

O entrevistado afirma que há uma concorrência grande de bares paraenses, na rua de sua mercearia o que constatamos, primeiramente o Bar Paraense, Casa dos Corno Casa Paraense e o Pinta Cuia Show Club, estão localizados na mesma rua que o seu comércio.

Pinta Cuia é a denominação dada no Estado do Pará as pessoas que nascem na cidade de Monte Alegre, no referido Estado, por isso ao invés dos paraenses falarem, determinada pessoa é monte alegreense, falam-se esta pessoa é pinta cuia.

O dono deste estabelecimento, além de homenagear sua cidade natal, também faz alusão ao brega cantado pela banda Pinta Cuia, que tornou-se nacionalmente conhecida durante o final da década de 1990.

Nosso diálogo continua com o migrante cearense, que nos afirma não ter voltado mais ao Ceará, nos fala que lá está tudo diferente, alguns de seus irmãos também migraram, os amigos de infância também partiram, enfim como ele nos disse:

Eu gosto muito de Manaus, meus filhos e minha esposa são daqui, nunca pude viajar com eles pro Ceará, nunca mais fui lá também, sabe como é, a mãe da gente morre, os irmão e amigos de infância crescem, muito vão embora de nossa cidade, assim como eu fui, e tudo muda, eu não tenho vontade de voltar lá, tá tudo diferente, vejo pelo face dos meus irmão e amigos, tudo tá diferente... se eu fosse lá hoje não reconheceria o lugar da minha infância, então prefiro só guardar na cabeça, na memória, tudo o que vivi lá, com muita saudade.

Com o surgimento das redes sociais e o acesso à internet, o migrante cearense observou as mudanças ocorridas em sua cidade, muitas dessas mudanças, descaracterizaram os lugares que ele guardava na memória, com isso, ele prefere carregar essas memórias afetivas, vivenciado na juventude, do que voltar em sua cidade, e perceber pessoalmente as modificações que ali foram realizadas.

Na narrativa do sujeito, percebemos a frequência pela qual as palavras memória e saudade são pronunciadas, ele nos fala de manter suas experiências na memória, e utilizá-las para apaziguar seu coração, pois existem dias que a saudade do lugar natal, parece ser mais forte.

Neste sentido Nascimento e Menandro (2005), vão fazer uma diferenciação entre memória e saudade, dialogando com os principais autores da psicologia a respeito do tema, buscando relacionar os diferentes tipos de memória de um sujeito.

Os aspectos culturais estão presentes na oralidade do migrante cearense, em múltiplas formas: Religioso, Sotaque, Culinária, Música.

No aspecto religioso, o sujeito enfatiza que exerce a mesma religião que seus pais o ensinaram, quando ainda morava no Ceará: *“Minha religião é muito importante, todos os*

domingos eu e minha família, vamos para Missa na Igreja de Aparecida aqui mesmo no bairro". Tuan (1985), ao analisar a religião, considera:

A religião está presente em vários graus em todas as culturas. Parece ser um traço humano universal. [...], a palavra religião é derivada do latim *religare*, que significa ligar-se novamente, isto é, ligar-se fortemente a um conjunto de crenças, a uma fé ou a uma ética. Falando de modo mais amplo, a pessoa religiosa é aquela que busca coerência e significado em seu mundo, e uma cultura religiosa é aquela que tem uma visão do mundo, claramente estruturada. O impulso religioso, é para reunir as pessoas (TUAN, 1985 p. 153 e 154).

Tuan (1985), caracteriza a religião como algo que une as pessoas e as liga, como expressou o colaborador da pesquisa, através do praticar religioso, ele se sente como se ainda estivesse convivendo com seus pais e irmãos no Ceará, e ao contrário de muitas pessoas que se auto denominam católicas, mas não frequentam as missas, as novenas, o sujeito ressalta ser católico praticante. Sua cultura religiosa é muito forte, pois ele a repassou a seus filhos, ensinando-os, a também serem católicos praticantes.

No decorrer do diálogo, outras manifestações culturais são mencionadas pelo entrevistado, como a culinária, o sotaque que ele diz fazer questão de manter, ao falar da sua cultura musical, surpreende:

Gosto muito da música cearense, mais o Ceará não é só forró, muita gente quando vem aqui no meu estabelecimento beber, só fala de forró, mas nós temos outros importantes cantores da MPB, como o Fagner, Belchior, que morreu recentemente. Mas o forró é muito forte no Ceará, temos o Aviões do Forró que acabou, mais já fez muito sucesso, o Wesley Safadão, a banda Mastruz com Leite também é do Ceará, eu sempre coloco os cds deles aqui. Uma música que vai ajudar teus estudo é: ***Todo canto do mundo tem um cearense***, da banda Mastruz com Leite, é uma letra divertida, que fala de como o cearense anda, uns vão para os Estados Unidos, Canadá, em Brasília, no Rio de Janeiro, e fala de como a gente sai do Ceará, mas a gente continua gostando do Ceará.

Diante da presença de vários conterrâneos famosos nacionalmente, o migrante enfatiza a importância da banda Mastruz com Leite, que já fez muito sucesso em todo o Brasil, por suas letras bem humoradas com diálogos de um casal heterossexual, representados pela vocalista e o vocalista da banda, nas conversas comumente a esposa desconfiava da traição conjugal do companheiro, no entanto, o homem sempre dava suas desculpas e ludibriava a companheira, um grande sucesso musical desta banda, que marcou a década de 1990, foi a canção: ***Pneu Furado (Isso é hora de você chegar em casa)***, a música parte de uma conversa entre a esposa e o esposo, este demorava demasiadamente para chegar em casa, quando chegou tinha cheiro de bebida alcoólica na roupa, atitude questionada pela esposa no decorrer

da canção. Entretanto, nos reportando para a canção citada pelo sujeito, percebemos o quão atento ele é, para as letras das músicas da banda musical de sua terra:

Em todo Canto do mundo tem cearense

Banda Mastruz com Leite

Em todo canto do mundo tem que ter um cearense

Tem tem tem

O cearense é bicho macho pra andar

Até na lua tem gente do Ceará

Tem cearense lá no Paquistão

Cearense na Coréia, China e Japão

Tem cearense lá no Canadá

Tem gente do Ceará que mora no Panamá

Tem cearense lá no Polo Norte

Tem cearense lá no Polo Sul

Tem cearense brilhando em Brasília

Mas também tem cearense preso no Carandiru

Tem tem tem tem oh! cearense pra andar

Tem tem tem tem ouvi dizer que até na lua

Tem tem tem tem oh! cearense pra andar

Tem tem tem tem ouvi dizer que até na lua

Tem gente do Ceará

Em todo Canto do mundo tem que ter um cearense

Tem tem tem

O cearense é bicho macho pra andar

Até na lua tem gente do Ceará

Tem cearense em festa em São Paulo

Tem cearense no cinema, rádio e televisão

Tem cearense que reina na poesia

Teve até um cearense Presidente da Nação

Tem garota cearense no Rio de Janeiro

Entrando em novela e pousando nua

Ouvi dizer que teve um cearense

Que pegou o seu foguete

E foi morar na lua!

Tem tem tem tem oh! cearense pra andar

Tem tem tem tem ouvi dizer que até na lua

Tem gente do Ceará!

Fonte: www.youtube.com.br

A canção engradece a coragem do cearense de sair de seu lugar, de não temer o que possa lhe acontecer mesmo longe de casa, do lar, da família, inicialmente enaltece a coragem

dos homens cearenses, mas depois fala da moça cearense que por ser bonita e ter migrado para o Rio de Janeiro, começou a trabalhar em uma novela. Realidade sentida por muitos artistas nortistas e nordestinos, ao tornarem-se conhecidos no eixo Rio/São Paulo, tem a certeza que ficarão famosos em todo o Brasil, pois as principais emissoras de televisão do país, tem sua matriz nestas duas cidades da Região Sudeste. A letra da música é uma aula de migração e imigração, citando diversos lugares do mundo onde tem-se a presença do povo cearense, e por eles terem tanta coragem, ou como diz a letra: *“O cearense, é bicho macho pra andar”*. Um cearense, simplesmente pegou o seu foguete e foi morar na lua. Além de citar diretamente os fluxos migratórios, talvez a letra desta banda, ainda permaneça na memória e no cotidiano do migrante cearense, pelo fato dos vocalistas da banda, sempre exaltarem a identidade territorial cearense, até mesmo na canção transcrita acima, o cantor fala: *“E este é o forró Mastruz com Leite, inclusive cheio de cearense!”*.

O forró como gênero musical está presente em todo o nordeste brasileiro, mas em particular no Ceará, tem grande popularidade. De acordo com Rebelo (2018), a popularização do gênero musical Forró pelo Brasil, se dá principalmente a partir da migração do sertanejo para as metrópoles brasileiras, como São Paulo, Rio de Janeiro, e para trabalhar como mão-de-obra na construção de Brasília, com o forró este sujeito matava a saudade de sua terra, conseqüentemente, o Brasil se deu conta que havia outros gêneros musicais, para além da Bossa Nova, e isso tornou o Forró conhecido nacionalmente, refletindo sobre outros gêneros musicais. A seguir, temos uma foto do comércio do entrevistado.



Fig. 24: Merc. Ceará/ Fonte: Acervo Pessoal Dalila da Silva, 2018.

O gênero musical valorizado pelo entrevistado também se caracteriza através da dança de casal com passos rítmicos melódiosos, normalmente acompanhado por uma sanfona,

triângulo, zabumba, e uma música sendo interpretada por um cantor ou cantora. Este gênero é bastante popular em Manaus, assim como no Brasil também, as letras do forró expressam a saudade de um lugar, um amor de juventude, festas populares nordestinas como São João ou Vaquejada, existem diversos temas presentes nas letras de forró, sendo ouvidas diariamente no comércio do migrante.

3.4 MIGRANTE CARIOCA: “IDENTIDADE CONSTRUÍDA”

Nasci e fui criado no Ceará, mas não me considero cearense, não tenho muito conhecimento pela cultura de onde nasci, nem me interessei em aprender, gosto mesmo é do Rio de Janeiro, morei lá um tempão e no dia que a economia de lá melhorar, eu volto.

Com este início de diálogo apresentamos o oitavo comerciante migrante, ouvido durante o desenvolvimento da pesquisa, como ele nos disse, não nasceu no Rio de Janeiro, mas morou bastante tempo na capital fluminense, no entanto, não especifica exatamente quantos anos residiu lá.

Porém, este tempo que lá viveu despertou no sujeito o intuito de se identificar como carioca, desenvolveu afinidade com os habitantes deste lugar, então se viu como semelhante as pessoas que nasceram no Rio de Janeiro, decidindo ser carioca.

Mas, pensemos nas prováveis razões para tal acontecimento, porque será que ele desenvolveu uma identidade territorial carioca? Depois de adulto? Muitas pessoas, apenas nascem em uma cidade, mas são criadas em outras, apegando-se assim a cidade onde foram criadas, e se identificam como se tivessem nascido naquele lugar, como é o caso da cantora Claudia Leitte que nasceu no Rio de Janeiro, mas foi criada em Salvador, construindo a identidade territorial baiana.

Todavia, o migrante carioca o designaremos neste termo, pois temos por princípio filosófico a fenomenologia, na qual respeitamos a opinião do entrevistado, que está colaborando com a pesquisa. Ele não nasceu e nem foi criado no Rio de Janeiro, Haesbaert (1999), enfatiza que a identidade envolve várias situações, questões pessoais, que dão ao sujeito o sentido de pertencimento, a coisas, a lugares, e objetos.

Neste sentido Hall (2006), vai dizer que uma identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia, havendo uma diversidade de identidades.

Identidade assume uma grande complexidade na vida das pessoas, a ponto de não haver uma definição característica para que seja utilizada como um método universal, para se definir uma identidade.

Na vida do sujeito carioca quais foram as situações que ele deve ter passado na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro? Pois ao que tudo indica, ele migrou para lá entrando na idade adulta, será que o sotaque nordestino lhe causou algum constrangimento entre os cariocas?

O migrante ainda jovem decide-se pertencer aquela cidade, integrar-se totalmente a sua realidade, substituindo sua cultura de sertanejo pela cultura do Sudeste. Essas questões permanecem conosco, pois quando a expomos ao entrevistado ele nega veementemente tais situações, enfatizando que a alegria, o viver a noite no samba, seja no Carnaval ou durante todo o ano, a simpatia dos habitantes daquele lugar, o fizeram sentir-se como se tivesse nascido, e vivido toda a sua infância e adolescência naquela cidade.

A respeito do cotidiano carioca ele menciona:

Eu era motorista de uma Empresa de ônibus no Rio de Janeiro, conheci minha mulher lá, minha filha nasceu no Rio de Janeiro, já moro aqui em Manaus há 5 anos, e já fomos visitar o Rio duas vezes, isso quer dizer que eu amo mesmo é o Rio. O que me fez amar aquela cidade é a beleza naturais, as praias a alegria do carioca em festejar a vida, a simpatia do povo carioca, o carnaval enfim, se fosse ficar aqui citando o que o Rio tem de bom, ficaria o dia todo falando. De Manaus eu gosto também, veja, estou aqui há cinco anos, já tenho este comércio que não é muito pequeno, minha filha estuda numa escola particular minha esposa estuda numa faculdade paga, então Manaus realmente é uma cidade de muitas oportunidades, pra quem quer trabalhar, ganhar a vida e mais importante, vencer e não fazer corpo mole, realmente você pode ter muito sucesso em Manaus.

O entrevistado trabalhou por muitos anos como caminhoneiro, com este ofício ele pode conhecer muitas cidades do Brasil, também trabalhou como motorista de ônibus no Rio de Janeiro, mas fixou moradia em Manaus, mesmo morando há pouco tempo na cidade, já viajou duas vezes para o Rio de Janeiro com toda sua família, e enfatiza que as passagens para o carnaval já foram adquiridas, e passará a festa popular na cidade maravilhosa. Com esta atitude, percebemos quão significativa a ligação afetiva que o migrante carioca tem com o Rio de Janeiro, durante as entrevistas o que nos chamou atenção, foi o fato dele não ficar parado no decorrer da conversa, o tempo todo ele se desloca, descarrega seu caminhão com galões de água mineral, o empregado chega com fardos de arroz, feijão, farinha, na moto da Distribuidora, o migrante carioca vai ajuda-lo, o único momento que ele se sentou para conversar conosco, foi quando falamos na música carioca, no samba, no funk, no Carnaval este momento ele ressalta:

Como falei pra você eu me considero carioca, vou falar da cultura do Rio de Janeiro, a música é um símbolo da cultura carioca, acho os sambas que falam da beleza do

Rio, muito bonito. Quando penso no Rio me vem a memória a música *O Rio de Janeiro continua lindo*, que fala sobre o flamengo meu time do coração, da Portela minha paixão do Carnaval, os morros, as praias, você pode encontrar a letra na internet, hoje em dia é tudo mais fácil, nem precisa mais comprar cds, eu por exemplo, quando quero ouvir algum samba antigo do Jamelão, ou do Cartola, ou os sambas da Portela, eu peço pra minha filha salvar da internet, e rapidinho já tenho acesso aos novos enredos no meu celular, então é assim, muitos ligam o Rio a violência, ao funk, ao tráfico, a crise financeira, mas sei que isso tudo vai passar... então é isso, um dia vou realizar meu sonho e me mudar pra o Rio, mas enquanto esse dia não chega, eu já comprei minha passagem pra passar o carnaval na cidade maravilhosa.

O migrante demonstra interesse ao falar da cultura musical carioca, ressalta a facilidade trazida pela tecnologia para aprender os novos sambas enredos da escola do coração, por isso há uma preocupação do entrevistado em pedir que a filha faça download do novo samba enredo, para que ele aprenda e cante juntamente com a torcida portelense, durante o desfile de carnaval.

A tecnologia também é utilizada pelo entrevistado, para ouvir melodias de compositores clássicos de samba, como Jamelão, Paulinho da Viola, Cartola, com o cotidiano cultural vinculado ao Rio de Janeiro o sujeito mantém em sua vida o pensamento de voltar, demonstra acompanhar as notícias jornalística, a respeito da crise econômica do Estado, mas como ele enfatiza por várias vezes: “*Quando melhorar, volto pra lá*”. A ideia do regresso a cidade que ele escolheu para se identificar é constante em sua fala, algo que o diferencia dos demais migrantes entrevistados, poucos verbalizaram a intenção do retorno ao seu lugar de nascimento.

O entrevistado cita música *O Rio de Janeiro continua lindo*, que representa o seu amor por sua cidade estimada, muitos confundem o nome da canção a qual na verdade denomina-se *Aquele Abraço*, composta por Gilberto Gil:

Aquele Abraço

Gilberto Gil

(Compositor: Gilberto Gil)

O Rio de Janeiro continua lindo
O Rio de Janeiro continua sendo
O Rio de Janeiro, Fevereiro e Março

Alô, alô Realengo, aquele abraço!
Alô torcida do Flamengo, aquele abraço!
Chacrinha continua balançando a pança

E buzinando a moça e comandando a massa
E continua dando as ordens no terreiro

Alô, alô seu Chacrinha-velho guerreiro

Alô, alô, Terezinha Rio de Janeiro
Alô, alô seu Chacrinha, velho palhaço
Alô, alô Terezinha, aquele abraço

Alô, moça da favela, aquele abraço
Todo mundo da Portela, aquele abraço
Todo mês de fevereiro aquele passo

Alô, Banda de Ipanema, aquele abraço
Meu caminho pelo mundo eu mesmo traço
A Bahia já me deu régua e compasso

Quem sabe de mim sou eu, aquele abraço
Pra você que me esqueceu, aquele abraço

Alô, Rio de Janeiro, aquele abraço
Todo o povo brasileiro, aquele abraço.
Fonte: www.lettras.mus.br/gilberto-gil/16138/

A canção composta e interpretada por Gilberto Gil, foi regravada por vários cantores brasileiros como: Tim Maia, Elis Regina, Marisa Monte, Seu Jorge. A canção é considerada um símbolo da cultura musical brasileira.

Música também sendo uma linguagem um meio de comunicação, cria imagens dos lugares no sujeito que a ouve, Carney (2007), nos fala da canção como uma valorização identitária:

Muitas canções associadas com estados e províncias também foram usadas para promover o turismo e outras formas de desenvolvimento econômico, assim como para implantar um sentido de orgulho estadual ou provincial por aquele lugar entre seus residentes (CARNEY, 2007 p. 136).

O Rio de Janeiro através das canções é exaltado como o berço do samba, lugar de alegria, das mulatas passistas, dos carros alegóricos, do carnaval, das belezas naturais, embora entre a população brasileira, nem todos tenham a oportunidade de conhecer pessoalmente os pontos turísticos descritos nas canções, mas muitas pessoas ouviram falar de alguns, podendo cita-los, como Cristo Redentor, Pão de Açúcar, praia de Ipanema, Leblon, por ter essas belezas naturais a cidade do Rio de Janeiro comumente é chamada de Cidade Maravilhosa, e como diz a canção: *Cidade Maravilhosa, cheia de encantos mil.*

A própria canção citada pelo entrevistado, faz menção a várias situações, que o autor vivenciou no Rio de Janeiro, tornando-se conhecida mundialmente com o passar dos anos.

Lopes (2012), explica de forma sucinta o que realmente pretendia GIL ao compor esta canção, ao contrário do que muitos pensam, ele não estava exaltando a beleza do Rio de Janeiro, ele estava protestando, pela situação que estava vivenciando, pois, ao compor a música o autor tinha acabado de ser solto, permanecera preso por dois meses em Realengo, bairro do Rio de Janeiro, durante a ditadura militar. A expressão, *Aquele Abraço* se refere diretamente ao Cristo Redentor, que está sempre de braços abertos no alto do Corcovado abraçando os turistas, e cariocas.

Interessante observarmos que uma canção pode mudar de significado ao longo do tempo, pois para o migrante carioca ela significa o amor ao seu lugar, para o compositor uma forma de protesto contra a falta de liberdade artística e cultural na época da ditadura militar no Brasil.

Abaixo, temos uma foto do empreendimento comercial do entrevistado, que colocou este nome referindo-se a parte da cidade que ele mais sente saudade, a Baía de Guanabara.



Fig. 25: Distribuidora Guanabara
Fonte: Acervo Pessoal Dalila da Silva, 2017.

Nas palavras do geógrafo Carney (2007), a importância do lugar é o movimento de subgêneros e gêneros musicais de um lugar para outro dos Estados Unidos. O autor americano analisa o seu país, na disseminação de gêneros musicais para diferentes lugares, resultando na apresentação ou shows musicais de cantores americanos em outros países, como músicos do *blues* americano no México.

Na realidade da pesquisa o migrante carioca, trouxe consigo o hábito de ouvir sambas de cantores clássicos, muitos destes artistas já faleceram, todavia, o sujeito continua ouvindo-

os, pois ele considera que estas letras antigas possuem uma história, essas melodias têm significado em sua vida.

Quando perguntamos sobre o funk, gênero musical carioca com muita popularidade sobretudo entre os jovens, o entrevistado fala discriminadamente: *“Eu não gosto dos funk carioca, principalmente o proibidão que tem uma letra muito imoral, prefiro o samba mesmo”*.

Diante da popularização de letras com teor sexual como o funk, o migrante relembra das letras dos sambas antigos, nos quais retratam o Rio de Janeiro de suas lembranças, repleto de alegria, convivência cultural e social através do carnaval, refletindo um cotidiano singular.

A identidade territorial do entrevistado, é construída a partir do lugar que ele escolheu fazer parte, embora não tenha nascido no lugar que seu coração escolheu se identificar, ele se sente um privilegiado, pois conseguiu viver durante alguns anos na cidade que sempre idealizou fazer parte: Rio de Janeiro.

3.5 MIGRANTE GOIANO: “O SERTANEJO REVELA O GOIÁS”

Nasci em 19 de setembro de 1965, em Aparecida de Goiânia no Estado do Goiás, fui criado na roça no interior, tenho um amor muito grande pela minha terra, vim para o Amazonas transferido pelo trabalho, fui para o Pitinga trabalhar como operador de maquinaria na Usina lá em Presidente Figueiredo, fiquei um tempo por lá, só o tempo pra juntar um dinheiro e comprar minha casa, aqui na capital. O ambiente de trabalho era muito precário, peguei malária, tinha as brigas direto com os índios, que vivem dizendo que iam matar a gente, era um lugar cheio de conflitos, trabalhava com muito medo. Meu irmão ainda trabalha por lá até hoje, ele ganha bem, paga até a Faculdade de Medicina da filha dele, que é bem cara, só com o salário dele. Mas eu prefiro trabalhar aqui no meu comércio mesmo, trabalhar na paz.

O migrante goiano fala do amor pelo seu lugar, o cotidiano da roça, durante a entrevista ele descreve as vaquejadas as roupas de couro que eles vestiam em Goiás, da beleza do som emitido pelo berrante ao apascentar o gado, a terra física é muito importante para o entrevistado de acordo com ele, todo homem tem que ter uma terra de sua propriedade, para então pensar em constituir uma família, casar-se e ter filhos, ele especifica que veio para o Amazonas, com mais de 30 anos, e ainda não tinha uma propriedade sua, por isso ainda era solteiro, no entanto, quando recebeu a proposta do irmão, para migrar de Goiás para o interior do Amazonas a trabalho, prontamente aceitou, o cotidiano na Usina do Pitinga não era fácil, constantemente os trabalhadores tinham suas máquinas de extração dos minerais quebradas pelos índios que os

ameaçavam, o migrante se sentia muito inseguro naquele ambiente de trabalho, no entanto, quando conseguiu um dinheiro suficiente para comprar um terreno na capital do Amazonas, saiu da Vila do Pitinga, adquirindo sua terra própria no bairro Tancredo Neves.

Ao falar do cotidiano de trabalho no seu estabelecimento, comenta satisfatoriamente:

Conheço muita gente do bairro, mas eles só me chamam de Goiano, eles nunca acertam o meu nome, então o apelido ficou Goiás, Goiano, minha esposa é de Manaus, e meus dois filhos nasceram aqui também.

Todos da sua família são de Manaus, ele nos fala que nunca viajou de volta a sua terra, sempre deixa para depois, e este depois parece que nunca chega, o seu estabelecimento comercial iniciou como um bar, mas hoje além de bar é uma mercearia também, o migrante nos recorda sentir falta da vida na roça, do contato mais direto com as plantações de verduras, hortaliças e frutas, nos fala que foi criado desta forma, conhecendo a vida no campo, e a música sertaneja de raiz, o faz reviver estas situações cotidianas da roça, assim ele considera: *“Por isso também gosto muito da nossa música, da música sertaneja de raiz, daqueles cantores mais antigos que falam sobre o dia a dia na roça, como o Gino e Geno, Milionário e José Rico. Ouço muito Gino e Geno, as músicas Chão Goiano, Tempo de Carreiro, Alô meu Goiás, essas músicas falam da roça, da saudade que o goiano sente de sua terra, do lugar onde nasceu, e por mais que a gente saía de Goiás, nosso Estado continua na gente, claro que eles falam de amor, de relações que não deram certo, decepções, mas me prendo nestas letras que exaltam as belezas de Goiás. ”*

Abaixo, apresentamos uma fotografia do lugar de trabalho do entrevistado.



Fig. 26: Estabelecimento Comercial do entrevistado.
Fonte: Acervo Pessoal Dalila da Silva, 2017.

Nas narrativas do sujeito, ele fala da saudade de sua terra, de sentir-se ligado a ela, mas não voltou mais ao seu lugar, nem para visita-lo, sua vida consiste em trabalhar no seu estabelecimento comercial, ouvir suas músicas, as quais seu filho considera “*música de velho*”, outros cantores e bandas são ouvidos em seu comércio, ele nos diz que ainda coloca para os clientes ouvir brega, forró mas somente artistas antigos, estes atuais, no seu ponto de vista, não tem talento nenhum, são ouvidos, só porque estão na moda (mídia), o entrevistado cita cantores do movimento chamado, sertanejo universitário: “*Essa meninada do sertanejo universitário, é horrível, a voz deles não tem afinação nenhuma, as letras só fala de traição, ouve o Luan Santana agora ouve João Mineiro e Marciano, não tem nem comparação, esses jovens tem muito que aprender com os cantores mais velhos*”.

O entrevistado continua lamentando a atitude dos jovens de hoje em não terem conhecimento musical das duplas sertanejas antigas, fala de como essas primeiras duplas foram importantes para dar notoriedade ao seu Estado, tornando-se o berço do gênero musical sertanejo.

O cotidiano do goiano com sua terra, a prática da criação bovina, o relevo de Goiás, sendo propício ao desenvolvimento de atividades agrícolas, caracterizaram este Estado Brasileiro, como um lugar de desenvolvimento das atividades ligadas a terra, sendo estas atividades narradas pela música sertaneja, Suess e Almeida (2015), no artigo com o tema O “lugar” de Goiás nas letras de músicas sertanejas, vão evidenciar a identidade cultural dos habitantes goianos:

A música constitui-se em um código cultural que promove a integração social e cultural de forma expressiva, permitindo dessa maneira, que sua identidade cultural seja reconhecida e fundada. A música além de propagadora de cultura se destaca por ser uma forte condutora de identidade, expondo assim as almas dos lugares. A música sertaneja se tornou um dos ícones de cultura e de representação do Estado de Goiás (SUESS e ALMEIDA 2015 p.205).

O gênero musical sertanejo fixou suas raízes no Estado de Goiás, transformando-se em uma identidade cultural forte presente nas cidades do Estado, onde muitos cantores não tendo nascido em Goiás, mas quando querem tornar-se famosos, migram para lá, afim de conviver com os produtores musicais de renomados cantores e cantoras do gênero musical sertanejo.

O sertanejo é uma música que representa o lugar do migrante entrevistado, mas ele orgulha-se apenas dos cantores antigos de sua cidade, os cantores atuais ele despreza totalmente, pois os julga não serem merecedores do sucesso conquistado através da mídia. Desta forma, o migrante cita várias duplas sertanejas famosas.

Interessante, é notarmos que a identidade territorial do gênero musical sertanejo está ligado ao Estado de Goiás, visto que o próprio entrevistado cita os cantores que ele ouve em seu cotidiano, como se eles fossem seus conterrâneos, no entanto, as duplas citadas não nasceram em Goiás, uma é de Minas Gerais, e a outra de São Paulo, mas as letras homenageiam e busca reviver na memória o Goiás, das lembranças do migrante.

Chão Goiano
Gino e Geno
(Compositores: Gino/Mangabinha)

Eu nasci numa barraca
Levo a vida de cigano
Sempre tocando boiada

Pelas estradas viajando
Eu deixei a minha terra
Desde o tempo de dez anos

E saí pelo mundo afora
Procurando o chão goiano

Minha besta marchadeira
Minha riata relampeando
Minha capa importada
Meu chapéu americano

Em todos os lugar que eu chego
As moça fica gostando
Mas eu vou tocando boiada
Procurando o chão goiano

Minha vida está forgada
Meu dinheiro está sobrando
É no Banco do Brasil

Que estou depositando
Já mandei muitos presentes
Pra meu povo conterrâneo
Dei notícia desse homem
Que procura o chão goiano

Fonte: <https://www.letras.mus.br/gino-e-geno/chao-goiano>

Quando dialogamos a respeito da canção citada pelo migrante goiano, ele fala de algumas partes da letra que coincidem com sua vida, como no início da canção que descreve o nascimento do sujeito em um casebre, assim também foi o nascimento do entrevistado, nos

momentos seguintes, o migrante continua se identificando com a canção, pois ela fala de alguém que saiu do seu lugar, tem alma de cigano, ou seja, não fica muito tempo num mesmo lugar.

De acordo com o migrante, a música continua descrevendo sua vida, pois o entrevistado viajou durante muitos dias até chegar em Presidente Figueiredo, interior do Estado do Amazonas, ele nos chama a atenção para frase da música que fala: **Procurando o chão goiano**, vem retratar a adaptação do migrante goiano ao novo lugar de habitação, onde ele desenvolve as mesmas atividades que fazia quando ainda estava em seu lugar, o migrante territorializa seu espaço, através das manifestações culturais.

Outro aspecto que ele nos chama a atenção, são as roupas que costumeiramente o sujeito costumava vestir, durante algum tempo, ele ainda as utilizava no calor de Manaus as camisas de mangas compridas, os cintos com grandes fivelas, as botas, o entrevistado nos conta que por muito tempo andou desta forma pela cidade, mais hoje, veste-se normalmente como qualquer amazonense, a música traz a memória do migrante hábitos que hoje ele não desenvolve mais, todavia, ao valorizar sua cultura musical, o seu *chão goiano* está sendo refeito através da territorialidade, com a finalidade de liga-lo a terra na qual ele escolheu viver, e constituir sua família.

3.6 MIGRANTE GAÚCHO: “TERRITORIALIDADE DADA PELO CHIMARRÃO”

Meu estabelecimento tem este nome por que eu gosto muito de ser gaúcho, e seja morando em qualquer parte do Brasil ou do mundo, eu sempre vou me orgulhar do lugar de onde eu vim.

Num primeiro momento, a cor da pele e os olhos azuis do sujeito, já o destaca na rua onde mora, quando começa a dialogar conosco, o sotaque também se destaca, o fato de usar pronomes como tu constantemente, o assemelha ainda mais com os gaúchos, sempre anda com uma cuia de chimarrão em seu estabelecimento, mesmo com as temperaturas elevadas de Manaus, ingere a bebida, que serve para aquecer os sulistas durante o frio, isto também é uma forma de se identificar diante do Outro.

O migrante entrevistado é conhecido no bairro como Gaúcho, até mesmo ao se apresentar para nós durante os primeiros contatos da pesquisa, ele se denomina Gaúcho, e não nos revela seu verdadeiro nome num primeiro momento. Sua identidade territorial está ligada à sua vida, não somente no aspecto cultural, mas em sua identidade nominal.

Assim como o migrante 10 (Gaúcho), outros migrantes também são chamados de acordo com o lugar de onde migraram, como o Migrante Maranhense, conhecido como Maranhão, o Migrante de Goiás chamado de Goiano, ou Migrante Paraense, identificado como Pará.

Essas peculiaridades nominais, estão diretamente relacionadas a representação que o sujeito desenvolve no bairro, diante de seus clientes, pois em certa prática de campo, quando perguntamos pelo dono do estabelecimento, utilizando o nome real do sujeito, a pessoa que estava no ambiente no momento, diz não conhecer nenhuma pessoa com aquele nome, no entanto, quando perguntamos pelo seu Maranhão, rapidamente, o migrante foi reconhecido.

Ou seja, enquanto morava no seu Estado, o sujeito era José, era Ribamar, ou Antônio, mas quando migrou, o sujeito incorporou na sua vida, o nome do seu lugar vivenciando diariamente o fato de ter nascido no Maranhão, no Pará, ou em Goiás...

Falo diferente, tomo chimarrão, meus traços físicos diferem dos seus, portanto, é perceptível que não nasci em Manaus, afirma o migrante gaúcho, abaixo temos uma foto do seu estabelecimento comercial.



Fig. 27: Lanche e Pizzaria O Gauchão
Fonte: Acervo pessoal Dalila da Silva, 2017.

O migrante Gaúcho veio para Manaus, trazendo a esposa para o nascimento do filho do casal, pois os familiares dela são de Manaus. Eles se conheceram no Rio Grande do Sul, mas com a dificuldade de ter alguém para cuidar da companheira no período de resguardo, o migrante Gaúcho decide vir para cá juntamente com a família, ele nos relata:

Moro há quinze anos em Manaus, nasci em Caxias do Sul, na serra gaúcha, minha terra é muito fria, sinto muita saudade do clima de lá, já consegui ir lá duas vezes, mas somente ano que vem, vou com toda a família, meu filho, enfim, conhecerá

nossa terra. O principal fato que me mantém distante de lá, são os preços das passagens, aliás, por isso viemos pra cá. Quando minha esposa estava grávida, só queria que a mãe cuidasse dela depois de ter o bebê, minha sogra teimou, disse que nunca viajou de avião, e nunca viajaria, nem pra conhecer o netinho dela, por isso tivemos que vir pra cá, no começo, estranhei muito, mas por ser descendente de italiano, aprendi desde pequeno fazer pão, bolos, doces em geral, comecei fazendo pra minha esposa, depois estávamos vendendo bolos e pães, daí montamos uma padaria, mas é muito trabalhoso, tínhamos que acordar de madrugada todo dia, fomos juntando um dinheiro, e montamos o lanche, minha pizza é famosa aqui nas redondezas, pois a massa eu mesmo que faço, temos sabores bem diferentes das outras pizzarias, e o pão do hambúrguer também faço, gosto muito de asar minhas massas, me ajuda a lembrar da minha terra natal, da minha família que ficou lá, do frio, me traz recordações boas e feliz.

O migrante Gaúcho desenvolve sua territorialidade através da comida, em especial das massas comercializadas em sua Pizzaria, ele demonstra conhecer vários tipos de massas, a distância geográfica não o impede de continuar se alimentando como se ainda morasse em Caxias do Sul, mas como ele mesmo nos relatou, essas massas artesanais demoram muito tempo para ficar prontas, mas o sabor é o que as diferenciam das massas industrializadas, isso é o grande diferencial de seu estabelecimento.

Ao falar sobre sua família, ele nos diz que repassou tudo o que sabe de sua cultura para seu filho, que aliás não se considera amazonense, embora sua mãe e ele mesmo tenham nascido em Manaus, ao observarmos a presença do rapaz no estabelecimento, notamos que o sotaque dele, assemelha-se com o sotaque do pai, podemos perceber claramente a influência do pai sob o filho.

O migrante reproduziu em Manaus, em seu lar, a cultura gaúcha nos aspectos alimentares, no sotaque, e no gosto musical de sua família também, sua cultura expressa sua territorialidade.

Ao nos apresentar para o filho, perguntamos sobre a expectativa para a viagem, ele responde: *Enfim, vou conhecer nossa terra.*

É nítido que a identidade territorial do sujeito refletiu na do filho de forma ativa, o rapaz não se identifica como amazonense, suas características físicas também contribuem para ele se identificar como gaúcho, visto que se assemelham com o pai fisicamente, indagamos a respeito da cultura musical ao migrante Gaúcho, ele nos fala de diversos músicos de sua terra natal:

Bem, não sei se é devido a distância mais realmente aqui no Norte, quase não ouvimos nossas músicas gaúchas, na verdade elas não são populares, como o forró ou o brega, acho que temos poucos gaúchos em Manaus, por isso não se ouve fandango, vanerão, ou qualquer tipo de música gaúcha, eu particularmente ouço muito Os Monarcas, é um grupo muito antigo, com muito músicos que exaltam nossa cultura gaúcha, nossos costumes, eles tem muitos anos de carreira, são o nosso Pinduca, pois eles cantam desde quando a gente era pequeno. Devido a fronteira, somos mais parecidos com os uruguaios na cultura, claro que gostamos de ser

brasileiros, mas é importante ensinar nossos filhos as línguas de nossos pais, como o italiano e o alemão que é muito comum ser repassado pra nossas crianças, nossa cultura é mais ligada ao campo, ao trabalho na terra, é disso que fala nossas músicas, do churrasco, da prenda (mulher gaúcha), nossas letras não são só de amor, de paixão, de assuntos relacionados com o coração, mais exaltamos e vivemos a cultura regional gaúcha.

O sujeito fala dos temas das letras nas canções gaúchas, ressaltando que as canções do seu Estado retratam diversas realidades, como a cultura no campo o cotidiano nas plantações, a cultura alimentar, é uma parte importante para a manifestação musical gaúcha.

Conforme Dias e Ronsini (2008), existem duas variações da cultura musical gaúcha: *Música Campeira*, e *Tchê Music*, em seu artigo eles buscam refletir a respeito da identidade gaúcha, a partir dos gêneros musicais do Estado, nos falamos que essas duas vertentes musicais tendem a se opor, pois uma fala do campo, e a outra traz característica moderna aos habitantes do Rio Grande do Sul, abaixo, temos a letra da canção que expressa a saudade que o sujeito sente de sua terra:

Bateu Saudade

Os Monarcas

(Compositor: Maurinho Monteiro)

Hoje no meu peito tchê, saudade bateu
Bateu a saudade doeu, doeu, doeu

Minha linda chinoquinha
Minha flor, meu bem querer
Há muito tempo prendinha

Eu preciso te dizer
Por viver longe de ti
A saudade me faz sofrer

Hoje no meu peito tchê...
Saudade bateu
Bateu a saudade, doeu, doeu, doeu

Quem diz que homem não chora
Desconhece a verdade
Eu já chorei de tristeza

Chorei de felicidade
Hoje distante de ti
Vivo chorando a saudade
Hoje no meu peito tchê
Saudade bateu
Bateu a saudade doeu, doeu, doeu

Porém vivo na esperança
De poder te encontrar
Eu já cansei de sofrer
Eu já cansei de chorar

Hoje eu mato esta saudade
Ou ela vai me matar
Hoje no meu peito tchê
A saudade bateu.
Fonte: www.youtube.com.br

A música citada pelo migrante o remete a sua vivência, da saudade de sua terra, esta é a situação que ele passa, pois deixou o convívio familiar, e veio morar num lugar bem diferente do que estava adaptado.

O migrante ressalta que a prenhinha cantada na música, na sua vida representa a sua terra, pois é ela que lhe faz falta, em Manaus ele teve muita felicidade que o emocionou, sendo a mais relevante o nascimento do filho, modificou sua maneira de viver, pois a partir do momento que o migrante percebeu a extensão do amor que tem por sua família, resolveu ceder a vontade da esposa, e continuar morando em Manaus.

Por viver longe de ti, a saudade me faz sofrer... este trecho da canção é bastante significativo na vida do migrante, a saudade faz parte do seu dia a dia, ele explica que na Pizzaria não ouve os fandangos do Rio Grande do Sul, no entanto, nos aniversários da família, sempre coloca seus cds com músicas rio grandense.

A respeito das letras, ele nos relata: *“A música é muito importante pra mim, pois através dela, posso ensinar meu filho a respeito de nossa cultura do sul, é uma forma de transmitir pra ele nossos costumes, falar da forma como fui criado, embora as pessoas daqui não valorize nossa música, sempre que posso tô ouvindo elas”*.

A música na vida do jovem o enriquece culturalmente, outras realidades podem ser percebidas em sua vida, através das experiências que o pai, um migrante transmite para o rapaz, ele já se identifica como um gaúcho, embora tenha nascido em Manaus, mas isto seria por vergonha? Ou para orgulhar o pai, tendo em vista que mesmo distante do Rio Grande do Sul, o migrante continua valorizando sua terra? O filho configurou a imagem da cidade do pai a partir dos relatos que cresceu ouvindo, de suas narrativas de vida, o migrante repassa uma visão do Rio Grande do Sul, baseado em suas visões particulares dos lugares, a este respeito Lowenthal (1985) considera: *“Outra razão pela qual as visões particulares do mundo são incontestavelmente únicas, é que toda informação é inspirada, editada e distorcida pelo sentimento”*.

A subjetividade norteando a vida do sujeito, fez com que ele amenizasse os problemas enfrentados em seu lugar, sua memória ressaltou apenas as boas experiências vividas em seu Estado, sua imaginação pode ter editado algumas vivências transmitindo a sua prole, uma imagem de lugar perfeito. Neste sentido, concordamos com as palavras de Costa (2005): “*A música atua de forma invisível no pensamento das pessoas, despertando sua subjetividade*”.

A música como uma ferramenta utilizada para representar o lugar de onde migrou, cria a perspectiva do lugar descrito pelas canções, com isso as imagens destes lugares vão se formando na mente do ouvinte, que como o jovem filho do migrante gaúcho, ainda não conhece a terra do pai, mas se identifica com este lugar, retratado e valorizado diariamente nas conversas com o seu genitor, desenvolvendo uma relação de afetividade com este lugar.

Os migrantes ouvidos durante a pesquisa, se utilizam de diferentes modos para representar seu lugar, sua cultura é imprescindível para que o sentimento de pertencimento continue existindo em seu ser.

A música de maneira geral, revela o lugar valoriza a identidade dos sujeitos da pesquisa, ao serem ouvidos, imaginados, e representado o lugar de onde eles vieram.

Os sujeitos ouvidos resgatam em seu cotidiano os cantores, bandas e artistas que revelam sua cidade, enriquecendo o imaginário de familiares que ainda não tiveram a oportunidade de conhecer o lugar mencionado na canção.

As músicas citadas pelos entrevistados demonstram que mesmo estando longe fisicamente de sua cidade, ela ainda pode permanecer perto de si, ao manter viva em sua memória as experiências vivenciadas naquele lugar, sobretudo, sintetizamos o trabalho desenvolvido nas falas de George Carney (2007):

Os geógrafos querem saber, como as pessoas implantaram suas tradições naquele local, porque o fizeram naquele lugar, o que as sustenta agora, e como interagem com outros lugares [...]. É claro que é impossível estudar de uma só vez todos estes aspectos; assim os geógrafos tendem a se especializar em determinadas características dos lugares, como a música (CARNEY, 2007 p.126).

As tradições dos lugares, sendo expressas pelas canções transformou-se em um trabalho no qual transpareceu as emoções, os sentimentos, descritos pelas humanidades e sensibilidade dos sujeitos colaboradores e que muito nos auxiliaram a desenvolver esta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES E POSSIBILIDADES

Neste momento de conclusão, buscamos refletir sobre os objetivos alcançados, o conhecimento adquirido a partir das histórias de vida dos sujeitos da pesquisa, e principalmente, percebemos a música na vida dos migrantes, como uma forma de representarem os seus lugares.

Depois de um tempo em desenvolvimento, podemos afirmar que a pesquisa não esgotou seu tema. Ao trabalhar a partir das histórias de vida dos migrantes, podemos afirmar que muitos relatos ainda necessitam ser ouvidos, descritos e interpretados.

A memória dos entrevistados demonstraram ser diversas, sendo expressas através de sua cultura musical, as canções ouvidas aprendidas pelos sujeitos migrantes quando ainda moravam em seu lugar, constituiu suas experiências de vida, pois o compositor através das letras expressou o sentimento de cada ser, ao descrever o amor, as inseguranças sentidas, a cidade homenageada na letra da canção, as lendas que o entrevistado cresceu ouvindo, as festas populares de seu lugar, os rios, a natureza... Ao ouvir estas canções, os migrantes nos revelam seu lugar, sua memória.

As músicas, são como uma ferramenta de recuperação desta memória, ao tentar recuperá-la buscamos descrever suas marcas deixadas na vida dos entrevistados, que carregam consigo suas canções mesmo na diversidade, transparecendo suas singularidades.

Os objetivos da pesquisa partiram de alguns conceitos que guiam a Geografia Humanista Cultural, como Lugar, Identidade, Territorialidade e Cultura. Buscando identificar estes temas na vida do sujeito dialogamos com os entrevistados, primeiramente com dois migrantes, no decorrer dos Festivais Culturais, estes sendo desenvolvido por um empresário amazonense na cidade de Manaus, que já percebeu esta quantidade significativa de pessoas vindas de outros lugares do Brasil, ao valorizar a cultura do Outro, o empresário busca também uma obtenção de lucro, neste reviver cultural.

E depois, percebendo a presença de estabelecimentos comerciais no bairro Tancredo Neves, onde a partir de seus nomes são voltados para a identificação de um lugar, revelando valorizar outras cidades e Estados brasileiros, fazendo-se diferente.

Percebendo a presença do Outro, Woodward (2009) vai nos falar que a identidade “*surge por haver as diferenças*”, em meio a diversidades sociais/culturais, o migrante (re) afirma-se como alguém de um outro lugar.

Os entrevistados carregam consigo suas canções literalmente, elas estão presentes em seu cotidiano, seja através de seus celulares, ou nos cds reproduzidos nas caixas

amplificadoras, como no estabelecimento comercial do migrante Paraense IV, e do migrante maranhense I.

Atualmente, há toda uma forma moderna de consumo musical, como nos relatou o migrante carioca: *“Através da internet, tenho acesso desde os sambas antigos, até os sambas enredos atuais de minha Escola de Samba”*.

Esta forma de consumo tecnológico, possibilita que as canções estejam presentes na vida do entrevistado, a facilidade de se ter uma música pela internet, faz parte da vida de muitos dos sujeitos ouvidos, no entanto, esta facilidade pode impossibilitar algumas informações sobre as canções pois, ao priorizar somente o ouvir os cantores/bandas, o compositor das músicas normalmente não é reconhecido, por isso, mesmo contando com o auxílio avançado da internet, algumas letras das canções apresentadas, não consta a identificação de seus autores.

Ao trabalhar o aspecto cultural na vida dos migrantes no bairro Tancredo Neves, Zona Leste de Manaus, percebemos que num primeiro momento, muitos ligam-se ao seu lugar natal, através do nome do seu estabelecimento comercial, outros incorporam além da toponímia no comércio, o apelido referente a sua cidade de origem, outros exaltam seu lugar através dos símbolos visuais, além do nome do seu estabelecimento, com a presença de bandeiras de seu Estado nos comércios, outros ouvem as narrativas característica de sua cidade, através das músicas.

Com as músicas, há uma relação do sujeito com o Lugar, mesmo este estando distante fisicamente, o migrante relembra de sua infância, do tempo de criança, do contato com a natureza, de seus pais repassando os ensinamentos morais, da valorização de sua terra descrita na canção e enaltecida por suas belezas naturais.

Para essa valorização cultural, é necessário haver uma relação de pertencimento do migrante com o Lugar, isso ocorre através da Identidade.

A identidade do sujeito está internamente ligada ao lugar de onde ele veio, o migrante orgulha-se de onde migrou, o recordar lhe dá uma real representação da importância de seu lugar, por mais que ele se mude, vá de um lugar para outro, ele carregará sua cultura suas tradições e a desenvolverá no novo lugar de moradia.

Todavia, para a compreensão desta vivência cultural, partimos para a abordagem da Geografia Humanista Cultural, buscando ressaltar a cultura musical desenvolvida pelo migrante em Manaus, e percebendo sua presença através da construção da Territorialidade.

A partir das letras das canções que falam de sua terra, desenvolvendo a pesquisa para além de um estudo sobre migração em Manaus, nos concentramos no fenômeno cultural,

sendo guiados pela fenomenologia, que de acordo com Nogueira (2014): *busca a valorização do saber adquirido por nós ao longo da vida, é esta fundamentação filosófica que melhor nos apontou caminhos.*

O ouvir enriqueceu sobremaneira o nosso trabalho, nos permitiu uma aproximação com os sujeitos, conhecendo e compreendendo seus anseios de vida, os objetivos alcançados ao viver em Manaus, sua forma de ver o mundo. Ao ouvirmos as experiências dos migrantes, e as músicas que os fazem recordar de sua terra, percebemos que sua manifestação musical nos possibilitou compreender a importância do Lugar em sua vida.

Este lugar sendo revelado e caracterizado através das canções, busca a descrição cultural na vida do migrante, lembrando-o do tempo em que ainda morava em sua cidade, criando uma imagem de lugar perfeito.

A música desperta realidades, traz de volta sentimentos vivenciados, que se incorporaram nas letras das canções, simbolizando uma narrativa de vida.

Alguns sujeitos entrevistados tentaram repassar para seus filhos a cultura musical de seu lugar, como o migrante goiano que transmitiu para o filho a cultura musical sertaneja de raiz, que o remete ao tempo em que ele ainda estava em Goiás, mesmo estando fora do lugar o migrante goiano continua escutando a música do lugar, no entanto, o filho não deu importância a este gênero musical, interpretando apenas como uma música antiga, e descontextualizada.

Muitos dos entrevistados já foram visitar suas cidades como o migrante paraense I, o migrante maranhense II, e o migrante gaúcho.

Outros não tiveram oportunidade ou não quiseram rever o lugar de onde vieram, pois perceberam que suas cidades sofreram muitas modificações que as descaracterizaram, guardando suas paisagens somente na memória, como o migrante cearense.

Diferentes fatores contribuíram para a migração destes sujeitos, a grande maioria migrou na esperança de melhores condições de vida, alguns já tinham familiares em Manaus e no Interior do Amazonas, os quais providenciaram uma oportunidade de trabalho para os entrevistados, como o migrante maranhense I, e o migrante goiano.

Ao ouvirmos as narrativas de vida, algumas questões políticas e sociais surgem nas conversas, como o fato do migrante ter que se deslocar de seu lugar para concorrer a uma vaga de trabalho, ou fato do Estado do Amazonas não ter Rodovias Federais que o ligue ao Sul do Brasil para que o transporte terrestre seja realidade na vida da população amazônica, e com isso ao se deslocar existam outras alternativas, além dos transportes aéreos.

No entanto, em meio as queixas sociais, muitos dos migrantes ressaltaram Manaus, como uma cidade próspera, onde inclusive na periferia há oportunidades de trabalho, e eles estão na cidade para terem um progresso econômico e ajudar no desenvolvimento do lugar, em meio a tantas desigualdades sociais.

Ao citarem as músicas que descrevem suas experiências de vida, compreendemos que às vezes na vida do migrante, *Bateu Saudade* de seu lugar, ele então procura em Manaus reviver o seu *Chão Goiano*, ou quem sabe sentir o *Cheiro do Pará*, mesmo sabendo que *Em Todo Canto do Mundo Tem um Cearense*, mas carregando em seu coração *Maranhão, meu Tesouro meu torrão*, buscando através das músicas ser um *Aventureiro Garimpeiro* ou as *Lembranças do Garimpo*, para saldar os conterrâneos com *Aquele Abraço*, buscando reviver sua cultura e fazendo-se tão desbravadores quanto uma *Asa Branca*.

Desta forma, os migrantes procuram contribuir com o avanço econômico, demográfico e cultural da cidade de Manaus, tornando esta cidade o seu lar, o seu lugar.

ANEXO: ENTREVISTAS

Entrevista com o Migrante Paraense, durante o Festival Paraense

- Onde você nasceu?
- Você está a passeio em Manaus, ou já mora na cidade?
- Qual bairro você mora em Manaus?
- Como é a cultura paraense?
- Como é a cultura do bairro que você mora em Manaus?
- A cultura paraense é importante em seu dia a dia?
- Quais as músicas que o faz lembrar do Pará?
- Como você descreve a cultura paraense?

Entrevista com a Migrante Cearense durante o Festival Nordestino

- O Festival Nordestino é importante para você?
- Como é a música do seu lugar?
- O que falam as músicas de seu lugar?
- Qual artista representa sua cultura musical?

Entrevista com o empresário amazonense responsável pelos Festivais Paraense e Nordeste

- Como surgiram os Festivais Culturais?
- Porque a mudança de local onde era realizado os Festivais?
- Como o sr. identificou os frequentadores dos Festivais?
- Qual o primeiro Festival realizado pelo sr.?
- Quais os cantores o sr. traz para os Festivais?

Entrevista com os migrantes comerciantes, moradores do bairro Tancredo Neves

- Porque seu estabelecimento comercial tem este nome?
- Quanto tempo faz que você mora em Manaus?
- Em quais bairros de Manaus você já morou?
- Faz quanto tempo que você mora no bairro Tancredo Neves?
- Você conhece muitas pessoas que nasceram na mesma cidade que você e moram aqui em Manaus?
- Quais cantores, bandas, artistas lhe lembram de sua cidade natal?
- Quais músicas lhe lembra de sua cidade de origem?
- Você se identifica com as músicas de sua cidade?
- Você escuta as músicas que representam sua cidade?
- Tem alguma casa de show, bar ou um estabelecimento comercial que você vá, para ouvir as músicas de sua cidade?
- O que mais representa sua cidade: música, dança, comidas típicas, sotaque, religião, futebol?

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, Sarita. Território e Territorialidades. In: BRAGA, C., MORELLI G., Lages V. N., *Territórios em Movimento: Cultura e Identidade como estratégia de inserção competitiva*. Relume Dumará Editora. Brasília 2004, 352 p.

AMÂNCIO, Rosana G. Dissertação: *As “cidades trigêmeas”*: Um estudo sobre atitudes linguístico-sociais e identidade. Universidade Estadual de Campinas. 2007. Disponível: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/268962/1/Amancio_RosanaGemina_M.pdf Acesso:02/01/2018.

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

Bairro Tancredo Neves. Histórico do bairro Tancredo Neves Manaus. Disponível em:< http://portalamazonia.globo.com/artigo_amazonia_az=506>. Acesso: 15 de maio de 2017.

BUTTNER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1985.

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z.; (org.). *Geografia Cultural uma Antologia Volume I*. Ed. UERJ 2012 p. 13

CARNEY G. Música e Lugar. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (Orgs). *Literatura, Música e Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

COSTA, Noélio M. *Essa música foi feita pra mim! Relações amorosas, paixões cotidiano presentes na música brega em Manaus*. Manaus: Ufam: Dissertação de Mestrado Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura, Universidade Federal do Amazonas, 2005.

CORRÊA, Roberto L.; *Sobre a Geografia Cultural*. IN: Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul, 2009.

CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Z.; (org.). *Geografia Cultural uma Antologia Volume I*. Ed. UERJ 2012.

_____. *Introdução à Geografia Cultural*. 6º Edição. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil, 2014, 224 p.

_____. *Manifestação da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 1999.

CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural* 3ª Edição. Florianópolis. Editora da UFSC, 2007.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. *Perspectivas da Geografia*. Difel. São Paulo, 1985.

DARTIGUES, André. *O que é a fenomenologia?* São Paulo; Centauro, 2005.

Diário Oficial da Prefeitura de Manaus. Disponível em: <http://implurb.manaus.am.gov.br/bairros-de-manaus/> data de Acesso: 10/05/2017.

DIAS, Valton N. C. RONSINI, V. V. M. *O consumo de música regional como mediador da identidade*. Revista Ponto e vírgula, 2008. Universidade Federal de Santa Maria UFSM.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário da Língua Portuguesa. 7º Ed. Curitiba: Positivo, 2014.

FREIRE, K.C. F. *O reggae em São Luiz, na contemporaneidade: Identificação cultural, segmentação e mercado*. Revista Cambiassu, São Luís-MA, ano XVIII, nº4, p. 1-24, 2008. Disponível em: http://www.cambiassu.ufma.br/cambi_2008/karla.pdf. Acesso: 2017.

FUSCALDO, B. M. H. *O carimbó: cultura tradicional paraense, patrimônio imaterial do Brasil*. Revista da USP, nº 18, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/74966/92654> revista USP 2014.

GIL FILHO, S. F. Geografia Cultural: Estrutura e Primado das Representações. *Espaço e Cultura*. Rio de Janeiro. NEPEC, v. 19-20, p.51-59, 2005. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3491/2419>. Acesso 14/11/2017.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: Tomaz Tadeu da Silva (Org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. *Identidade e diferença*. 9º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira L. Louro. 11º ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAESBAERT, R. Identidades Territoriais. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny; (org.). *Manifestação da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro. Editora da UERJ, 1999.

HOEFLE, S. W. Epistemologia e teoria cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z.; (org.). *Geografia Cultural uma Antologia Volume I*. Ed. UERJ 2012.

HOLZER, Werther. O método fenomenológico: Humanismo e a Construção de uma Nova Geografia. In: *Temas e Caminhos da Geografia Cultural*. CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

_____. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny; (org.). *Matrizes da Geografia cultural*. Rio de Janeiro. Editora da UERJ, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: < <http://ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 14 maio 2017.

Kong, L. Música Popular nas análises Geográficas. In: *Cinema, Música e Espaço*. CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

LE BOSSÉ, M. As questões de identidade em Geografia Cultural- Algumas concepções contemporâneas. In: In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny; (org.). *Paisagens, Textos e Identidades*. Rio de Janeiro. Editora da UERJ, 2004.

LOWENTHAL, D. Geografia, Experiência e Imaginação: Em direção a uma Epistemologia Geográfica. In: In: CHRISTOFOLETTI, A. *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1985.

LUCHESE, M. C. A. *A luta contra o preconceito, o reggae sob o olhar das bandas do estilo*. Universidade de São Paulo, trabalho de conclusão de curso, 2015. Disponível em: <http://myrtu.uspnet.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/a_luta_contra_o_preconceito_-_o_reggae_sob_o_olhar_das_bandas_do_estilo_-_maria_isabel_chagas_de_almeida_luchesi.pdf>. Acesso: 25.01.2018>.

LOPES, J. *História e Música: Uma análise taxemática da canção “Aquele Abraço” de Gilberto Gil*. Revista Temática. Disponível em: http://www.insite.pro.br/2012/abril/historia_musica_gilbertogil.pdf. Acesso: 2017.

MAIA, C. E. S. Ensaio interpretativo da dimensão espacial das festas populares proposições sobre festas brasileiras. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny; (org.). *Manifestação da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro. Editora da UERJ, 1999.

MARANDOLA, Eduardo Jr. *Ser migrante: Implicações territoriais e existenciais da migração*. VI Encontro Nacional sobre Migrações. Belo Horizonte 2009.

MELLO, J. B. F. *O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira (1928-1991): uma introdução à geografia humanística*. 1991. Dissertação (Mestrado em Geografia)– Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

_____. Valores em Geografia e o dinamismo do Mundo Vivido na obra de Anne Buttimer. *Espaço e Cultura* Revista. UERJ, RJ, n° 19-20, Jan./Dez. 2005. Disponível em: www.e-publicacoes.teste.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/download/.../2417. Acesso: 02/04/2017.

NASCIMENTO, A. R.A, Menandro, P R. M. *Memória social e saudade: Especificidades e possibilidades de articulação na análise psicossocial de recordações*. Memorandum, 8 p. 5-19. 2005. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/-memorandum/artigos08/nascimento01.htm>. Acesso em: 2017.

NOGUEIRA, A.R.B. *Percepção e representação gráfica: A “Geograficidade” nos Mapas Mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas*. Manaus. Edua 2014, 222 p.

_____. *Uma interpretação fenomenológica na Geografia*. Anais X Encontro de geógrafos da América Latina, Universidade de São Paulo 2005. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Teoriaymetodo/Metodologicos/11.pdf>>. Acesso: 2017.

OLIVEIRA, K. F. JANNUZZI, P. M. *Motivos para migração no Brasil: padrões etários, por sexo, e origem/destino*. Revista Scielo. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf>. 2004. Acesso: 2017.

PAZETTI, Henrique A. A Geografia do Médio Tietê – SP e sua Poesia Cururueira In: *Geografia e Música: Diálogos/ Dozena Alessandro (Org.)*. 1º Ed. 2016.

RAFFESTIN, C. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993.

RAMALHO, E. B. *Cantoria Nordestina: Pensando uma estética da cultura oral*. Disponível em: http://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Ramalho-Cantoria_Nordestina.pdf >. Acesso: 2017.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. (org.). *Geografia Cultural uma Antologia Volume I*. Ed. UERJ 2012.

REBELO, Samantha Cardoso. *Mais definições em trânsito, Forró*. Disponível: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/FORRO.pdf>. Acesso: 30.01.2018

SACRAMENTA, Diane M. Oliveira. *“Lugares que migram” As imagens do mundo vivido pelos assentados do Canoas em Presidente Figueiredo (AM)*. Manaus: Ufam: Dissertação de Mestrado em Geografia, Universidade Federal do Amazonas, 2010.

SACK, R. *Human Territoriality. Its theory and history*. Cambridge University Press, (1986).

SOUZA, E. *Fluxo migratório no Amazonas*. Artigo Revista Continuum. 2008. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/materiacontinuum/outubro-2008-fluxo-migratorio-no-amazonas/> Acesso: 01/05/2017.

SUESS, R. C. ALMEIDA, S. A. *O “lugar” de Goiás nas letras de músicas sertanejas: Uma abordagem geográfica*. Disponível em: <http://www.see.ufu.br> > v.16 n° 54. 2015. Acesso: 2018.

TORRES, M. A. A música religiosa e suas espacialidades In: *Geografia e Música: Diálogos/ Dozena Alessandro (Org.)*. 1º Ed. 2016.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: A perspectiva da experiência*. Trad. de Livia de Oliveira. São Paulo. Editora Difel, 2013.

_____. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1985.

VAINER, C. B. Reflexões sobre o poder de mobilizar e imobilizar na contemporaneidade. In: NETO, H.P.; FERREIRA, A. P. (Orgs.). *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. R. Janeiro: Raven, 2005.

VIEIRA Carolina D. PAIXÃO Lucas F. 2016. In: *Geografia e Música: Diálogos/ Dozena Alessandro (Org.)*. 1º Ed. 2016.

VIANNA, Hermano. *Tecnobrega a música paralela* In: Folha de São Paulo, 2004.

WAGNER, Philip L. MIKESELL, Marvin W. Os Temas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny; (org.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil, 2014.

WOORDWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Tomaz Tadeu da Silva (Org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. *Identidade e diferença*. 9º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SITES CONSULTADOS

[http: www.letras.com.br/julionascimento](http://www.letras.com.br/julionascimento). Acesso: 2017
[http: www.letras.com.br/pinduca](http://www.letras.com.br/pinduca). Acesso:2017
[http: www.letras.mus.br/bandacalypso](http://www.letras.mus.br/bandacalypso). Acesso: 2017
[http: www.vagalume.com.br/Alcione](http://www.vagalume.com.br/Alcione). Acesso: 2017
[http: www.youtube.com.br/bandayemanjahroots](http://www.youtube.com.br/bandayemanjahroots). Acesso: 2017
[http: www.letras.mus.br/gino e geno](http://www.letras.mus.br/gino_e_genio). Acesso: 2017
[http: www.youtube.com.br/osmonarcas](http://www.youtube.com.br/osmonarcas). Acesso: 2017
[http: www.youtube.com.br/mastruzcomleite](http://www.youtube.com.br/mastruzcomleite). Acesso: 2017
[http: www.youtube.com.br/robertovillar](http://www.youtube.com.br/robertovillar). Acesso: 2017
[http: www.letras.mus.br/gilbertogil](http://www.letras.mus.br/gilbertogil). Acesso: 2017.